

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM  
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - IFCHS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL - PPGAS

PIETÀ GRAÇA CASTRO PINTO TRAJANO VIEIRA

**Como nasce um santo de cemitério? A devoção a Edmundo  
Pé de Ferro em Benjamim Constant – AM.**

*Manaus*

*Setembro de 2018*

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

V658c Vieira, Pietà Graça Castro Pinto Trajano  
Como nasce um santo de cemitério? : a devoção a Edmundo Pé de Ferro em Benjamim Constant – AM. / Pietà Graça Castro Pinto Trajano Vieira. 2018  
176 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Sidney Antonio da Silva  
Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Religiosidade popular. 2. devoção marginal. 3. santo de cemitério. 4. amazônia. I. Silva, Sidney Antonio da II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

PIETÀ GRAÇA CASTRO PINTO TRAJANO VIEIRA

**Como nasce um santo de cemitério? A devoção a Edmundo  
Pé de Ferro em Benjamim Constant – AM.**

*Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas como  
requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia  
Social.*

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Sidney Antonio da Silva – PPGAS/UFAM (Presidente)

---

Prof. Dr. Raimundo Nonato Pereira da Silva – PPGAS/UFAM (Membro, examinador interno).

---

Profa. Dra. Kátia Cilene do Couto – PPGH/USP (Membro, examinadora externa).

## *Dedicatória*

*À cidade de Benjamin Constant – AM com muito carinho.*

*À minha amada antropologia, ainda tão marginalizada, que me ajudou a pensar à sistematização dos dados e reflexões contidas nesta dissertação e que tem contribuído para mim, aos poucos, penetrar e conhecer o que ainda está por conhecer.*

*À memória de Edmundo. Afinal esta é a sua história: viva e atuante.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Capes pela bolsa.

Ao PPGAS/UFAM pela oportunidade de realizar o mestrado e pelo apoio recebido durante o curso, na pessoa do atual coordenador: Gilton Mendes dos Santos.

Aos professores (as) do PPGAS com os (as) quais cursei disciplinas e que contribuíram com a minha formação antropológica: especialmente a Ana Carla Bruno, Maria Helena Ortolan, Márcia Calderipe, Fátima Weiss e Sidney Antonio da Silva; do PPGSCA: Michel Justamand.

Ao meu orientador Sidney Antonio da Silva pela paciência e tolerância em relação a minha dinâmica no curso, em parte devido ao processo de maternidade pelo qual passei durante a realização do mestrado, por me agregar ao GEMAS e pelas orientações que contribuíram para o direcionamento da minha pesquisa e a elaboração desta dissertação.

Aos membros da banca de qualificação: Kátia Couto e Fátima Weiss pelas sugestões que serviram para a ampliação e aprofundamento da temática desta dissertação.

Aos colegas meus colegas discentes do PPGAS, especialmente ao Tharcísio Santiago Cruz.

A minha orientadora de TCC e amiga Gilse Elisa Rodrigues pelo incentivo e por acreditar no meu trabalho.

Aos técnicos em informática do INC, Luciano Bonifácio e Juarez pela ajuda ao lidar com os problemas com o computador.

A secretária do PPGAS/UFAM, Franceane Corrêa pela ajuda com as documentações e trâmites burocráticos durante todo o curso.

Aos meus interlocutores e devotos de Edmundo que deram vida a esta dissertação.

**Agradecimentos especiais** aos meus pais Adolpho Peres e Fátima Graça, pela força, carinho, amor e proteção nos momentos mais difíceis e importantes de minha vida.

Ao meu esposo José Maria Trajano por dedicação, gratidão e apoio em todos os momentos de minha vida, tanto acadêmica quanto familiar, também por ter sido amigo e contribuído de forma crítica e reflexiva na construção deste trabalho: és para mim exemplo e referência, obrigada amor.

Aos meus filhos Pietro Jesus e Janine Petra por entenderem minha ausência e pela paciência quando não pude estar fisicamente com eles, nos momentos mais importantes de suas vidas.

Por último, ao criador da vida: DEUS.

## RESUMO

Esta dissertação apresenta questões alusivas ao processo de santificação não oficial de Edmundo “Pé de Ferro”, alvo de devoção de caráter popular no município de Benjamin Constant - AM. O objetivo principal deste trabalho é o de analisar como se constrói esta devoção no contexto Amazônico, descrevendo de que forma este processo se manifesta e quais são os elementos constitutivos de uma devoção denominada pela literatura antropológica como “marginal”. O foco do presente estudo é o imaginário social e religioso vivenciado pelos sujeitos da pesquisa que rendem reverências a Edmundo, não obstante a indiferença da Igreja Católica, de onde provem a grande maioria dos seus devotos, os quais serviram de interlocutores no trabalho etnográfico em torno do personagem em foco. Por meio da narrativa de moradores locais, reconstruo parte da história de Edmundo Pé de Ferro em Benjamin Constant, sua breve vida nessa cidade e a trama que o envolveu numa morte trágica, fato que aos olhos de seus devotos lhe confere uma suposta santidade. O Cemitério São Francisco (também conhecido como “cemitério velho”), localizado no Bairro Colônia, foi o *locus* central para a realização desta pesquisa. É nele que está o túmulo de Edmundo, local de culto para muitos devotos que elegeram este personagem como seu protetor. Os dados coletados nesse cemitério me permitiram pressupor que o elemento central que daria suporte ao imaginário religioso que se construiu em torno da memória e da imagem de Edmundo, ou seja, o seu processo de “santificação”, seria o tipo de morte pela qual passou, ou seja, uma morte precedida de muito sofrimento. A idéia de uma morte marcada pelo martírio/sacrifício estaria sedimentando as bases para o reconhecimento de Edmundo como um Santo popular, ou “Santo de Cemitério”. Entre outros elementos que dão suporte a este tipo de devoção, destacamos a prática de ascender velas na segunda-feira e a visitação ao túmulo de Edmundo, no dia de Finados. Na mentalidade dos devotos, o sofrimento de Edmundo é o que o leva ao ápice no plano espiritual e ao processo de sua santidade, a tortura no seu corpo, a morte lenta e gradual, faz gerar no imaginário religioso dos devotos a idéia de que ele é santo e faz milagres. Contudo, um santo fora dos patamares da Igreja oficial, isto é “marginal”. Para seus devotos Edmundo é santo e milagreiro, e isso é o que importa.

**Palavras Chave:** Religiosidade popular; devoção marginal; santo de cemitério; amazônia.

## ABSTRACT

This dissertation presents issues related to the process of sanctification unofficial Edmundo "pé de ferro", the object of devotion of popular character in the municipality of Benjamin Constant-AM. The main objective of this project is to analyze how to build this devotion in the Amazonian context, describing how this process manifests itself and what are the components of a devotion named by the anthropological literature as ' marginal ". The focus of this study is the social and religious imagery experienced by subjects of research that yield bows to Edmundo, despite the indifference of the Catholic Church, from which stems the vast majority of his devotees, which served as interlocutors in the ethnographic work around the character in focus. Through the narrative of local residents, rebuild part of the story of Edmundo pé de ferro in Benjamin Constant, his brief life in this town and the plot that involved in a tragic death, which in the eyes of his devotees gives it supposed Holiness. The São Francisco Cemetery (also known as "old cemetery"), located in the Colony, was the central locus for the realization of this survey. It is where the tomb of Edmundo, place of worship for many devotees who elected this character as their protector. The data collected in that cemetery allowed me to assume that the central element that would support the religious imagery that was built around the memory and image of Edmundo, i.e. his process of "sanctification", would be the kind of death by which passed, or a death preceded by so much suffering. The idea of a death marked by martyrdom/sacrifice would be settling the bases for the recognition of Edmund as a popular Saint, or "Saint of Cemetery". Among other elements that support this kind of devotion, we highlight the practice of Ascend candles on Monday and the visits to the tomb of Edmundo, on the day of the dead. On the mentality of the devotees, the suffering of Edmundo is what leads to the climax in the spiritual plane and to the process of your Holiness, in his body, slow and gradual death, does generate the religious imagery of devotees the idea that he is a Saint and miracle worker. However, a Saint out of the heights of the official Church, this is "marginal". To his devotees, Edmundo is a Saint and miracle worker, and that's all that matters.

Keywords: popular religiosity; marginal devotion; Saint of cemetery; Amazon.

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>11</b>
<b>Capítulo 1: O contexto da pesquisa.....</b>	<b>15</b>
1.1. Nas fronteiras do Sagrado: um panorama religioso da tríplice fronteira Brasil-Peru-Colômbia.....	15
1.2. O Bairro Colônia: uma incursão no imaginário religioso local.....	42
1.3. O Arigó Edmundo em Benjamin Constant.....	55
1.4. O campo e o problema da pesquisa.....	70
1.5. O Cemitério como campo de pesquisa: desafios teórico-metodológicos.....	75
<b>Capítulo 2: A construção de uma devoção marginal.....</b>	<b>85</b>
2.1. A morte/sacrifício de Edmundo e a construção da devoção marginal.....	85
2.2. Segunda-feira: o dia das almas.....	90
2.3. Momento de atualização da devoção: O dia de finados.....	96
2.4. Dos pedidos à santidade marginal de Edmundo.....	112
<b>Capítulo 3: Edmundo “Pé de Ferro”: De assassino a “santo”.....</b>	<b>123</b>
3.1. Um arigó vira santo.....	123
3.2. Práticas devocionais no contexto da modernidade.....	132
3.2.1. Religião e sociedade na modernidade.....	133
3.2.2. Edmundo: um santo forte.....	136
3.2.3. Santos, mitos, subjetividades.....	137
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>152</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>155</b>

## Lista de figuras

<i>Figura 01- Cruzeiro do cemitério de Letícia – Colômbia.....</i>	<i>24</i>
<i>Figura 02- Vista parcial do cemitério de Letícia.....</i>	<i>24</i>
<i>Figura 03 - Anúncio de missa no cemitério “Jardin de los Recuerdos” de Letícia no dia de finados.....</i>	<i>25</i>
<i>Figura 04- Imagem da Virgem Maria, localizada próxima ao cemitério de Letícia.....</i>	<i>27</i>
<i>Figura 05- Placas em agradecimento a graças alcançadas por devotos da Virgem Maria.....</i>	<i>27</i>
<i>Figura 06 - Jovens católicos durante a procissão da sexta-feira santa.....</i>	<i>34</i>
<i>Figura 07– Representação da crucificação de Cristo na “Sexta Feira Santa”.....</i>	<i>35</i>
<i>Figura 08- Testemunhas de Jeová, com seu carrinho de revistas, evangelizando no dia de finados na entrada do Cemitério São Francisco.....</i>	<i>36</i>
<i>Figura 09- Concentração antes do início da Marcha para Jesus (fonte: Pietà Vieira, 2017).....</i>	<i>38</i>
<i>Figura 10- Pastor Batista convocando a cidade a participar da Marcha para Jesus.....</i>	<i>38</i>
<i>Figura 11- Passagem da Marcha para Jesus pelo centro de Benjamin Constant.....</i>	<i>39</i>
<i>Figura 12 - Concentração de pastores evangélicos "abençoando" a cidade durante a Marcha.....</i>	<i>39</i>
<i>Figura 13- Lideranças religiosas e políticas formam uma corrente de oração encerrando à Marcha.....</i>	<i>40</i>
<i>Figura 14 – Fiéis em passeata pelas ruas de Benjamin Constant em comemoração ao centenário da atuação da Assembléia de Deus no Amazonas.....</i>	<i>41</i>
<i>Figura 15 - Pastores assembleianos com suas bíblias e vestuário típico comandando a passeata em comemoração ao centenário da Igreja no Amazonas.....</i>	<i>41</i>
<i>Figura 16- Aspecto parcial do bairro Colônia à noite.....</i>	<i>45</i>
<i>Figura 17- Capelinha de São Lázaro no Bairro Colônia.....</i>	<i>49</i>
<i>Figura 18– Vista do cemitério na noite do dia de finados, onde se avista a capela de Edmundo (em azul) próxima a rua no canto direito da imagem.....</i>	<i>96</i>
<i>Figura 19- Acender de velas no túmulo de Edmundo no dia de finados.....</i>	<i>107</i>
<i>Figura 20- Momento de concentração e de diálogo com o "santo" por parte dos devotos de Edmundo.....</i>	<i>108</i>
<i>Figura 21- Homens e mulheres recorrendo à ajuda de Edmundo na tentativa de solucionarem seus problemas.....</i>	<i>108</i>
<i>Figura 22- Alguns devotos de Edmundo na fila para entrar na capela de Edmundo no dia de finados.....</i>	<i>109</i>
<i>Figura 23 – Acender de velas no dia de finados, ao pé do cruzeiro, no cemitério novo.....</i>	<i>111</i>
<i>Figura 24- Missa no Cemitério São Francisco no dia de Finados.....</i>	<i>112</i>
<i>Figura 25 – Devota de Edmundo.....</i>	<i>118</i>
<i>Figura 26- Senhora peruana agradecendo a Edmundo por ter conseguido a documentação brasileira para seus filhos.....</i>	<i>120</i>

## Introdução

Esta dissertação apresenta questões alusivas ao processo de santificação não oficial de Edmundo “Pé de Ferro”, alvo de devoção de caráter popular no município de Benjamin Constant - AM. O objetivo principal deste trabalho é o de analisar como se constrói esta devoção no contexto Amazônico, descrevendo de que forma este processo se manifesta e quais são os elementos constitutivos de uma devoção denominada pela literatura antropológica como “marginal”.

O foco do presente estudo é o imaginário social e religioso vivenciado pelos sujeitos da pesquisa que rendem reverências a Edmundo, não obstante a indiferença da Igreja Católica, de onde provem a grande maioria dos seus devotos, os quais serviram de interlocutores no trabalho etnográfico em torno do personagem em foco.

O interesse por sua história e trama que foi se construindo ao logo do tempo surgiu ainda quando eu era menina, pois ouvia os mais velhos falarem a respeito da devoção a Edmundo. A história desse personagem despertou em mim muita atenção e uma surpreendente curiosidade por ser uma história cercada de mistérios, fato que mais tarde se traduziria no anseio de escrever um trabalho sobre ele. Isto se deu quando ingressei na graduação em antropologia na Universidade Federal do Amazonas<sup>1</sup>

A história de Edmundo é cercada de algumas incógnitas que não consegui desenvolver na graduação, pela falta de tempo e por dificuldades em encontrar na literatura fontes bibliográficas, histórico-antropológicas sobre o fenômeno estudado no contexto amazônico. Outro motivo foi pelo fato de acreditar que poderia explorar melhor os dados já discutidos numa pesquisa mais ampla, a qual só seria possível numa pós-graduação.

Compreender a importância da construção de um “santo de cemitério”, numa região amazônica não é um trabalho fácil, pois se trata de analisar fatos, evidências, determinadas práticas religiosas que muitas vezes, pode passar despercebido aos olhos de uma percepção desavisada. Foi a partir desta perspectiva que me preocupei em levantar dados e continuar a

---

1. A presente dissertação de mestrado é um aprofundamento da pesquisa iniciada nos anos de 2011 e 2012: nas disciplinas “Seminário de Pesquisa”, “Estágio Supervisionado”, e “Trabalho de Conclusão de Curso” do Bacharelado em Antropologia no Instituto de Natureza e Cultura da Universidade Federal do Amazonas (Pinto, 2013).

pesquisa para obter mais conhecimentos acerca da devoção a Edmundo, alvo de uma devoção “marginal” em um cenário amazônico.

Como uma Benjaminense, cresci com algumas inquietações alusivas às práticas religiosas classificadas como constitutivas do denominado “catolicismo popular” que se desenvolveu na Região do Alto Solimões, cujo imaginário se apoia na tradição cristã do culto aos santos (as), sejam eles canônicos ou não. Através da narrativa de moradores locais, reconstruo parte da história de Edmundo Pé de Ferro em Benjamim Constant, sua breve vida nessa cidade e a trama que o envolveu numa morte trágica, fato que aos olhos de seus devotos lhe confere uma suposta santidade. Para que isto fosse possível, participaram como sujeitos ativos no desenvolvimento deste trabalho alguns anciãos da cidade, que viveram no final dos anos 50 do século XX e conhecem e narram melhor a história de Edmundo, bem como os devotos que hoje mantêm viva a memória de Edmundo.

O Cemitério São Francisco (também conhecido como “cemitério velho”), localizado no Bairro Colônia, foi o *locus* central para a realização desta pesquisa, cenário onde predominantemente se desenrolam as práticas devocionais, o que permite identificar um caso de devoção a um “Santo de Cemitério”, literalmente criado pelo imaginário popular.

A ausência de registros e documentos oficiais sobre os fatos que se relacionavam com meu objeto de pesquisa pedia o diálogo com pessoas que guardavam na memória fragmentos sobre os fatos. Para esta pesquisa interessava reconstituir a história destacando “a forma como a memória popular é construída e reconstruída como parte da consciência contemporânea” (Debert, 1986, p. 151).

Com relação à metodologia utilizada neste trabalho destacamos a observação participante, conjugada com outros instrumentos de coleta, como a entrevista, consulta a arquivos e documentos históricos. Foram entrevistados alguns devotos, a maior parte deles no cemitério e outros na própria residência dos entrevistados, que somaram sete interlocutores anciãos contemporâneos de Edmundo, os quais foram selecionados como os que poderiam trazer relatos mais precisos e próximos do que se pretendia neste trabalho. Por se tratar de uma questão polêmica, particularmente, para os que pertencem à Igreja Católica, optou-se pelo anonimato dos sujeitos da pesquisa.

Entre os referenciais teóricos que deram suporte às análises desta dissertação, destacamos os que dialogam com as reflexões de autores do campo da antropologia da religião e do

pensamento social, tanto clássicos, quanto contemporâneos, tais como: Mauss (2003, 2005, 2009), Weber (2000), Eliade (2010), Soares (2007), Hervieu-Leger (2008), Pereira (2005), Benchimol (2009), Langdon (1999), Calavia Sáez (1996, 2009), Silva (2008), Bourdieu (1974), Giumbelli (2011), Brandão (2004), Maués (1995), Karnal (2017) entre outros. A partir dessas referências, busco contextualizar e analisar meus dados etnográficos dentro da problemática da devoção emergente no cemitério.

No capítulo 1, contextualizamos a pesquisa, apresentando um panorama religioso da Tríplice fronteira Brasil – Peru - Colômbia, com sua diversidade de crenças e práticas religiosas, institucionalizadas ou não, bem como os espaços de diálogo entre elas e suas fronteiras. Feito isto faço uma incursão pelo imaginário religioso local, a partir do bairro da Colônia, onde está localizado o cemitério São Francisco. É nele que está o túmulo de Edmundo, local de culto para muitos devotos que elegeram este personagem como seu protetor.

O cemitério tornou-se, portanto, o *locus* privilegiado de observação, cujos dados coletados nesse local me permitiram pressupor que o elemento central que daria suporte ao imaginário religioso que se construiu em torno da memória e da imagem de Edmundo, ou seja, o seu processo de “santificação”, seria o tipo de morte pela qual passou, ou seja, uma morte precedida de muito sofrimento. A idéia de uma morte marcada pelo martírio/sacrifício estaria sedimentando as bases para o reconhecimento de Edmundo como um Santo popular, ou “Santo de Cemitério”.

No capítulo 2, buscar-se-á a partir dos dados colhidos no trabalho de campo discutir os elementos constitutivos de uma devoção marginal, mostrando as diferentes narrativas sobre o tipo de morte sofrida por Edmundo, o lugar da sua execução, os significados da sua cabeça perfurada por um grande cravo de metal, os pedidos e as oferendas que lhe são retribuídas pelos pedidos atendidos.

Entre outros elementos que dão suporte a este tipo de devoção, destacamos a prática de ascender velas na segunda-feira e a visitação ao túmulo de Edmundo, no dia de Finados. É nesse dia que católicos ou não visitam os cemitérios para realizar rituais em homenagem a seus entes queridos ou a personagens que se transformaram em foco de veneração popular, em razão do ritual de passagem pelo qual passaram um dia.

No capítulo 3: “Edmundo ‘Pé de Ferro’: De assassino a ‘santo’”, descrevemos e analisamos como a morte trágica de Edmundo lhe confere uma nova identidade, isto é, de assassino a santo, da transgressão à transcendência. A partir de sua morte, novos atributos lhe são

conferidos, bem como novas interpretações vão surgindo em torno da sua imagem. Os devotos imaginam que no plano espiritual Edmundo vai ganhando uma nova identidade, devido ao seu sofrimento terreno. Na mentalidade dos devotos, o sofrimento de Edmundo é o que o leva ao ápice no plano espiritual e ao processo de sua santidade, a tortura no seu corpo, a morte lenta e gradual, faz gerar no imaginário religioso dos devotos a idéia de que ele é santo e faz milagres. Contudo, um santo fora dos patamares da Igreja oficial, isto é “marginal”.

Para seus devotos Edmundo é santo e milagreiro, e isso é o que importa. A vida pessoal dele marcada pela contradição do assassinato fica relegada em segundo plano, pois a morte/martírio é um marco divisor entre a transgressão cometida e a santificação conferida por um contexto “mágico-religioso”. Nesse sentido, tais práticas estão mais perto da magia do que da religião.

## Capítulo 1: O contexto da pesquisa

### 1.1- Nas fronteiras do Sagrado: um panorama religioso da tríplice fronteira Brasil - Peru – Colômbia

A cidade de Benjamin Constant está localizada na área de fronteira entre o Peru e a Colômbia, países vizinhos, região do Alto Solimões e está distante de Manaus (capital) aproximadamente 1.118 km em linha reta. Benjamin Constant é um dos municípios brasileiros que abriga milhares de peruanos, colombianos e uma grande matriz indígena formada por várias etnias como Tikuna, Kokama, Kambeba, Kaixana, Uitoto entre outras. Observa Vieira (2016) que,

indígenas ou não a maioria da população da tríplice fronteira Brasil/Colômbia/Peru é composta por sujeitos multiculturais, multinacionais e multiétnicos, o que vem se consolidando na formação de uma cultura de fronteira que tem como pano de fundo a diversidade dos grupos que a compõe, grupos estes que em determinados contextos tomam o primeiro plano da cena social (Vieira, 2016, p. 183).

No centro da cidade, próximo ao porto fluvial, se localiza também o mercado municipal, área de bastante fluxo de pessoas: indígenas, ribeirinhos e peruanos (sobretudo de um grupo religioso denominado de “Israelitas”), que comercializam diversos produtos agrícolas, legumes, hortaliças e frutas e também peixes e carnes de diversas espécies e procedências.

Neste contexto de disputas por espaço na cidade, lembrei-me do texto de Antônio Arantes (1997), ao falar da “guerra dos lugares”, uma alusão à disputa simbólica pela apropriação de espaços públicos por diferentes grupos na cidade de São Paulo. Tal disputa pode ser observada também em Benjamin Constant, onde brasileiros e peruanos disputam espaços na cidade, gerando conflitos e visões preconceituosas em relação a esses imigrantes. Uma das coisas que diferencia o comércio brasileiro do peruano são os produtos que estes vendem, que na grande maioria das vezes, não se encontram nos comércios brasileiros como, por exemplo, frutas, legumes, importados e outras variedades. Isso os torna diferenciados em todos os sentidos. Como diz

Arantes: “Nesse espaço comum, quotidianamente trilhado, vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam ou, numa palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais nas suas mútuas relações” (Arantes, 1997, p. 260).

Os incomodados, nesse caso, brasileiros, alegam que os peruanos já “invadem” o Brasil, entrando ilegalmente no país, agora quererem tomar conta também do comércio local, como expressou um deles: “*já é demais*”. Na grande maioria das vezes, estes lugares não são efêmeros, mas são fixos e permanentes, delimitado e demarcado por outra identidade que reivindica seu território. É por conta disto que peruanos são os alvos a todo tempo de preconceitos da parte de brasileiros. Para esses é muito mais fácil gostar das músicas peruanas, dos produtos que eles vendem, do sabor da comida que eles fazem para vender, do que das pessoas que os produzem ou comercializam.

De um modo geral, peruanos residentes em Benjamin Constant tratam de resistir à discriminação e convive em relativa “harmonia” com os brasileiros com os quais, muitas vezes, estabelecem relações matrimoniais, salvo alguns conflitos pontuais, sobretudo, fundiários ou em razão da concorrência comercial. Diante deste cenário ninguém sabe mais dizer se o centro da cidade ao certo é mais brasileiro do que peruano. O que se nota é que os comerciantes das duas nacionalidades estão convivendo lado a lado. Arantes também aponta algo que considero relevante para o contexto desta pesquisa. Segundo ele, “mais do que territórios bem delimitados esses ‘contextos’ ou ‘ambientes’ podem ser entendidos como zonas de contato, onde se entrecruzam moralidades contraditórias, aproximam-se mundos que são parte de um mesmo todo, mas que, assim mesmo, se encontram irremediavelmente apartados” (*idem*, p. 260).

No lado peruano está situada a cidade de Islândia, separada de Benjamin Constant por meio do rio Javarzinho (como é popularmente conhecido por ser um braço do rio Javari) que em épocas de seca, no chamado verão amazônico, chega a praticamente secar, quando a passagem da fronteira pode ser feita a pé, em cima de tábuas de madeira colocadas sobre a lama e poças d’água que sobraram da alagação do “inverno”. Para quem pode gastar algum dinheiro, de modo talvez mais cômodo e um pouco mais rápido, o trajeto entre o porto de Benjamin Constant e o centro de Islândia, pode ser feito via fluvial pelo rio Javari em canoas *pec pec* que fazem muitas viagens diárias, conforme a demanda, durante todo o ano, em travessias que duram aproximadamente meia hora.

Vale lembrar que as cidades de fronteira como Islândia (Peru) e Letícia (Colômbia) foram incluídas inicialmente no campo da pesquisa por supor que naquelas cidades poderiam ser identificados casos de devoção de cunho marginal, a nível transnacional, ou algo parecido, que pudesse iluminar a compreensão da construção social de um santo popularmente criado pelo imaginário local, foco desta dissertação. Como não foi identificado no momento da pesquisa de campo nada que se pretendia observar, a pesquisa restringiu-se necessariamente a Benjamin Constant, porque foi lá que pudemos identificar um caso de devoção “marginal”. Acredito que as incursões por essas cidades de fronteira, certamente trariam outros dados. Contudo, optou-se por restringir a observação do lado brasileiro, uma vez que ampliar o campo de pesquisa, ampliariam também os desafios teóricos para dar conta de todas as questões colocadas pelo contexto de fronteira.

Quando se fala em fronteira, lembramos que muitos estudos são produzidos a respeito desta temática, que considere também importante para esta pesquisa, porque Benjamin Constant é uma cidade que se localiza nesta ampla e complexa região de fronteiras nacionais, culturais, entre outras. Alguns estudiosos desta área de Tríplice Fronteira como Silva (2008), têm desenvolvido importantes análises acerca do fenômeno mencionado, se referindo à fronteira como um espaço que suscita várias interpretações e múltiplas representações em razão da circulação de pessoas e bens simbólicos.

Na tese de Vieira (2016), voltada para a questão indígena, o autor traz reflexões pertinentes em relação a este contexto fronteiriço onde desenvolvo minha pesquisa, problematiza e identifica a grande presença nesta região de indígenas Kokama, que são alvo de muitos preconceitos, de não reconhecimento de sua diferença e de tentativas de invisibilização por parte das instituições públicas e da população local, por serem vistos como “peruanos”.

Ao estudar esta fronteira, Menezes (2009), observa que “esse é o caso da ‘conurbação’ existente entre Benjamin Constant, Tabatinga e Letícia, na Colômbia, cidades que mantêm, entre si, relações muito intensas”. Para a autora essas cidades formam uma importante configuração urbana, uma rede de fronteiras interligadas pelo controle estratégico – e, portanto, uma questão de geopolítica, como também aponta Silva (2008). Como um lugar de passagem de pessoas, a linha fronteiriça é um lugar de controle de estrangeiros pelos Estados Nacionais, mas pode ser também um espaço de “hibridação cultural” ou, ainda, o contexto em que se dá a “degradação do outro”, mediante sua subjugação a interesses econômicos (Silva, 2008; Martins, 2009).

Já para Zárate, “las ciudades o los asentamientos pares o triples ubicados en los márgenes políticos administrativos o en cercanías a ellos, no solo en la Amazonia, son sitios privilegiados aunque muy poco aprovechados para obtener conocimiento sobre las complejas realidades de nuestras fronteras” (Zárate, 2012, p. 11).

Diante de uma gama de estudos relacionados a esta Tríplice Fronteira na atualidade, e essas breves indicações dos autores citados, este capítulo apresentará um breve panorama acerca desta complexa fronteira, principalmente, no que se refere à religião e a religiosidade dos grupos humanos que lá vivem. Em um segundo momento, trará significativos relatos dos interlocutores que ajudaram a entender o passado e a contemporaneidade das práticas religiosas nesta região.

Podemos a partir destas interpretações abstraírem possíveis explicações para as diversas formas de crença que circulam nesta área de fronteira, partindo da cidade de Benjamin Constant, e analisando a devoção marginal a Edmundo Pé de Ferro que acredito ser o ápice deste trabalho, pois o meu objetivo não é explicar o pluralismo religioso da fronteira.

Não poderia deixar de incorporar a grande contribuição da história nesta produção antropológica, pois muito do que será explicitado se deve a períodos históricos, porque através desta junção pude registrar alguns acontecimentos e fatos importantes que precedem a formação desta crença a ser analisada. Por meio desta relação, relatos desta narrativa podem ser melhores interpretadas, graças à antropologia que nos ajuda a compreender a religião e religiosidade, a tradição, o social e a cultura do “outro”, enfim o homem em sua totalidade. Portanto, tanto os aportes da antropologia quanto os da história foram importantes para a produção desta dissertação, pois não se trata somente de explicitar a história e registrar acontecimentos ou fatos que representam este contexto local, de fronteira, mas reconstruir etnograficamente modalidades de crenças que tem se manifestado, principalmente, ao analisar a ritualização da atividade religiosa de católicos que recorrem às práticas de devoção tidas como “marginal” pela Igreja Católica, como é o caso de Edmundo, objeto de devoção popular em Benjamim Constant.

Nesse ínterim, mergulharemos rapidamente em registros históricos com base em dados teóricos que melhor asseguram estas elucidacões a respeito desta região amazônica fronteira. A Amazônia brasileira é representada pelo tripé cultural da presença do branco, do negro e maciçamente das culturas indígenas: “A que se mesclaram portugueses e um pequeno contingente africano, dessa amalgama resultou uma cultura regional, em que se repontam, com mais intensidade do que em outras regiões brasileiras, as tradições ameríndias” (Galvão, 1976, p. 2).

Desse modo, Galvão aborda a presença da cultura ibérica como componente na formação da cultura amazônica, que segundo ele se mesclou com a massa indígena que habitava a hileia amazônica. Ainda fundamentado no conceito de “aculturação”, de uma cultura e de um aparato burocrático e bélico mais potente por parte do colonizador europeu, segundo o mesmo autor: “Apesar da importância, desses conceitos indígenas, a nova cultura regional que emergiu na Amazônia foi predominantemente orientada por idéias e por instituições lusas, modificando-se naquilo que exigiam as circunstâncias históricas e as peculiaridades do ambiente geográfico” (Galvão, 1976, p. 6-7).

Diante deste panorama temos então o branco, o negro o índio que formam a cultura e a religião do homem amazônico, influenciada pela secular presença missionária católica que levou a hegemonia do catolicismo a toda esta região. Das idéias de Galvão subentende-se que os europeus trouxeram consigo suas crenças, tradições culturais e sua religião e implantaram um novo sistema de crença na Amazônia. Segundo Galvão, o caboclo da Amazônia em geral é católico. Com a inserção do catolicismo no Brasil que remonta desde a época do império, o catolicismo foi introjetado na vida do homem amazônico através das missões que se instalavam nas terras longínquas e mais remotas da Amazônia. Ainda segundo Galvão: “Organizado na base do pequeno grupo local, o povoado, o sítio ou a freguesia, o catolicismo do caboclo amazônico é marcado por acentuada devoção aos santos padroeiros da localidade e a um pequeno número de santos de devoção, identificados à comunidade” (Galvão, 1976, p. 3).

Em Benjamin Constant o catolicismo sempre foi uma religião predominante, com uma estrutura organizada, possuindo vários territórios, espaços físicos, políticos e sociais privilegiados que marcam sua presença e atuação nesta região do alto Solimões. Muitos são os depoimentos de pessoas ainda vivas, as quais vivenciaram e viram de perto o trabalho dos missionários que vinham da Europa, sobretudo os capuchinhos italianos, para evangelizar e dilatar a fé católica no alto Solimões. Alguns dos interlocutores lembram com saudosismo que, “*os padres exerciam naquele tempo, papel fundamental na educação benjaminense, davam aula de datilografia, balé, de música, as freiras ensinavam bordar, davam aulas de etiquetas, tínhamos bons professores tanto padres, como freiras, era um sistema rígido*” (Depoimento colhido na pesquisa de campo em 2016).

Dada a relevância do papel da Igreja Católica na história do Brasil segundo Maués (1995), entende-se a partir dessa atuação a importância da ação missionária na vida dos amazônicos.

Macedo (1989), também acrescenta que as missões foram um relevante fator tanto de evangelização quanto de apoio à colonização. A autora aponta a relevância do papel da Igreja no quadro educacional brasileiro. Segundo Macedo, por quase dois séculos os jesuítas foram os únicos responsáveis pelo ensino público no Brasil. As escolas católicas tiveram grande importância em toda a história brasileira e, com a República, ganharam destaques os colégios de freiras.

Depoimentos como estes testemunham o papel atuante que a Igreja Católica exercia na vida dos moradores e a influência no sistema educacional de Benjamin Constant. E diante do que foi citado acima, não foi diferente o que aconteceu na cidade de Benjamin, pois, padres influenciaram de forma preponderante à educação e na vida do povo benjaminense. Com base em alguns desses depoimentos, podemos supor que, havia alguns padres que tinham muito receio do sistema de opressão que regia a região, alguns deles até faziam o que os patrões queriam, acatavam todo tipo de ordem, mas havia também outros padres que não possuíam receio e não toleravam esse sistema dominante. Refiro-me ao sistema de patronagem muito citado pelos interlocutores: *“O patrão é quem mandava, alguns padres obedeciam com medo também e porque alguns destes patrões ajudavam de certa forma a Igreja”*. Neste depoimento coletado no ano de 2016 subentende-se que o econômico e o político mantinham estreitas relações com o religioso e não é de se estranhar que a expansão do catolicismo no país, como na região amazônica, tenha sido tão intensa.

Segundo Maués, os missionários que atuavam na região amazônica, jesuítas, carmelitas, mercedários e, em menor escala, franciscanos, foram de fato, como em todo o território brasileiro, uma espécie de coadjuvantes da implantação do sistema colonial (Maués, 1995, p. 40).

Em Benjamin os capuchinhos foram os que mais se fixaram sua presença na cidade, a pouco mais de um século. Até os dias atuais é de praxe vê-los nas celebrações e em alguns eventos. O templo da Igreja Católica, com sua torre, é bem explícito para quem chega a Benjamin Constant. Este templo está localizado no centro da cidade, mais precisamente na Praça Frei Ludovico, onde um grande sino anuncia algumas horas que são consideradas sagradas para a Igreja e para os católicos. Nestas horas principais algumas pessoas, meditam, fazem o sinal da cruz, rezam o Pai Nosso, a Ave Maria, acendem as velas aos santos e se recolhem para o interior de suas casas ou comércios, em alguns momentos é a hora de fechar também as portas do comércio e das casas, representando uma hora sagrada e de descanso. Isso era muito frequente no

passado, como era conhecida a “hora do anjo”, com badaladas avisando à cidade as principais horas da manhã, do meio dia e seis da tarde. Uma espécie de chamamento da igreja para o povo benjaminense meditar e rezar. Isso marca, de certa forma, a presença do catolicismo na vida cotidiana dos benjaminenses.

Gostaria de elucidar que em alguns momentos da pesquisa de campo, presenciei e testemunhei relatos e comportamentos que demonstravam atitudes de respeito e reverência com relação ao sagrado nessas principais horas mencionadas. Acredito que por ser nativa da cidade de Benjamin isso facilitava em alguns momentos a observação de tais práticas religiosas. Houve momentos em que os interlocutores ou devotos, se recolhiam e eu tinha que esperar esse momento de devoção terminar para poder retomar o trabalho de campo. Pode se dizer que a Igreja Católica tinha certo controle sobre a vida das pessoas, pois, quem morava no centro da cidade ou próximas à igreja, eram despertadas logo pela manhã com as badaladas do sino. As pessoas percebiam claramente ou eram conduzidas a irem de manhã cedo à igreja para rezar, ir ao trabalho, deixar seus filhos na escola ou ir ao mercado. As badaladas dos sinos eram como um grande despertador e marcador do tempo na cidade.

Quando alguém morria todos sabiam por que o sino ou o alto-falante da igreja anunciavam a nota de falecimento, geralmente seguido de uma música fúnebre de Wagner (a marcha para a morte), onde todos que ouviam já sabiam logo que alguém conhecido havia morrido. Isso era de praxe a menos de uma década atrás. De certa forma, a Igreja controlava até quem morria, a presença do padre nos velórios e enterros era notável, as famílias geralmente de católicos exigiam a presença do vigário.

Algumas pessoas, principalmente desta época ao qual me refiro, irão se lembrar da presença e do papel da Igreja na vida simples e corriqueira da cidade de Benjamin Constant, na qual a instituição procurava inculcar no conjunto da população o controle eclesiástico das práticas religiosas.

Ainda hoje, a mesma igreja, que já passou por várias reformas físicas ao longo do tempo, simboliza a força do catolicismo na vida das pessoas, através das procissões que ela promove de alguns santos institucionalizados por ela e considerados pelos católicos, como “santos fortes” como é o caso de São Francisco, Nossa Senhora da Imaculada Conceição (padroeira da cidade de Benjamin Constant) e outros que estão espalhados pelos bairros da cidade e que são os seus padroeiros. Em determinadas épocas do ano a Igreja promove alguns arraiais nos bairros dos

santos padroeiros, onde vários grupos se mobilizam em prol da festa do santo. Em algumas dessas procissões como a de São Francisco a procissão mobiliza uma grande aglomeração de devotos que anseiam e participam deste dia com grande dedicação, alguns ajudam a carregar o santo, principalmente os homens. Homens e mulheres de várias idades, crianças de colo, recém-nascidas e de outras idades exibem suas vestes de São Francisco, muito deles estão pagando promessas que os pais fizeram por elas, quando foram acometidos de alguma doença ou mal. Muitas dessas crianças recebem os nomes de Francisco ou Clara em homenagem aos santos padroeiros ou padrinhos.

Nas cidades vizinhas de fronteira o catolicismo também é predominante, pois, igrejas suntuosas exibem sua existência e poderio. Geralmente as igrejas católicas nestas cidades também estão localizadas nos centros e a grande maioria da população é de origem católica ou se reconhece como tal, mesmo que muitas vezes não praticante ou adepta de outra religião. Há uma grande influência da Igreja Católica na vida cultural e social das pessoas. Percebeu-se durante a prática de campo da pesquisa (2016 e 20017) que nestas cidades de fronteira, como na cidade de Letícia (Colômbia), há uma tentativa de controle mais rígido por parte da instituição católica naquele país. Nessa cidade colombiana se vê menos outros templos religiosos não católicos no centro da cidade, como se vê em Benjamin Constant, no Brasil.

Observa-se que o catolicismo na fronteira, especificamente em Letícia, tenta transmitir com bastante intensidade a noção e o desejo de totalidade na vida do povo colombiano. É perceptível no discurso dos colombianos que a Colômbia é um país fortemente católico. Em algumas passagens de rua isto é plenamente visível com a devoção aos santos institucionalizados. Nomes de santos, hierarquizados pela Igreja Católica, são encontrados nos setores públicos de atendimento ao consumidor colombiano, como nos hospitais, nas clínicas, nos hotéis, avenidas da cidade de Letícia, por meio de capelas dedicadas a eles, com pagamento de promessas em prol de uma graça alcançada. Estatuetas de santos populares também podem ser visualizadas nas ruas das cidades, bem como a festa das velas que, geralmente acontece no mês de dezembro, quando praticamente todas as famílias leticianas acendem velas nas ruas. Em algumas esquinas, rezam para os santos, aos anjos e festejam o mês de dezembro que representa o mês Natalino. Segundo informações dos próprios colombianos, em determinadas épocas do ano é corriqueiro também na cidade de Letícia o povo leticiano celebrar festas de santo de devoção em suas residências, como

pagamento de promessa, acompanhadas de orações, música e comida para quem chegar. Como expressam eles: *“Celebramos el mês del cumpleaños del Niño Jesus”*.

O mês de dezembro é muito importante para os colombianos, eles intensificam seus rituais religiosos nesta época, celebrando um mês considerado sagrado e dando sentido ao valor que o catolicismo exerce em suas vidas. Portanto temos o catolicismo que se pretende dominante em Letícia, mas foi identificada nas vozes dos colombianos a existência de outras práticas e crenças religiosas. Foi observada a presença de templos de outras denominações religiosas, como as Assembléias de Deus e outras denominações evangélicas, o templo dos Mórmons, e também agora a presença marcante das Testemunhas de Jeová.

Pelo que observamos pode-se dizer que religiões de cunho cristão são muito mais toleradas e aceitas em Letícia, sendo que outras religiões de caráter diferenciado ou exótico são vistas pela Igreja ou por uma parcela de católicos como práticas não religiosas, mágicas, ocultas ou antirreligiosas. Ouvi muitos colombianos afirmarem que em Letícia existem muitos bruxos ou bruxas, pajés ou xamãs, sobretudo às margens das *carreteras* que dão acesso às comunidades interioranas e “resguardos” indígenas. Estes indivíduos são procurados para a realização de curas, mas também para fazer o mal a alguém, como revela o depoimento de um dos meus interlocutores colombianos: *“aquí em Letícia tem muita gente que faz macumba para destruir a vida dos outros, tomar marido das outras, e você vai encontrar muita gente que paga prá matar os outros fazendo feitiço. Alguns colombianos vão pra Tabatinga procurar macumbeiro lá, porque dizem que lá é que tem macumbeiro bom. Tem muito traficante que busca macumbeiro de lá também pra pedir proteção prá não ser assassinado”* (Trad. da autora).

Depoimento como o mencionado acima foi colhido de um colombiano quando estive em Letícia no cemitério na segunda – feira para levantamento de dados, ou para obter informações que me levasse ao tema investigado. Alguns desses relatos ouvia dentro dos *tuc tucs* (moto-carros) e táxis andando pelas ruas de Letícia, na maioria das vezes tinha que improvisar ou fazer perguntas direcionadas acerca do fenômeno da religião que me levasse em alguma direção. Depoimentos assim iam sendo coletados para análises ou comparações que se pudessem ser compatíveis com o que se discute nesta dissertação. Em suma, foi observado também na cidade de Letícia que o dia de *“los muertos”* é lembrado na segunda-feira, onde muitos colombianos buscam o cemitério para acender velas, toda segunda-feira também é de costume o padre ir ao cemitério celebrar missa para as almas às 17 horas. No caso do cemitério de Letícia, que tem o

nome de “*Jardin de los Recuerdos*”, foi identificada à presença mais constante do padre local e de certa forma um controle maior da Igreja Católica no território sagrado do cemitério colombiano.



*Figura 01- Cruzeiro do cemitério de Letícia – Colômbia (fonte: Pietà Vieira, 2017).*



*Figura 02 - Vista parcial do cemitério de Letícia (fonte: Pietà Vieira, 2017).*



Figura 03 - Anúncio de missa no cemitério “Jardin de los Recuerdos” de Leticia no dia de finados (fonte: Pietà Vieira, 2017).

Muitos colombianos buscam os túmulos de seus familiares mortos para limparem, e rememorar este dia, que representa para eles algo importante, como lembrar com saudade aqueles que foram vivos um dia. Entende-se que há um controle da Igreja no território sagrado do cemitério, não somente a manifestação do catolicismo, mas sim de outras religiões que são mais toleradas pela sociedade leticiana, como as denominações protestantes. Ouvi durante a pesquisa dos próprios colombianos que existe um grande interesse, ocultado por grupos de colombianos que recorrem a outras práticas religiosas que existem na cidade de Letícia, estes procuram as escondidas os *brujos* como são expressos por eles e pelos adeptos.

Tive a oportunidade de conhecer uma senhora brasileira que me informou que saía da cidade de Benjamin Constant para consultar uma bruxa<sup>2</sup> na Colômbia. Disse-me ela que a bruxa fumava uns charutos poderosos e ao fumar conseguia ver pelos olhos do sobrenatural o que se passava com ela. Era através dos espíritos que a bruxa repassava para ela o que ela tinha que fazer. Dizia a senhora que essas tais bruxas da Colômbia “são boas”, para descobrir determinadas coisas que se quer saber, ao se tratar principalmente de cura, trazer de volta o amado etc. A

---

2. Cabe esclarecer que o termo bruxas, ou melhor, “brujas” (no espanhol) é uma designação da parte dos colombianos ao se referirem a alguém que detém certo poder mágico-religioso de adivinhar ou realizar certas funções de cunho “sobrenatural”.

senhora relatou-me que independentemente da situação que se encontra as pessoas que procuram a bruxa, ela (a bruxa) cobra um valor X em peso colombiano. Para tanto, são exigidas muitas velas e de diferentes cores para a realização do trabalho, alguns objetos específicos para determinados rituais e é cobrado também o valor do charuto. Essa senhora disse-me que às vezes tal bruxa fuma vários charutos para tentar resolver a situação da pessoa.

Percebia certa resistência de alguns colombianos ao falar de outras religiões, quando tentava dialogar com eles ou entrevistá-los. Algumas vezes conversei com eles a respeito da devoção marginal que acontece e é muito recorrente em outras partes da Colômbia, como em Bogotá onde os cemitérios são muito procurados para a realização de práticas religiosas em determinados túmulos de pessoas, que são literalmente construídas pelo imaginário social como ditas milagrosas. Mas eles categoricamente diziam para mim: *“A cá en Leticia usted no encontrará nadie do que busca, tenemos la devoción de la Virgen Maria o de la Virgen de la Cruz Roja Colombiana. Encontrarás mucho deseos cosas en otras partes de Colombia, como Bogotá, Medellín, y la parte de la costa de Colombia. Mas a cá no!”* (Depoimento coletado no ano de 2017 na cidade de Letícia).

Lugares de passagem em Letícia transmitem uma carga simbólica para muitos daqueles que por ali passam, pelo simples fato de que tanto a capela da santa, quanto o cemitério são lembrados como um lugar sagrado. É comum perceber muitos em sinal de reverência ao passar por estes lugares fazendo gestos com as mãos em sinal da cruz, se benzendo, gesticulando com a boca e cumprimentando os donos destas santas moradas, tantos santos, quanto almas, que assim são reconhecidos e lembrados por religiosos que por ali passam.



Figura 04- Imagem da Virgem Maria, localizada próxima ao cemitério de Letícia (fonte: Pietà Vieira, 2017).



Figura 05- Placas em agradecimento a graças alcançadas por devotos da Virgem Maria (fonte: Pietà Vieira, 2017).

Para levantamento das informações a respeito da devoção em solo peruano, estabeleci de início diálogos informais com peruanos, que vivem em Benjamin Constant (Brasil) e com peruanos que moram em Islândia (Peru) e que estavam num evento realizado na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), alguns deles são estudantes em Universidades peruanas e prestigiavam o evento em Benjamin. Neste dia, aproveitei o momento, para conversar com a estudante peruana de aproximadamente quarenta anos de idade.

Nesta conversação perguntei a ela se a mesma conhecia, ou já tinha ouvido falar, a respeito da existência de uma possível santidade não oficial em Islândia. Na grande maioria das vezes ao explicar para as pessoas a existência desta possibilidade de crença, não reconhecida pela Igreja, tenho que explicar com cuidado e nos mínimos detalhes o que é essa devoção marginal, mesmo que meus interlocutores ainda entendam do jeito deles. Eles categoricamente respondem: *“você não vai encontrar nada deste tipo que você tem visto acontecer em Benjamin Constant, até porque nem cemitério nós peruanos temos [em Islândia], não temos direito nem de enterrar nossos mortos, viramos brasileiros depois da morte, porque levamos nossos mortos para serem enterrados em Benjamin Constant”*. Interessante observar neste depoimento que um dos maiores desejos dos peruanos desta fronteira em vida, o de “virar brasileiro” e fixar residência no Brasil, seja por meios legais ou ilegais, para ela é alcançado depois da morte.

Outro momento importante, ocorrido durante a pesquisa de campo, foi à oportunidade de conhecer um grupo de peruanos que visitavam a cidade de Benjamin Constant, alguns deles vinham de Iquitos e de Lima e estavam conhecendo o outro lado do Peru, a saber, a cidade de Islândia, desconhecida por muitos peruanos que vivem em outros contextos no Peru, como na capital (Lima). Ao perguntar para eles sobre a devoção marginal, uma delas respondeu-me: *“em Iquitos existe um caso parecido deste no cemitério, a história de um padre, muitas pessoas buscam o seu túmulo para acenderem velas em forma de agradecimento”*. Porém, logo no mesmo instante do diálogo que estabelecíamos fui surpreendida por outra pessoa que freneticamente se dirigia a nós com uma voz altiva e contundente, dizendo para mim: *“isso não existe, o que existe mesmo é a devoción a La Virgen, deste padre és una mentira”*. Percebi que na grande maioria das vezes atitudes ríspidas deste jeito surgem da parte daqueles que se consideram católicos ortodoxos e que só acreditam na reverência dada a santos institucionalizados pela Igreja.

A partir destes discursos e dessas escutas resolvi ir até Islândia para levantar informações e certificar-me do que eles me falavam não me conformando com o que os interlocutores diziam.

Na cidade de Islândia fiz uma visita prévia de sondagem ou observação em alguns lugares. Caminhando pelas estreitas e altas pontes de concreto e de madeira, construídas uns cinco metros acima das águas do rio Javari, na tentativa de identificar algo que pudesse mapear pessoas ou lugares que me levasse às respostas que buscava saber, registrei fotos, fiz algumas visitas em alguns setores públicos de Islândia, passei pela Igreja Católica e demais igrejas que existem em Islândia. Fui a *Municipalidad*, que nesta tarde já estava fechada, mas alguns funcionários que trabalham lá estavam em frente conversando. Eles também me repassaram algumas informações, que já tinha ouvido de alguns peruanos, ao falarem que não existia mais cemitério na cidade por conta da enchente que todos os anos atingem o território do cemitério e o solo da cidade que passa meses debaixo d'água. O cemitério foi desativado, só existem algumas cruzeiras de “*algunos bebesitos*”.

Em Islândia observei que existem algumas igrejas: a Igreja Católica que está localizada próximo ao porto da cidade e de longe, ainda do rio, se avista a presença desta igreja com a imagem de *Jesus de Los Milagros*, padroeiro da cidade, e dos dizeres: “*Islândia a su Patrono*”. Diante desta observação ainda do rio, é plenamente visível que a Igreja Católica se pretende dominante também em Islândia, com estratégia política e religiosa de demarcar sua existência na vida dos peruanos de Islândia, escolhendo se constituir logo à frente da cidade, ou seja, demarcando seu espaço e autoproclamando o seu padroeiro.

A Igreja Católica normalmente ocupa um lugar de destaque nessas regiões e na vida das pessoas que lá vivem. Tanto no Brasil, como do outro lado da fronteira, o catolicismo ainda manifesta-se como a religião da maioria e faz parte da cultura local que foi trazida pelos colonizadores que aqui se instalaram, incorporando e introduzindo novos elementos na vida religiosa do homem amazônico também de fronteira, como os peruanos.

Na cidade de Islândia há outras igrejas de cunho também cristão, como as Assembléias de Deus e várias denominações evangélicas espalhadas pela cidade peruana, também há o templo Israelita e a presença atuante agora das Testemunhas de Jeová, que vão até a cidade para oferecer aos peruanos estudos bíblicos em casa. Foi mencionada pelos peruanos também a existência de alguns rezadores. Nas segundas-feiras é comum também para os peruanos católicos acender velas para as almas, seja no interior das casas ou nas pontes. Debaixo de alguns trapiches ou na beira

do rio, você se depara com algumas velas, as quais são encontradas também em baixo das casas e em algumas passagens nas partes inferior e superior das altas pontes<sup>3</sup>.

Em uma das igrejas evangélicas na cidade de Islândia conversei com o pastor da igreja Assembléia de Deus que me permitiu registrar fotos do local. Nesta igreja vi várias bandeiras de alguns países, a bandeira central atrás do púlpito era a bandeira do Peru, ao lado nas laterais eram as bandeiras brasileira e colombiana, representando a fronteira, as outras em sequências eram de outros países como a Venezuela, Argentina e por último a dos Estados Unidos da América. *Todos somos hermanos diante de Dios*, exclamava o pastor peruano. A presença da bandeira norte-americana na igreja parece justificar-se pelo apoio recebido de uma missão bastante atuante nesta região, cujos missionários são em sua grande maioria provenientes dos EUA.

É possível observar na Tríplice Fronteira, como na cidade peruana de Islândia, a presença constante de muitos norte-americanos, muitos deles se casaram com indígenas Tikuna. Já havia relatado que essas uniões também estão ocorrendo na cidade de Benjamin Constant, os chamados “gringos” têm constituído famílias e se fixado nestas localidades de fronteira. Algumas destas igrejas no Peru também são financiadas com recursos estrangeiros e isto tem atraído à atenção de muita gente tanto do lado de cá, quanto do lado de lá. Alguns destes estrangeiros trocam serviços para com os moradores locais, auxiliam com estudos em teologia, ajuda médica, as necessidades básicas que o próprio Estado não lhes fornece, isto tem sido uma das maneiras de permitir que eles se fixem na região por meio da missão religiosa.

Alguns peruanos me disseram que não existe tanto rigor com os brasileiros em relação à fixação deles em Islândia por conta do pacto andino firmado entre os países latinos e porque a cidade de Benjamin Constant abriga muitos peruanos que lá vivem, assim como o caso de Islândia que abriga alguns brasileiros que são casados com peruanas. Mas em relação a outros países, como os Estados Unidos, existe um controle mais rigoroso, junto ao escritório da imigração que há pouco tempo se instalou em Islândia. Quando estive com o pastor ele perguntou-me porque eu estava em Islândia, respondi a ele sobre minhas reais intenções e ao ouvir do que se tratava em minhas explicações para ele, e ao saber o que eu pesquisava riu e disse

---

3. A cidade peruana de Islândia possui muitas passarelas, as casas ficam de acordo com a margem do rio por conta de todos os anos a cidade sofrer inundações, o que por sinal faz parte da vida comum dos peruanos desta cidade. Não existem meios de transportes em Islândia, como a cidade é pequena, seus moradores percorrem a pé toda ela em pouco tempo. De um extremo a outro desta cidade, para um caminhante de velocidade média, o percurso não dura mais que meia hora.

a mim que isso não existia: “*Los muertos no hacen milagros, y después ni cementerio tenemos también*”. (Depoimento coletado na segunda ida a campo na cidade de Islândia no Peru numa segunda-feira no ano de 2017, seguido de observação e registro de fotos).

Nesta afirmação e resposta categórica que obtive do pastor ao interrogá-lo em relação à pergunta que tinha feito a ele, que está destacada no parágrafo anterior, observo o quanto existe preconceito, também do lado peruano. Quando tentei dialogar com ele a respeito de uma possível devoção marginal que acontece em Benjamin Constant em relação a esta possibilidade de crença, percebi e cheguei à mesma conclusão que todos já sabemos isso não é nenhuma novidade acadêmica: tanto as pessoas do lado brasileiro, quanto do lado peruano, instituem uma “guerra santa” a outras manifestações religiosas diferentes da sua.

Constatamos que em Islândia, assim como na cidade de Benjamin Constant, não existe um controle rigoroso de fiscalização, por parte das autoridades locais, quanto à entrada de pessoas e produtos estrangeiros, como existe de forma mais atuante do lado colombiano. Sempre quando estava em campo nas cidades vizinhas, tentei dialogar com os moradores dessas cidades no intuito de identificar e traçar comparações com a devoção a Edmundo existente em Benjamin Constant.

Em Islândia, durante minha pesquisa de campo, descobri para minha surpresa que a cidade não possuía cemitério, o cemitério que um dia existiu fora desativado por conta das grandes inundações, fazendo com que os peruanos sepultassem seus mortos na cidade vizinha de Benjamin Constant (Brasil). O cemitério que lá existe possui alguns corpos de “*bebesitos*” como foi mencionado por eles. Mas na época do dia dos finados eles viajam até a cidade de Benjamin Constant para visitar “*sus muertos*”.

O antigo cemitério fica um pouco longe e afastado do centro da cidade, caminhei por aproximadamente meia hora sobre a ponte de madeira que vai em direção ao cemitério, algumas dessas pontes já estão deterioradas, podres, tem que ter muito cuidado para não despencar lá de cima, que por sinal é muito alto. Durante o percurso você se depara com muitas casas de madeiras, quase que caindo também, muitas crianças brincando sobre estas pontes, acostumadas com o ritmo de vida de lá, estendidas pelo chão, ou sobre as janelas das casas sem ter medo de cair das altas pontes.

Ao caminhar você se depara com várias situações que surgem ao longo da caminhada, gente jogando bola, crianças brincando em baixo das pontes quando o rio está seco, mulheres

lavando roupas, mulheres retirando piolho dos cabelos das crianças, outras comendo e fazendo comida nos fogões de barro improvisados, mulheres carregando cachos de banana verde sobre as costas. É perceptível a existência de muitos comércios informais dentro ou nas varandas das próprias casas, como a venda de alimentos, de algumas guloseimas e comida oriundas do Peru, *din-din*, bananas fritas dentro de saquinhos muito comuns também nessas localidades de fronteira.

Finalmente cheguei ao cemitério, localizado ao lado de um campo de futebol, onde alguns homens jogavam bola, bem ao lado do campo de futebol também está localizado um restaurante, construído sobre palafitas, que vende comidas típicas peruanas. Bem debaixo de umas árvores bem frondosas estão alguns túmulos do que resta do cemitério que um dia existiu, algumas cruzes já deterioradas pelo tempo, um espaço onde o mato tomou conta. Ao me aproximar para tirar fotos, observei à sepultura de tal Juanito, como estava identificado numa placa, este cemitério é visto pelos peruanos como cemitério de *los bebesitos* porque, como dissemos, no cemitério de Islândia só restam corpos de algumas crianças que foram sepultadas lá ainda recém-nascidas, sepulturas estas que pelo estado de conservação sinaliza que foram abertas a um bom tempo.

Alguns peruanos afirmaram que, às vezes, os familiares vão acender velas no cemitério dos *bebesitos*, mas é raro esse fato. Uma hora ou outra alguém acende velas, no antigo cemitério ainda estão às cruzes que registram o sepultamento destas crianças, cruzes já quase que apagadas, caindo, mas quem passa por lá reverencia o lugar como sagrado. Mas ao registrar esses dados que foram observados tanto do lado colombiano, quanto do peruano, enfatizo que não foi encontrado nada parecido com o que eu buscava do lado brasileiro. Colombianos e peruanos queixavam-se de que práticas marginais, às quais eu tento identificar, só existem em outras partes da Colômbia e do Peru, referindo-se a cidades maiores como Bogotá e Medellín na Colômbia, Lima e Iquitos, no Perú.

Num passado recente, o que temos presenciado é que a Igreja Católica passou por mudanças significativas em Benjamin Constant. Alguns poderão argumentar que ela não exerce mais um papel tão importante, como teve no passado, mas de qualquer maneira ela ainda exerce certa influência. Alguns católicos reclamavam da nova atuação da Igreja em Benjamin Constant que já não é mais como era antes. Alguns padres que eram bem mais conhecidos na cidade foram substituídos por outros mais novos e outros até já faleceram. Algumas dessas mudanças de alguns padres na paróquia da cidade causaram certa polêmica em Benjamin Constant, a igreja recebeu

alguns freis mais inovadores e mais jovens que, de certa forma, incomoda aqueles que são de uma geração mais “tradicional” e que são presos a algumas regras conservadoras.

O que tem se observado é que a Igreja Católica atende a um novo público alvo, e teve que inovar com a presença dessa nova geração de jovens católicos e com esta nova demanda de jovens que se assumiram ou aderiram ao catolicismo. Nesse sentido, a Igreja precisou atendê-los criando algumas estratégias políticas e sociais para este público diferenciado pela faixa etária. Nas procissões dos santos institucionalizados pela Igreja e de devoção da cidade, é muito comum atualmente à atuação dos jovens por meio da encenação de peças teatrais nas ruas na hora da procissão. Estes jovens católicos assumem o que eles chamam de seus ministérios pastorais, muitos deles são coroinhas, músicos, carregam faixas no momento da realização da procissão, ajudam na celebração dos rituais e participam de vários eventos que a Igreja promove, principalmente, é muito comum vê-los na organização dos arraiais de santos da cidade e em outros eventos realizados pela própria instituição na tentativa de incorporá-los.

Para Macedo (1989), no Brasil a questão religiosa aflora em todos os lugares. Qualquer cidade, por pequena que seja, tem uma praça central e lá, invariavelmente, há uma igreja. Macedo acrescenta ainda que essas marcas do catolicismo vêm se acrescentando, em ritmo acelerado, a presença de outros templos nas cidades e nos campos.

Mas vale ressaltar que tanto Maués (1995), quanto Galvão (1976), já expressava em suas obras à existência da presença da Igreja Católica e de outras instituições em tempos remotos na formação social e religiosa na Amazônia, ou seja, que comparando ao que Macedo fala acima, a presença destas instituições representa de certa forma uma marca profunda na vida do homem da Amazônia. Tais práticas, como devoções e culto aos santos (as), a formação de capelas que são levantadas em prol de diferentes devoções, festas em honra a eles com muita comida, dança e bebida, constituem a face desse catolicismo popular, que será mais bem explicitado mais à frente.

De fato, se pode concordar em parte com o que Macedo problematiza em relação à presença das religiões em determinados cenários brasileiros, e o catolicismo realmente foi e ainda é predominante na cultura brasileira e também amazônica. Os templos religiosos, ou mesmo a Igreja Católica, registram dados deste processo histórico ao longo dos anos, através de nosso calendário que está repleto de festas religiosas, novenários, pagamentos de promessas, acender uma vela, festejar um santo, batizar, comungar, crismar, casar na igreja, a presença do sagrado ou do catolicismo é realmente um fato.

Segundo Macedo (1989), isto é muito presente na memória do povo e remete a um passado onde os interlocutores expressam em suas vozes a saudade de um passado onde as festas de santo, os arraiais eram bem mais organizados e mais animados, os padres eram mais atuantes e um tanto mais carismáticos. Como revela uma das minhas interlocutoras, comparando o catolicismo do passado em relação ao catolicismo de hoje: *“Na minha época tudo era diferente, a gente tinha aqui em Benjamin, uns padres bons e tudo era bem mais organizado, você precisa ver como eram as procissões, hoje parece que tudo mudou tudo bagunçado, ninguém guarda mais a semana santa direito”* (depoimento colhido em 2017).

Alguns destes depoimentos são externalizados por alguns católicos mais velhos e tradicionais que saudosamente lembram-se dos tempos passados, estes se queixam dos mais jovens que já não guardam mais a tradição da igreja, fazendo tudo de qualquer jeito, *“ninguém guarda direito a quaresma, você vai à igreja, depois na festa, vai à procissão prá ficar bisbilhotando a vida dos outros, os padres tudo gente nova, ninguém sabe mais nem rezar, duvido”*. (Depoimento coletado no ano de 2016). Temos então conflitos geracionais, que expressam certas revoltas por partes de alguns católicos inconformados com a nova atuação da Igreja.



Figura 06 - Jovens católicos durante a procissão da sexta-feira santa (fonte: Pietà Vieira, 2017).



*Figura 07- Representação da crucificação de Cristo na “Sexta Feira Santa” (fonte: Pietà Vieira, 2017).*

Na atualidade temos presenciado uma grande pluralidade no sistema de crenças desta região, refiro-me particularmente a cidade de Benjamin Constant e daqueles que também migram para cá trazendo consigo suas crenças e significados. Questões atreladas ao fenômeno religioso de uns tempos para cá nesta região tem subitamente crescido por conta do aumento de imigrantes, sobretudo, peruanos, e de outros grupos de religiosos de outras regiões do Brasil que chegam a Benjamin Constant implantando um novo tipo de crer e novo estilo de vida no que se refere à vivência da fé.

Como foi mencionado bem no início deste capítulo, Benjamin Constant é um dos municípios da fronteira que abriga milhares de peruanos, colombianos e uma grande matriz indígena que compartilham de um mesmo espaço urbano na tentativa de não só compartilharem

este mesmo local para o comércio, mas algumas vezes também, destacando o lugar com sua presença, atraindo a atenção das pessoas com seus templos religiosos, vestes, objetos, criando um ar de “sagrado”.

Estes grupos que aqui vivem demarcam um espaço apropriado para a realização de suas práticas, crenças e rituais na cidade. Por meio desses elementos religiosos que são destacados, às vezes muito aflorados, os tornam bem visíveis na cidade. Como é o caso dos chamados “israelitas” da Missão Israelita do Novo Pacto Universal no Brasil (AEMINPU) que andam nas cidades com suas vestes longas nas cores azul e vermelha, turbantes, tranças e barbas compridas, chamando a atenção de quem os vê. As Testemunhas de Jeová, também despertam a curiosidade de muitas pessoas por eles serem em grande parte consideradas pessoas diferenciadas na estatura, na cor da pele, no jeito de falar e também de se vestir. Estes se comportam com muita diligência e atenção na tentativa de evangelizar.



*Figura 08 - Testemunhas de Jeová, com seu carrinho de revistas, evangelizando no dia de finados na entrada do Cemitério São Francisco (fonte: Pietà Vieira, 2017).*

É muito comum para alguns, presenciar no dia a dia a realidade de outros grupos de religiosos. Na grande maioria das vezes, para outros, o fato de encontrá-los corriqueiramente em determinados locais se torna incômodo. Esses grupos se posicionam, despertando o conflito entre brasileiros e peruanos e de outros grupos de religiosos nacionais. Para o pesquisador isso pode

parecer familiar e corriqueiro. Contudo, essa diversidade religiosa coloca o desafio de analisá-los e compreendê-los num contexto mais amplo das disputas simbólicas no campo religioso local.

Ora se cruza com os israelitas trajados com suas vestes longas e coloridos, o homem com o seu cabelo grande e amarrado e barbado, a mulher israelita com o seu véu e cabelos longos, ora com as testemunhas de Jeová com seus carrinhos cheios de revistas a “Sentinela”, distribuindo para os transeuntes que por ali passam, ora se vê o padre com ou sem sua batina, o evangélico carregando sua Bíblia em direção a sua igreja. Outras vezes é possível ver peças de teatro no centro da cidade, encenadas por determinadas pessoas que se intitulam “missionários”, geralmente vindas de outros estados do Brasil, ou ainda é possível ouvir falar de um evento tal que está acontecendo no ginásio de esportes da cidade, sendo realizado pelos “Hermanos Peruanos” e os Adventistas celebrando sua data de comemoração ministerial no Alto Solimões.

Em outros momentos se observa uma aglomeração de pessoas e de longe se ouve os barulhos das buzinas de motos, carros e várias pessoas carregando bandeirolas, cantando, vários líderes religiosos conduzindo a aglomeração de pessoas, com microfones ou boca de ferro anunciando à cidade o motivo da existência daquele evento, ou abençoando o povo de Benjamin. *“Benjamin é do Senhor; Chuva de bênçãos na vida de vocês meus irmãos, Saudamos nossos irmãos peruanos que aqui vivem, abençoamos as igrejas de Benjamin Constant e declaramos que todo mal seja quebrado agora, que todo laço do Diabo seja desfeito agora”* (Evento realizado por algumas denominações evangélicas no dia municipal do evangélico, no mês de outubro, foi observado pela pesquisadora em 2017 no centro da cidade).



Figura 09 - Concentração antes do início da Marcha para Jesus (fonte: Pietà Vieira, 2017).



Figura 10 - Pastor Batista convocando a cidade a participar da Marcha para Jesus. (fonte: Pietà Vieira, 2017).



*Figura 11 - Passagem da Marcha para Jesus pelo centro de Benjamin Constant (fonte: Pietà Vieira, 2017).*



*Figura 12 - Concentração de pastores evangélicos "abençoando" a cidade durante a Marcha (fonte: Pietà Vieira, 2017).*



*Figura 13 - Lideranças religiosas e políticas formam uma corrente de oração encerrando à Marcha (fonte: Pietá Vieira, 2017).*

Frases assim, entre outras, são expressas numa sequência rápida e verbalizadas por vários pastores que se revezam durante a fala ao microfone no momento da caminhada pelos vários bairros da cidade. Os religiosos percorrem quase que a cidade de ponta a ponta, transmitindo as palavras de bênçãos e de salvação e de certa maneira tentando impactar a cidade a refletir na existência do ato simbólico e possivelmente transmitir para sociedade local que em Benjamin Constant tem outros diferenciados casos de religiosidades, que diferem do catolicismo e de outras religiões. Em Benjamin eventos deste tipo são promovidos algumas vezes pelas igrejas assembléianas e demais denominações da cidade que aderem ao movimento.



Figura 14 – Fiéis em passeata pelas ruas de Benjamin Constant em comemoração ao centenário da atuação da Assembléia de Deus no Amazonas (fonte: Pietà Vieira, 2017).



Figura 15 - Pastores assembleianos com suas bíblias e vestuário típico comandando a passeata em comemoração ao centenário da Igreja no Amazonas (fonte: Pietà Vieira, 2017).

Por meio desses eventos que são promovidos tanto por católicos nas procissões, quanto por evangélicos nas suas “caminhadas”, podemos supor que cada um reflete algo daquilo que

consideram expressões do sagrado, manifestam sistemas de crenças diferenciados num amplo campo da manifestação das religiosidades que são manifestas na Fronteira e nas fronteiras do Sagrado.

## 1. 2 - O Bairro Colônia em Benjamin Constant: uma incursão no imaginário religioso local

Na cidade de Benjamin Constant o trabalho de campo manifestou-se principalmente no bairro Colônia, por estar situado nele o Cemitério São Francisco, mais conhecido como “cemitério velho”, e por abrigar e desdobrar-se a devoção a Edmundo Pé de Ferro. Foi nesse bairro que fixei residência a partir de 2010, ou seja, nos últimos oito anos, o que facilitou o desenvolvimento da pesquisa<sup>4</sup>.

O bairro Colônia é um dos bairros de Benjamin onde se nota corriqueiramente a presença de práticas religiosas tidas como “marginais”, que às vezes se inicia no cemitério e se expande para os recintos das casas, ou vice-versa, que começa em casa e termina no cemitério, *locus* principal deste trabalho. Importa ressaltar que não é somente no bairro Colônia que acontece a manifestação destas práticas, mas restringi-me somente a ele por ser o lugar da manifestação da devoção a Edmundo. Nesse subcapítulo pretendo destacar algumas peculiaridades acerca deste contexto amazônico no que tange à idéia de imaginário religioso, enfatizando alguns aspectos que estão relacionados com o contexto da cidade e do bairro Colônia.

Na cidade de Benjamin Constant, assim como no bairro Colônia, o contexto rural e o urbano estão muito presentes na cidade e na vida das pessoas que lá residem. Além disso, na Amazônia, esse embricamento entre o rural e o urbano parece ser muito comum em determinados lugares que retratam a história do lugar ou da cidade, ou que marcam também as histórias de determinadas personalidades da cidade em tempos passados. Durante a pesquisa de campo com os narradores eles lembravam com frequência lugares que remetiam às personalidades de tempos pretéritos. Descrições e relatos dos interlocutores no momento da pesquisa de campo ajudaram a

---

4. Aqui cabe uma observação de Vieira 2012, sobre a “pesquisa da varanda de sua própria casa, onde a distância (ao menos geográfica) com seu campo é mínima, onde para ‘estar lá’ muitas vezes nem é preciso que você atravesse a rua, onde o ‘exótico’ pode até morar contigo debaixo do mesmo teto” (Vieira, 2012, p. 6).

entender este processo de rememorar que nos ajudaram a conhecer desde a formação social, econômica, histórica, lúdica de determinados lugares até as formas de sociabilidade no contexto urbano e rural, e de como estas se processam no cotidiano de seus habitantes.

Existem muitos relatos sobre a cidade, mas procurei situar somente alguns, para de fato chegar ao tema de meu interesse, sendo que muitos são importantes para se entender o contexto local amazônico, muitos destes acontecimentos nos ajudam a pensar e entender a formação de alguns bairros da cidade e a importância dos mesmos para a formação social do povo benjaminense. Alguns destes lugares, como os bairros, ou determinados pedaços registram, marcam diferentes acontecimentos da história do lugar. O bairro Colônia é um deles. Diversas são as narrativas do bairro, expressões, lembranças ou vozes que testemunham vários “contos e causos”.

Durante o contato face a face com os interlocutores e as observações que são feitas pelo pesquisador, a pesquisa foi sendo construída aos poucos. Uma observação ali, outra aqui, as quais revelam episódios inesperados que chegavam até mim, sem ao menos, às vezes, eu querer saber. São estes dados que tornam o nosso trabalho enriquecedor e único. Na maioria das vezes cada passo é algo revelador, determinadas passagens e lugares que percorria, identificava algo diferente, na rua, no bairro e em alguma passagem sempre tem algo a ser observado e a descobrir. Os interlocutores, sempre narravam histórias significativas para a formação da cidade de Benjamin Constant e, como falei, sempre lembrando fatos que estão arquivados na memória deles. Acontecimentos que remontam a alegrias, vivências, lugares, pessoas que marcam suas histórias e as histórias do lugar que são marcados pelas pessoas, ou melhor, pela cidade.

São estas histórias, lugares, pessoas, ruas, praças e personagens de outros lugares que também vão dando vida e construindo a história da cidade e do bairro Colônia, tudo isso está registrado na memória das pessoas que moram aqui. Como afirma Fernanda Peixoto “é a história pessoal e a memória que articulam os instantâneos sucessivos da narrativa, que por isso mesmo adquire o encadeamento de conversa, daquelas que associam livremente casos, impressões, lembranças e fatos históricos” (Peixoto, 2006, p.187).

Quando pensamos na Amazônia, logo nos vem à mente, algumas abordagens que muitos historiadores, geógrafos, antropólogos, sociólogos discutem, temáticas estas que sempre são afloradas a respeito desse cenário. Muitas destas questões são: tradição, modernidade, rural, campo, tempo, espaço e lugar. Considerando o texto de Peixoto para fundamentar este trabalho,

compartilho da idéia da autora para pensar esta dissertação, sendo que no texto de sua produção científica ela enfatiza alguns trechos das idéias de Gilberto Freyre também quando este, na interpretação da autora, “vê a cidade não como categoria geral, a ‘cidade brasileira’ - mas a seus traços distintivos” (*idem*, p.179).

Vale ressaltar que é importante analisar o contexto amazônico como algo diferenciador de outras regiões do Brasil, com um panorama próprio e diferente do que se pensa a respeito dela. Em sua grande maioria, nos discursos sobre a Amazônia, vemos-a sendo retratada como sinônimo de atraso, muita água e floresta, dando a impressão de que para muitos o desenvolvimento não chegou a esta região. A mesma impressão tem os próprios moradores do interior do Estado do Amazonas ao acreditarem que a única exceção é Manaus, considerada por eles como a capital do desenvolvimento. Nesse sentido, teríamos um gradiente dependendo da perspectiva de onde olharmos: de certo ponto de vista, Manaus simboliza a cidade por tudo o que ela tem de espaços de lazer, de compras, de oportunidades e de empregos urbanos, entre outros atrativos; o interior o campo, o rural, o ribeirinho o subdesenvolvimento, como mencionamos acima. Já na visão de alguns dos moradores benjaminenses são as comunidades ribeirinhas que representam o rural, o campo em comparação com a sede municipal mais urbanizada.

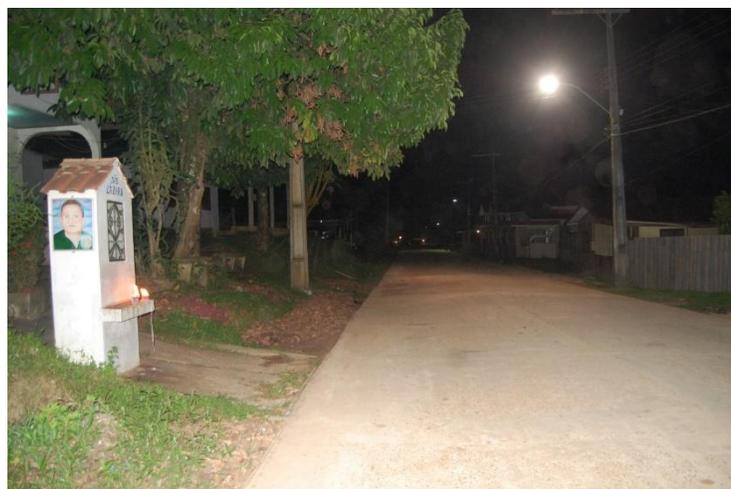
É nesta reflexão que proponho compreender porque, para além destes discursos e destas dicotomias, a meu ver quando pensamos a cidade, o bairro, a rua, encontramos rural e urbano juntos, lado a lado, uma extensão e uma continuidade. Se Benjamin Constant é interior e não uma cidade média ou grande, poderíamos pensar que ela é apenas uma cidade rural (com práticas culturais do universo rural?) e que numa cidade rural, só se tem coisas do rural, mas é aí que nós nos enganamos, além da aparência exclusivamente rural, em Benjamin Constant encontramos muitas coisas urbanas e dentro das comunidades também, dando a sensação de que realmente vivemos em um mundo globalizado no qual os fluxos de mercadorias e pessoas atravessam as fronteiras nacionais e internacionais.

Sob a inspiração do *continuum folk*-urbano, Peixoto nos mostra que está preocupação com a dualidade tradição/modernidade, entre a comunidade e a sociedade não é nova. Em outro contexto, a cidade de São Paulo, analisada pelo sociólogo Florestan Fernandes, entre outros intelectuais, ainda na década de 1950, vemos que:

A cidade é aí o cenário da investigação, arena em que se verifica o confronto entre o tradicional e o moderno (do mesmo modo que na obra de Gilberto Freyre). Ao mesmo tempo, a vida urbana projeta para o futuro as possibilidades de constituição de uma ordem social moderna, regida pelo contrato, pela competição, pelo individualismo e pelo declínio de um padrão tradicional (Peixoto, 2006, p.193).

Reflexões desse ponto de vista são pertinentes para se compreender de fato a Amazônia, para poder desconstruir o que temos pensado sobre ela, o que não é um exercício fácil. Comparações com outras regiões do Brasil também são problemáticas, pois estamos falando de outro contexto geográfico, histórico e cultural. Os que por aqui vivem e vão vivendo ou sobrevivendo, reclamam muito da cidade, se exaustam com tantos problemas que ela apresenta, mas, por outro lado, também gostam da calma, do sossego que a cidade oferece. Sinais da modernidade, da tradição, do desenvolvimento e do “atraso” estão sempre juntos, esta é a grande problemática.

Saindo um pouco desta análise mais histórica e descritiva, partirei então para a problematização com uma análise mais antropológica de meu interesse na qual esta dissertação pretende se concentrar, trata-se então da etnografia do bairro da colônia, rua 1º. de maio especificamente. O bairro Colônia, como dissemos, está situado dentro da cidade de Benjamin Constant. A partir desta etnografia, muito do que será retratado está de acordo com reflexões que foram feitas ao longo das leituras em relação ao fenômeno urbano.



*Figura 16 - Aspecto parcial do bairro Colônia à noite (fonte: Pietà Vieira, 2017).*

O bairro Colônia comporta uma variedade de situações que fazem parte do cotidiano da cidade de Benjamin Constant e dos moradores do próprio bairro. Especificamente, parto do princípio de que tudo começa com minha pesquisa de mestrado, algumas observações minhas e reflexões que tenho construído ao longo deste período de observação que se iniciou no cemitério São Francisco. Do cemitério eu refletia sobre a relação mundo dos mortos, *versus* mundo dos vivos, lá de dentro também observava aquele que passava pela rua, percebia que dava para fazer várias coletas de dados, inclusive observar o bairro Colônia. Dava para estabelecer uma ligação entre coisas que são da cidade de Benjamin Constant em geral e outras que são especificamente do bairro Colônia. Em outras palavras, fazendo antropologia da cidade e na cidade.

Para não fugir do começo da história do bairro Colônia, desde muito tempo os antigos moradores do bairro falavam sempre de que a Colônia sempre foi “mal assombrada”, tinha muitas histórias de vários casos de aparições, pessoas que se transformavam em porco, caixões enormes atravessados no meio das ruas, choro de bebês durante a noite no cemitério, loira do cemitério, almas perambulantes e uma infinidade de outros fenômenos. Tudo isso associado porque o cemitério São Francisco também está localizado na Colônia. O bairro no passado recebeu esse nome porque muitos dos moradores eram colonos, agricultores que trabalhavam nas roças, plantavam café e arroz e porque o bairro dá acesso ao assentamento dos agricultores até os dias de hoje e a estrada que liga Benjamin Constant ao município de Atalaia do Norte, a BR 307.

É explícito na fala dos interlocutores que a própria história do bairro, o seu nome colônia, já teve no passado e ainda tem no presente certa familiaridade com o aspecto rural, destacando também alguns elementos da urbanidade no presente. Existem alguns lugares, passagens ou pedaços que registram muito bem essa sua origem agrícola. É muito comum alguns moradores declararem que tem outra casa na roça, estes moradores em alguns momentos ou períodos se ausentam da cidade ou do bairro, para permanecerem lá por alguns dias da semana, alegam que tem plantações de macaxeira, fazem farinha, plantação de bananas, vão caçar trazendo a “carne do mato” para ser comida na cidade. Eles, na grande maioria das vezes, paradoxalmente dizem que vão ao “centro”. Vale destacar e explicar que este centro é o que eles dizem que representa a roça, a estrada, o rural, o assentamento onde fica e vive muitos agricultores.

Quando se chega à casa de alguns moradores da Colônia, se nota o fogão a gás e o de barro a lenha. Nos fundos da casa, algumas de alvenaria geralmente se encontram também a velha casa de palha, de madeira, onde se faz a farinha para a família. O povo da colônia então não

larga o velho hábito do campo e a velha “cultura rústica” da roça. O aspecto rural e urbano sempre de mãos dadas expressando a continuidade de uma prática e se esforçando para se adaptar a novos hábitos ao processo de urbanização, eu diria: “o presente é explicado pelo passado” (Peixoto, 2006, p. 182).

Partindo no sentido centro-bairro, logo no início da Colônia, avistamos a imagem de um santo, São Benedito, santo oficial da Igreja Católica do bairro, muitas velas de vez em quando são acesas a ele e flores são depositadas em sua capela, quem passa por lá logo as vê. Este também é um espaço dedicado à manifestação do sagrado, demarcado, controlado e respeitado por alguns. Alguns destes lugares expressam vida, histórias que se inter cruzam para dar sentido. Aquele lugar representa a moradia do santo, lugar escolhido para ele habitar, demonstrando a história que também marca a origem do bairro. Logo depois se avista no morro acima o centro de meteorologia de Benjamin Constant, alguns moradores bem antigos ainda se encontram por lá. Quem segue ao bairro Colônia, se depara com uma loja que hoje vende produtos para aniversário, e que no passado era um bar que se chamava pé na cova, porque ele ficava bem ao lado mesmo do cemitério São Francisco, que segundo os moradores é muito antigo. O nome do cemitério é o nome de um santo oficial da Igreja Católica, São Francisco, e esse cemitério é “controlado” pela Igreja Católica no dia dos finados.

No bairro Colônia podem ser encontradas também, além de algumas hospedarias, que na maioria das vezes, quem mora lá são estudantes universitários, oficinas mecânicas de alguns peruanos e de brasileiros, que também são moradores do bairro, lojas de alguns moradores nordestinos, lanchonetes, duas escolas, sendo uma municipal e outra de educação infantil e particular, as duas fazendo limites com o cemitério. Interessante analisar que não existe muro no cemitério, para divisão do espaço entre ele e a escola, o cemitério e a rua, vivos e mortos convivem simplesmente numa boa, não se sabe se é porque as pessoas respeitam o local, ou o território do cemitério. As crianças brincam sempre neste espaço que é considerado sagrado para a grande maioria das pessoas, temido e respeitado por outras que lá realizam suas práticas ou crenças religiosas.

Bem ao lado da escola do município, avistam-se uma granja, uma casa e um terreno enorme, com pastagens ocupadas por bois, que agora há pouco tempo alguns peruanos que pertencem ao grupo religioso “israelitas”, os quais compraram a terra de uma antiga moradora do bairro. No bairro se encontra também bares e alguns comércios, uma padaria de peruanos que só

vende pão e abre no início da manhã. Lá se constata algo que pode ser considerado engraçado e estranho para quem é de fora, ou seja, algumas casinhas que vendem gasolina peruana dentro de garrafas pets, mas isso não é só detalhe ou característico do bairro da Colônia, mas de outros bairros também, ou melhor, da cidade inteira.

Lava jatos improvisados e outros mais arrumadinhos também podem ser vistos no bairro Colônia. Um desses lava jatos recebe o nome de São Lázaro. Em frente ao lava jato se nota a presença de vários cachorros que lá vivem, cuidando da casa do morador que se considera devoto do santo, é muito comum notar que todos os dias ele e sua família alimentam os animais. No imaginário religioso local São Lázaro é o santo protetor dos cachorros.

Quando se aproxima da estrada nota-se Centro de Saúde Benjamin Constant, popularmente conhecido como posto de saúde da Colônia, que atende principalmente os moradores do próprio bairro, mas também indígenas, ribeirinhos das comunidades, moradores das estradas e ramais, peruanos israelitas e alguns outros moradores de outros municípios vizinhos, sobretudo de Atalaia do Norte. Pelo posto passam profissionais de saúde peruanos, colombianos, cubanos, brasileiros e de outros estados do Brasil, pois alguns ficam por pouco tempo na cidade, dependendo da adaptação e da oferta de emprego, já que geralmente são contratados. Quando muda o prefeito, geralmente mudam-se todos os funcionários públicos municipais.

No bairro Colônia são perceptíveis algumas casas diferenciadas com arquiteturas de outros contextos urbanos e também como casa de campo, chalés, tudo isso por conta de que alguns destes proprietários são professores da universidade e de outras regiões do país, outros por serem vereadores, médicos ou comerciantes, por terem um poder aquisitivo melhor. De uns quatro anos para cá os moradores da colônia e os transeuntes que por aqui tentavam passar, já que esta é a principal rota para a Universidade Federal do Amazonas - UFAM, para a cidade de Atalaia do Norte e para alguns assentamentos rurais, sofriam seriamente com o problema da lama, quando chovia era difícil caminhar por ele, pelo fato de que não maior parte dos trechos do bairro já não se via mais asfalto. Sempre era possível observar acidentes de moto e os moradores caminharem com botas de borracha para não se enlamearem, era de praxe você notar muita gente caminhando a pé com essas botas, inclusive estudantes e professores por conta da lama, quando não era a lama era a poeira que invadia as ruas. Fazendo com que alguns motociclistas usem máscaras protetoras nas narinas para não comprometer as vias respiratórias. Atualmente, 2018 a

situação da principal via de acesso do bairro a rua 1º de maio melhorou muito com o asfaltamento, desde o campus da UFAM até o cemitério São Francisco.

Quando se chega logo ao lado de algumas casas familiares, de uma família extensa, que estão próximas ao posto de saúde, você percebe que existe uma capela dedicada ainda a São Lázaro, que fica de frente à casa da matriarca da família, uma moradora recentemente falecida. Segundo os vizinhos, ela era devota de São Lázaro, tem uma capelinha feita para este santo à beira da rua, e sempre velas lhe são depositadas. Na capelinha do santo de devoção do casal já falecido, foram colocadas recentemente as fotos desenhadas dos antigos donos da casa, os familiares vivos ainda guardam a devoção que era dos pais. Quem passa por lá percebe que ora ou outra tem várias velas dedicadas ao santo e aos antigos moradores que lá viviam. Uma estreita ligação do santo com as almas. Santo e almas convivendo num mesmo tempo e espaço do sagrado ou representando parte do imaginário religioso local.



*Figura 17 - Capelinha de São Lázaro no Bairro Colônia (fonte: Pietà Vieira, 2017).*

O bairro Colônia no passado era também muito conhecido por ter um igarapé onde muitas pessoas iam tomar banho em família aos domingos. Muita gente dizia: “*vamos ao igarapé Esperança, tomar banho*”, ele era muito bem cheio na época das chuvas e preservado. Agora quem lá passa percebe muito lixo e só tem a lembrança de que um dia serviu para diversão de algumas pessoas que lá moravam. Quando chove muito e tem enormes enxurradas, ele transborda, e logo se vê pessoas tomando banho, sobretudo crianças, e até pescando no antigo Esperança, apesar de hoje ele servir de esgoto onde são jogados os detritos das residências. Essa é outra observação que parece muito comum a este contexto amazônico: o tomar banho no rio ou no igarapé, mas também o de poluí-los com lixo e esgotos.

Não podemos nos esquecer da igreja de São Benedito, o santo negro, por quem o povo da Colônia rende homenagens. Diria que o bairro Colônia foi escolhido para ser a santa morada de São Benedito. Ele é considerado o protetor da Colônia, o dono daquele lugar para alguns católicos. Velas e flores são dedicadas ao santo quando se tem festejos, arraíás que os moradores do bairro, junto com a Igreja Católica realizam, geralmente, no mês de junho. De vez em quando se nota uma novena em alguma residência do bairro, dedicada ao santo, ou a outro, que os devotos escolhem e de longe se nota orações, rezas, reuniões e comes e bebe em prol do santo, quem passa pensa até que é um velório.

A festa de São Benedito sempre encerra com a procissão, que é prestigiada pela grande maioria dos moradores da Colônia, orações e preces são entoadas e a imagem do santo é levada pelos homens que também são moradores da Colônia, geralmente a festa dura de três a quatro dias.

Quando se tem festejos de São Benedito os arraíás mobilizam alguns moradores para a organização da festa, sempre seguida com comidas, bingos, músicas, rainha do arraial, barraquinhas de pescaria, rifas.... Antes da festa é feita uma feijoada no domingo à tarde para angariar donativos para a preparação da festa, quando os moradores devotos oferecem bingos a outros moradores do bairro e por onde passam convidando a população a prestigiarem a festa de São Benedito, ou melhor, do santo da Colônia.

Para Rodrigues (2008), que analisou a dinâmica de festas populares em Belém (PA), esse tipo de ação pode ser definido da seguinte forma: “Essas redes são formadas por parentes, amigos, vizinhos, compadres, colegas, chegados, com contatos que variam em constância e intensidade, de acordo com os dias da semana e do mês, e com o tipo de evento realizado”

(Rodrigues, 2008, p. 235). Um ponto referente para essa festa acontecer é um barracão em frente à igreja de São Benedito, com o chão de terra batida e cobertura de zinco, o lugar também é cedido para os moradores promoverem festas de aniversário e encontros do bairro. Magnani, por sua vez, quando analisou o lazer na periferia de São Paulo, fala de alguns “pedaços” que são construídos para gerar essa sociabilidade e delimitar o espaço urbano, ele define que esses pedaços são: “espaços conhecidos e nominados em um território claramente demarcado e apropriado pelos usuários, lugares de passagem e de encontro entre vizinhos, conhecidos ou chegados” (Magnani, *apud* Rodrigues, 2008, p. 235).

Na Colônia têm muitas dessas passagens que muito aflora a imaginação dos moradores, lugares que despertam curiosidade, medo e temor diante do desconhecido. Tem passagens de rua nas quais as pessoas até evitam transitar por conta de fatos trágicos ocorridos ali, como o caso de uma moça que foi encontrada morta dentro de uma antiga movelaria, isto cria na mente das pessoas medo, pavor e certa atenção em passar por lá certas horas da noite.

Outro fato que acontece em Benjamin Constant e especificamente também no bairro Colônia, é muito comum pessoas na segunda-feira acenderem velas atrás dos quintais de suas casas, ou em cima dos muros, velas para as almas, alguns são devotos das almas ou acendem para lembrar-se de seus entes queridos, sempre que se passa percebe-se as velas acesas. Não podem acender velas dentro de casa porque, segundo eles, almas tem lugar específico, porque dizem os devotos ou acreditam na possibilidade de o espírito do morto ficar rondando a casa. Também é melhor que se acenda vela fora de casa para evitar algum incêndio, ou: *“eles podem ficar aparecendo, brincando, puxando no pé, sei lá é bom não brincar com as almas, coisa assim é mistério”* (Relato de uma interlocutora moradora do bairro Colônia onde esses tipos de práticas são muito recorrentes).

Os santos católicos ocupam um lugar especial dentro das casas dos moradores e ficam geralmente em lugar de destaque, enquanto algumas entidades ficam expostas fora de casa, geralmente nos fundos dos quintais, depende do grau de intimidade do devoto. Em algumas casas estas entidades são consideradas caboclas, entidades indígenas e de origem afro. “Caboclo Roxo”, “Dona Jurema”, “Sereinha”, “Vó Conga” são algumas das entidades que mais ouvia os devotos expressarem durante a pesquisa.

No bairro Colônia, nota-se a identificação de dois santos oficiais: um que é considerado o protetor do bairro Colônia ou padroeiro, São Benedito e outro, de quem alguns moradores são

devotos, que está instalado em frente à casa da família de um dos devotos, São Lázaro e sua imagem estampada no lava jato de outro devoto do mesmo santo. Podemos então dizer que a Colônia abriga a morada dos santos, das almas e de outras entidades conhecidas e desconhecidas, além de algumas aves consideradas agourentas por algumas pessoas do lugar, como a coruja “brucututu”, que canta durante as noites próximas às residências, nas muitas árvores do bairro.

Em determinadas épocas do ano, principalmente nos meses de junho e julho, notamos reuniões nas casas dos devotos, fogueiras, bandeirolas, fogos, orações para outros tipos de santo, geralmente na casa de algum devoto que festeja estas datas com muita dedicação, uma concentração de pessoas em prol dos santos: Santo Antônio, São João e São Pedro. Gente que se movimenta e abre as portas de sua casa para outras pessoas participarem da ação, estes espaços e lugares são bem notados por quem passa. Pessoas se mobilizam para fazer grandes fogueiras nas ruas e festejar os santos, através da queima de fogos, da alegria, risos, pedidos, palmas em forma de agradecimento, claro que isso acontece em algumas casas, pois os evangélicos que também estão presentes no bairro, com algumas igrejas ou pontos de orações, geralmente não compartilham dessas práticas por considerá-las profanas e idólatras.

Depois da igreja de São Benedito aquele que passa pelo bairro da colônia, perceberá que lá também está o Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (IDAM). Em frente ao IDAM, há o estádio de futebol e o Clube dos Veteranos nos quais jovens e idosos se reúnem alguns dias da semana para jogar futebol, promover campeonatos e realizar festas nos fins de semana. Ao lado do campo dos veteranos está o Estádio Municipal José Henrique de Oliveira.

No campo dos veteranos os atletas são professores, vereadores, comerciantes, agricultores, pescadores, caçadores entre outros que disputam as competições de forma amigável e respeitosa. Apesar das diferenças de *status* entre os frequentadores dos jogos, aparentemente não se observa uma hierarquia rígida entre os jogadores, prevalecendo entre eles o prestígio relacionado à habilidade no futebol. Não obstante o poder hierárquico, às vezes, parecer querer imperar em favor daqueles que talvez se considere e são considerados de *status* social mais elevado, sobretudo devido ao seu poder aquisitivo e intelectual, no qual se sobressai os políticos, professores da universidade e comerciantes, que muitas vezes têm melhores condições para patrocinar as equipes, doando bolas de futebol, chuteiras, uniformes, produtos para massagens, além da manutenção do clube.

Na colônia sempre aparece algumas oferendas, despachos que são entregues nas encruzilhadas que se avistam no bairro, estes lugares na grande maioria das vezes são evitados por algumas pessoas que tem receio de passarem por ali, geralmente quando se avista algo do tipo. Algumas vezes tive oportunidade de ver que as pessoas que passam pela igreja, pelo cemitério, pelas capelas dos santos, expressam sinal de respeito, como, por exemplo, fazem o sinal da cruz com as mãos, tiram o chapéu, se benzem ou falam alguma coisa em sinal de reverência. Há uns cinco anos atrás foi assassinado um jovem em frente à igreja de São Benedito, e não demorou muito para no lugar fincarem uma cruz para lembrar o jovem que ali morreu. A rua geralmente é escura, poucas pessoas transitam por lá durante a noite, principalmente depois da morte do rapaz, a cruz para quem a encontra desperta no imaginário popular várias construções e lembranças do que pode representar o lugar onde ele caiu morto.

O estacionamento do estádio também sempre é lembrado pelos moradores por conta da morte de uma jovem, que foi brutalmente assassinada, supostamente por engano, dentro de um fusca por um policial há mais ou menos uns quinze anos atrás. Espaços assim vão se constituindo e ganhando uma atmosfera sagrada, as pessoas demarcam estes lugares para ali lembrarem de que este lugar representa simbolicamente a morte de alguém. Estes dois lugares na Colônia, lugares de passagem como fala Magnani (*op. cit.*) marcadamente vistos pelas pessoas como lugares de morte.

Não podemos esquecer que o bairro da colônia também abriga a Universidade Federal do Amazonas, lugar de passagem de muita gente que por ali transita, trabalha e estuda. Em frente ao campus da UFAM, recentemente fora construída e inaugurada a Casa do Estudante Universitário. Nas imediações do lugar consegue-se identificar alguns locais como o centro de convivência da família, onde as pessoas vão fazer caminhadas às tardes, uma escola que está sendo construída para instruir crianças, o Centro de Assistência Social do município e a Delegacia da Polícia Civil.

Quase no final do bairro, onde começa a estrada que dá acesso ao município de Atalaia do Norte, na encruzilhada com outra estrada, que é a do Assentamento Crajarí, está à imagem de Nossa Senhora do Bom Caminho, erguida no alto de um morro, a qual também é sempre lembrada pelos transeuntes com velas no seu santuário. É bem próxima a essa imagem que os moradores narram que costumava aparecer gente gritando, chorando, aparições de um enorme caixão, coisas assim.

Logo após a UFAM encontramos o Hotel e Restaurante Cabanas, principal restaurante da cidade, que com seu estilo exótico e arquitetura em forma de maloca indígena, atrai turistas brasileiros e estrangeiros que para ali são atraídos pelo variado cardápio, composto de comidas nacionais, peruanas e colombianas, pesque e pague, bem como pelo contato com a natureza que o local oferece. Aí também se encontra uma praia artificial onde frequentemente têm shows musicais de vários estilos tanto brasileiros quanto dos países fronteiriços.

Geralmente quem passa pela colônia, se depara com agricultores, caçadores que exibem suas espingardas, carrega na costa o bicho morto que encontraram na mata, as cascas de algumas árvores que servem para fazer remédios caseiros, se nota casas ainda com palhas, carroças carregando bananas, macaxeiras, milho, farinha. No verão de longe se avista a poeira do caminhão carregando uma quantidade imensa de agricultores, que das estradas vem para a cidade, uma hora e outra se vê um cavalo, uns carneiros do Senhor Paulo Pico Pico, personagem irreverente da Colônia que segundo ele, acredita ter visto e falado com “gente morta”. Algumas horas da noite você acorda com os bois mugindo na porta da sua casa e os porcos do vizinho grunhindo à noite, acordando todo mundo que dorme.

Toda esta diversidade de situações e costumes pode ser observada sem grandes dificuldades numa pequena cidade como Benjamim Constant, onde as dimensões do urbano penetram o rural e vive e versa. Desse ponto de vista, não faz sentido separar o campo da cidade, a modernidade da tradição, pois todas estas realidades convivem lado a lado, sem grandes problemas, embora as atitudes de vizinhos possam incomodar algumas vezes, como tocar fogo no quintal e encher a casa do outro de fumaça e de fuligem, porque estas coisas parecem muito “normais” na Amazônia.

Dentro desta perspectiva, estes fenômenos se manifestam em todo o cenário brasileiro, o que vai mudar é o contexto local que vai gerar uma história peculiar de acordo com as suas especificidades histórico-culturais. E quando falamos do cenário amazônico, claro que se manifestará de acordo com sua especificidade, em conformidade com a cultura (ou culturas) local e fronteiriça.

Quem nunca viu e ouviu falar de alguns trechos de rua, que abrigam e obrigam velas acesas, capelas de santos e cruzeiros, espalhadas por determinados lugares da cidade, ou de ruas específicas, que as pessoas consagram ou sacralizam estes pedaços como sagrados, ou emite algo do sobrenatural. Lugares assim guardam e simbolizam a memória de alguma coisa que aconteceu,

como a morte trágica de alguém, através de uma cruz por exemplo. Algumas vezes estes lugares passam a serem vistos como mal assombrados, controlados por determinadas influências tanto terrena, quanto do plano espiritual, os bairros também, cada um guardando suas histórias, seus devidos acontecimentos, pessoas e coisas que ficam registradas na memória da população.

Encontrei também um tipo de devoção a um objeto de cera, uma vela específica que é reconhecida como a mão milagrosa ou “Mão Santa” (uma vela em forma de mão que é velada por alguns dias pelo devoto, para determinados fins). Segundo relato de uma interlocutora a mão santa é usada em casos extremos ou situações difíceis da vida. Vejamos o depoimento desta senhora:

*Meu filho teve se envolvido com umas coisas ruins aí, a polícia tava atrás dele, recorri a todos os santos que podia para os cabocos e por último a mão santa, veleï durante os cinco dias de dia e de noite até ela acabar, de dia e de noite sem colocar nem um pingô de água e comida na boca, porque durante esses dias a gente não pode fazer nada disso, quase morri, rezando dia e noite, pedindo proteção para ele” (Depoimento coletado em 2016).*

Em síntese, o que temos visto é uma variedade de relatos de situações que marcam o cotidiano das pessoas que vivem no bairro Colônia, as quais acabam se misturando com o imaginário social e religioso dessa Região Amazônica. Nesse sentido, o bairro Colônia é um grande espaço ou lugar aonde acontecimentos vão sendo vivenciados ao longo do tempo, práticas culturais, religiosidade popular são marcadas e ressignificadas pelos que a praticam. Brasileiros, peruanos, americanos dão uma nova cara à realidade social e cultural do bairro Colônia, embora velhas práticas persistam ao longo do tempo. Do ponto de vista cultural, o povo do bairro Colônia vive na cidade, mas com um pé no “campo”. Nesse sentido, falar de modernidade no interior do Amazonas é pensar que essas populações, mesmo que lentamente, também vivenciam um processo de transformação sociocultural que afeta a todos em maior ou menor grau, mas em sintonia com a tradição que lhes confere uma identidade local.

### 1.3 - O Arigó Edmundo em Benjamim Constant.

Apresento resumidamente a história de Edmundo como foi contada pelos interlocutores deste trabalho. Trata-se de um suposto nordestino (talvez cearense, como muitos daqui), que

segundo relatos, chegou a Benjamin Constant no ano de 1957. Mais conhecido como “Pé de Ferro”, ele era assim conhecido pelo fato de ter uma prótese de ferro que ele mesmo teria construído. Edmundo estabeleceu-se na cidade consertando motores de popa e relógios. Os depoimentos coletados demonstram que ele tinha uma personalidade fechada, ou seja, reservada, de pouco falar e não possuía família na cidade. Estas características produziam no imaginário das pessoas que Edmundo era uma pessoa estranha e misteriosa. Por acreditarem que Edmundo era nordestino, muitos achavam que ele podia ter uma personalidade considerada dura, difícil e violenta.

Por ser considerado um bom mecânico, certa vez foi-lhe pedido para consertar um motor que pertencia a Nicanor, integrante de uma família tradicional de Benjamin Constant, considerada rica e influente. De acordo com alguns relatos Edmundo consertou o motor de Nicanor, que resolveu não pagá-lo, porque achou o valor cobrado por Edmundo muito alto. Ainda segundo informações locais, Edmundo se revoltou porque Nicanor tinha condições de pagá-lo, já que era considerado rico, e não pagou o preço cobrado por ele. A partir deste momento instala-se o conflito entre os dois, e Edmundo acaba por tirar a vida de Nicanor, em plena praça pública no centro da cidade, utilizando uma chave de fenda previamente trabalhada por ele e transformada em arma fatal.

Os interlocutores relatam que logo depois que Edmundo assassinou Nicanor ele foi se entregar à polícia, ficando preso por um período incerto (algumas versões falam que foram algumas semanas, outras três meses e outras ainda seis meses) no qual teria sofrido tortura e, por fim, foi assassinado dentro da cadeia de forma bastante cruel.

A partir dos fragmentos da memória dos meus interlocutores, selecionei algumas informações que passaram a circular à época sobre a morte de Edmundo, as quais foram a mim reveladas pelos entrevistados: enterrado como indigente e sem direito a velório. Há relatos de alguns interlocutores que afirmam terem ouvidos seus gritos de dor e o teria encontrado enforcado dentro da cadeia, o que na versão da polícia ele teria cometido suicídio. Após sua morte, alguém teria sentido a presença de seu espírito dentro da delegacia. Esses elementos parecem produzir eco na imaginação de muitas pessoas que atribuem santidade a pessoas que passam por tais provações, não importando a condição moral de seus atos em vida.

Edmundo chegara a Benjamin Constant, segundo os anciãos da cidade, na década de 1950, época em que a cidade era praticamente uma vila muito pacata. Confirmamos esta informação por meio do livro do antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira, que pesquisou na região no final da referida década. Nas palavras de Cardoso de Oliveira: “Tudo isso aqui é um enorme cenário de floresta e água. Navega-se nas águas com os olhos nas margens raramente ocupadas por palhoças, salvo quando se avista uma vila ou quase cidade como Benjamin” (Oliveira, 2002, p. 272).

Quando retomei a pesquisa de campo, já no mestrado, com os narradores em 2016 e 2017, era muito comum e corriqueiramente na hora da transmissão desta narrativa, meus interlocutores “lembrarem” a todo o momento o fato ocorrido na tão citada “ponte”, lugar que lembra e marca a vida deles e de Edmundo na cidade de Benjamin Constant, isto é, na década de 1950, na qual ocorreu a morte de Edmundo.

No primeiro depoimento de um dos narradores, selecionei a voz do narrador que relembra com certo saudosismo quanto a tal ponte, muito lembrada no momento de rememorar a história de Edmundo pelos narradores.

Interlocutor 1:

*- Em Benjamin existia uma ponte onde as pessoas transitavam prá lá e prá cá, esta ponte era a única via de acesso para as pessoas chegarem a outras localidades da cidade, principalmente para ir até os comércios bem simples da pequena vila. Tudo em Benjamin era perto, com poucas coisas para se comprar mais às vezes em alguns armazéns como o do Senhor Carlos Periquito a gente encontrava tudo de um pouco. Nessa época Benjamin era só um caminho de mato, de barro, tinha uns altos morros que eram conhecidos como morro alto do bode, lugar assombrado depois é que veio a ponte, quando a ponte foi construída era tanta gente andando por cima dela, inclusive Edmundo com o seu pé de ferro (Depoimento coletado no ano de 2016).*

Em relação à tão citada ponte, que é lembrada pelo primeiro interlocutor até os dias de hoje, ela é muito mencionada pelos velhos moradores da cidade, principalmente quando se quer obter dados históricos da cidade.

Baseada na argumentação de autores como Maués (2005), Galvão (1976), Benchimol (2009), os quais analisaram a formação social e cultural da Amazônia e de informações dos narradores do lugar, sabemos que décadas atrás as pessoas pertencentes à Amazônia viviam da caça, da pesca, da extração da madeira, fato considerado comum, pelo menos pelos “nativos”. Galvão (1976) destaca que o ano de 1870 é o ano em que a borracha ganha definitivamente à

primazia nas exportações da Amazônia e do próprio Brasil, tornando-se um grande exportador da borracha. Muitos viviam da exploração da seringa também, a seringa nesta época, segundo os autores acima citados, era ainda considerada o “ouro” que movimentava a economia da região, mas a economia da borracha já apresentava fases de decadência na década de 1950, pelo menos em Benjamin Constant.

O interlocutor 2 relembra esta época, trazendo detalhes ricos e pitorescos da sua época de juventude, ele retrata muito bem esta fase que fora vivida por muitos de seus contemporâneos. Muitos deles disseram que foram durante muito tempo também seringueiros, madeireiros e que alguns são filhos de arigós, vejamos o segundo depoimento:

Interlocutor 2:

*- Nós trabalhamos muito nesta época prá sobreviver, nós era seringueiros e filhos de seringueiros, muitos deles vindo do Nordeste, época boa, de fartura, muito peixe, muita caça do mato, mas prá alguns, muito sofrimento, muita pobreza também, a gente trabalhava pros patrão, pra enriquecer eles e nós sempre na pobreza. Lembro que eles traziam prá nós algumas coisas que a gente comprava no barracão: machado, pente, anzol, cachaça, nossas roupas eram de saco de pano, nossos sapatos a gente fazia de borracha mesmo. Todas estas coisas eram muito cara, custava o suor da cara (Depoimento colhido em um dos encontros marcados na residência de um dos interlocutores no ano de 2016).*

Alguns destes depoimentos expressam a dor, o sofrimento de alguns sujeitos que foram seringueiros e filhos de seringueiros. Estes foram testemunhas vivas que conheceram de perto o cenário da seringa em um mundo que foi marcado por muita exploração, enriquecimento de poucos e empobrecimento de muitos. Outro dado importante refere-se à poderosa presença da Igreja Católica, predominante e atuante na região amazônica. As freiras e padres capuchinhos exerciam um intenso trabalho na área da evangelização e social, cultural, educacional entre outros serviços assistenciais.

Muitos desses capuchinhos vinham da Itália, se instalavam na região e permaneciam até o momento de morrer ou voltarem para a Itália, deixaram registradas suas atividades para com a comunidade. Atualmente podem ser encontrados registros sobre o trabalho que eles exerceram com a sua presença que fora marcante no Alto Solimões, apesar de certa convivência com o sistema de exploração seringalista. Depoimentos dos narradores que refletem a presença marcante da Igreja em Benjamin Constant só confirmam, o que os estudos e análises de autores citados anteriormente, atestam a presença da igreja na formação cultural e religiosa na Amazônia.

O segundo interlocutor testifica ao falar que foi testemunha real das várias vezes que viu os padres serem coniventes e temerosos com o sistema que regia a cidade na época, o narrador continua o seu depoimento afirmando: “*Os padres nessa época eram muito fortes, muitas vezes eram eles que ajudavam os pobres, mais tinha muitos deles que tinha muito medo dos patrões, eles, às vezes, recebiam ajuda dos patrões prá ficarem do lado deles*”<sup>5</sup>.

Existiam nesta época também pessoas influentemente consideradas importantes pelo povo, no meio político e econômico, que controlavam as coisas em Benjamin Constant, e ditavam as leis. Eram os chamados seringalistas, considerados os fidalgos da borracha, pessoas que se julgavam eminentemente importantes, “donos” de vários rios, igarapés e muitas terras.

De acordo com informações coletadas, a cidade de Benjamin Constant abrigava muitos homens considerados pelo povo como os senhores da borracha. Estes seringalistas exploraram e enriqueceram a custa do trabalho escravo de indígenas e caboclos que ofereciam mão de obra barata<sup>5</sup>.

Estes senhores levavam a seringa para Manaus, para outras regiões do Brasil e a exportavam para determinados lugares da Europa, a maioria deles enviava todo o seu dinheiro para a cidade de Manaus, lá construíam mansões belíssimas e enviavam os seus filhos para estudarem na Europa. Como relata o 2º interlocutor:

*- Eu lembro quando chegavam a Benjamin uns homens grandes, dos olhos bem azuis, com a pele branca, chegava a Benjamin, comprava uns rios, umas terras, começava a plantar seringueira, depois quando a gente via estava todo mundo trabalhando prá eles, gente poderosa, forte e rica (relato de um devoto de Edmundo em frente a sua casa, numa segunda – feira, do ano de 2016).*

Oliveira Filho (1988) caracteriza o sistema seringalista no Alto Solimões, mencionado por meus interlocutores. O autor descreve a expansão do extrativismo na área amazônica, indicando a existência de diferentes modelos de seringal.

Ao tratar da dependência dos “soldados da borracha”, em relação patrões seringalistas, Oliveira Filho afirma que:

O seringueiro, transplantado do Nordeste por um agenciador e tornado inteiramente dependente de um ‘patrão’ e do esquema de ‘aviamento’, enquanto sofria uma espécie de

---

5. 1º Ciclo da borracha, apogeu (1870 a 1920). 2º ciclo da borracha no período da 2ª Guerra Mundial, (década de 1940) governo Getúlio Vargas, “soldados da borracha”.

moderna servidão (como a chamou Euclides da Cunha, 1976), propiciou a extraordinária ampliação da produção de borracha e permitiu a conquista a ferro e fogo dos vales interiores do Amazonas (Oliveira Filho, 2016, p. 35).

O mesmo autor fala também da violência a que eram submetidos esses migrantes nordestinos: “Os seringueiros nordestinos, recém-chegados à Amazônia, foram paradoxalmente chamados de ‘brabos’. A razão para isso era o seu desconhecimento das técnicas de trabalho no látex, algo que deveriam superar rapidamente para não ‘estragar’ as árvores de seu ‘patrão’ e não serem por ele duramente punidos” (*idem*, p. 36).

Pelos testemunhos dos interlocutores, Edmundo parece ter sofrido na pele as consequências da estrutura de poder local, que ele desafiou. Penso que a morte dele serviu para mostrar para a sociedade local, que aquele que ousasse em tocar ou desafiar esta estrutura de poder, sofreriam as mesmas consequências sofridas por Edmundo. Penso também que, Edmundo sendo um indivíduo inserido nesta sociedade, serviu de exemplo de coragem e resistência frente a uma estrutura de poder, ele seria a voz da própria subalternidade que se estabelecia também. Antropologicamente, encontro outro elemento importante na devoção a Edmundo, simbolizado pelo prego de cinco polegadas, que segundo algumas versões da história de sua morte fora cravado na cabeça dele. Esse evento parece reavivar, na memória de alguns dos meus interlocutores, que a marca deixada no corpo de Edmundo lembra a opressão de tempos passados, marcado pela dor, mas também para lembrar sua força e coragem, lembrada por seus devotos que manifestam atos devocionais na materialização de sua fé, reatualizada e ritualizada no cemitério, até os tempos atuais.

O mundo da borracha representava para muitos a esperança de dias melhores. Com o incentivo do Governo Federal, criou-se na mentalidade de muitos que a Amazônia seria a porta de entrada para um futuro melhor para seringueiros e seringalistas, mas transformou-se na verdade para muitos num grande inferno verde e trouxe muito escravidão e morte para seringueiros, índios e caboclos da região.

Os seringalistas e os seringueiros encontravam-se dentro de um sistema de patronagem<sup>6</sup>, por meio do qual se exercia o poder na região, mas também podemos visualizar nesta rede de relações um padrão ético normatizador das relações entre os dois grupos bem como nas relações

---

6. Tomo de empréstimo o modelo de patronagem proposto por Caniello quando este propõe uma utilização do conceito mais no sentido de uma ordenação ética das relações sociais dentro de uma sociedade do que em seu sentido político estrito (CANIELLO, 1990a).

sociais dessa sociedade de modo geral. É certo que os seringueiros se viam em situação de trabalhar incessantemente, para quitarem uma dívida que jamais acabava a velha prática dos patrões ganharem no baixo preço do produto e no alto custo da mercadoria por eles vendida tanto para seringueiros, quanto para indígenas. Mas havia também um comprometimento moral entre estes e seus patrões.

Predominavam naquele contexto os chamados “barracões”, local no qual, os seringalistas vendiam produtos para os seringueiros, estes produtos eram: tecidos baratos, anzóis, cinturões de couro, sapatos, pentes, terçados, machados, vassouras, perfumaria, cachaça entre outros utensílios, costumava-se encontrar nos barracões também galinhas, porcos, caça do mato, banana e outros. Segundo Benchimol, este complexo de barracão e do tapiri<sup>7</sup> marcava a articulação entre os chamados coronéis de barrancos e seus instrumentos, entre seringueiros e seringalistas (Benchimol, 2009). Todos estes produtos custavam um valor muito alto, satisfazendo as necessidades dos seringueiros, mas em compensação levaria o seringueiro a trabalhar em peso dobrado para quitar uma dívida que nunca terminava.

Meus interlocutores descreveram para mim, durante a pesquisa os nomes desses homens que governaram por muito tempo os rios, as terras da região e o que vemos atualmente são os nomes destes homens estampados nos prédios públicos da cidade, das ruas, em escolas, órgãos públicos em homenagem a estes homens e que na grande maioria foram os que mais exploraram o povo local. “Assim, a Amazônia foi sendo povoada por coronéis de barranco. Quase todos eram seringalistas que dominavam os rios de borracha, como donos de seringais, castanhais, fazendas e propriedades rurais” (Benchimol, 2009, p. 163).

Muitos seringueiros foram extremamente explorados e obrigados a trabalharem desta maneira, para sobreviverem na Amazônia. Segundo relatos, alguns destes seringalistas, temidos na cidade de Benjamin Constant mandavam até matar se soubessem de algum seringueiro que devesse muito para ele, pois a mentalidade dos patrões era somente obter lucros e vantagens para a sua empresa ou os seus negócios. “*Eu lembro muito bem, quando vi muito seringueiro apanhando, porque estava em dívida com um seringalista, meu Deus tive dó do meu companheiro, esse tal senhor era mal mesmo, mandava até matar, ninguém se metia a besta com ele não*”, afirma um dos meus interlocutores (Dado coletado no ano de 2016).

---

7. Palavra indígena utilizada para denominar o abrigo temporário onde o seringueiro defuma a borracha.

Benjamin Constant no início da sua formação histórica era chamado Vila Esperança. Foi justamente na antiga vila chamada Esperança que Edmundo e muitos outros acabavam de chegar nos anos 50. Supomos que ele e outros foram atraídos pelo apetite da seringa, do encantamento, da fantasia que o governo havia criado a respeito de novas perspectivas na Amazônia. Muitos destes faziam suas vidas aqui, casavam-se, tinham filhos, viravam seringueiros, na tentativa de juntar dinheiro e retornarem para o Nordeste. Encontramos ainda muitos nordestinos, e seus descendentes, em Benjamin Constant, muitos deles permanecem aqui até os dias de hoje e muitos deles são ainda reconhecidos como “soldados da borracha”. Estes relatos foram extraídos de entrevistas e depoimentos, com o 3º interlocutor com quem conversei.

*- Nós sofremos tanto nessa época da seringa, depois muita gente foi chamada prá guerra, trabalhamos duro prá sobreviver na terra dos outros, a gente só não morreu, porque Deus é bom, mais tinha alguns patrões que eram bons também. Graças a Deus que nós [hoje] temos o salário de soldado da borracha, que ainda dá prá viver um pouco melhor (Dado coletado no ano de 2016).*

Baseado em depoimentos, talvez se entenda que seja por isso que alguns acreditam na possibilidade de Edmundo ter chegado à cidade de Benjamin Constant, querendo escapar da fome e da miséria no Nordeste daquele período. A terceira pessoa ao narrar que é professora aposentada, aproximadamente de setenta anos falou-me:

*- Fiquei sabendo que Edmundo tinha vindo em busca de um irmão que desaparecera na Colômbia e que ele nunca havia encontrado, eu era bem novinha quando conheci Edmundo, eu tinha apenas treze anos de idade, nós morávamos na rua da delegacia onde Edmundo foi preso. Muitos dizem que ouviam os gritos dele na cadeia pedindo ajuda, eu queria ir visitá-lo na cadeia mais minha mãe não me deixava, viajei e passei um tempo fora, quando retornei a Benjamin, estavam velando Edmundo dentro da cadeia. Ele era um senhor muito reservado, de pouco falar, muito discreto, não tinha esposa e nem filhos, era sozinho. Eu lembro que várias vezes o via andando pra lá e pra cá na antiga ponte (Dado coletado no ano de 2016).*

Relatos assim foram recorrentes ao longo da pesquisa, na verdade, são pedaços, recortes, fragmentos de uma história e que aos poucos fui tentando reconstruí-la e compreender. Sei que muitos que conheceram Edmundo um pouco melhor e que seriam seus contemporâneos já faleceram. No momento do trabalho de campo, havia poucos que sabiam descrever detalhadamente a história dele. Como afirma um desses narradores: “Ele era um bom mecânico que consertava motor de popa HP 10-12 e consertava também relógios, vivia disso, tudo ele dava

*um jeito de ajeitar, não tinha nada que ele não consertasse, o que a gente sabe é que ele mesmo fez o próprio pé” (Dado coletado no ano de 2016).*

Edmundo chegara a Benjamin Constant sozinho, não possuía família. Acreditam que ele era do Nordeste, só não sabem dizer ao certo de qual Estado e cidade. Tinha uma estatura mediana, de cor clara, muito reservado, de poucas palavras, só se socializava com aqueles que lhe eram mais próximos. Residia numa hospedaria que estava localizada na Rua Getúlio Vargas, atualmente no centro da cidade. Esta hospedaria era da senhora Veridiana, segundo os narradores.

De acordo com alguns narradores, era um homem que parecia não possuir vício, era ponderado em suas ações, vivia para o seu trabalho, trabalhava com eficiência e era considerado por todos como um bom mecânico. Todos os dias, segundo depoimentos, ele saía do trabalho e ia tomar suco e jogar bilhar num bar na Rua Getúlio Vargas. Essa rotina era de praxe e alguns desses interlocutores o conheceram assim, jogando bilhar, outros o conheciam pela fama de bom mecânico que tinha e por possuir um pé que era de ferro. Ninguém sabe descrever ao certo como ele havia perdido o seu pé ou se chegara assim do Nordeste. Alguns dos narradores falam que só vieram descobrir que seu pé era de ferro quando ele foi encontrado morto na cadeia. Por isso passaram a chamá-lo de Edmundo Pé de Ferro. Durante o tempo em que esteve vivo, só se ouvia dizer que Edmundo era um homem reservado demais e que não tinha muita influência na cidade, respeitava a todos, mas era um homem de “sangue quente”. Segundo o depoimento do narrador 4, que conheci durante a pesquisa de campo no dia dos finados:

4º Interlocutor:

*- Edmundo era um homem muito duro e de atitude firme, ele era meu amigo, consertava meu relógio, ele não tinha medo de nada e não tinha um coração bom não, ele não era também uma má pessoa, também não levava desaforo prá casa, mais era duro, decidido no que fazia e no que queria, não sou seu devoto mais gosto dele, era meu amigo (Dado coletado no ano de 2016).*

Perguntei ao narrador supracitado neste dia, se ele acreditava na possibilidade de Edmundo ser considerado um santo e porque tanta gente acreditava nessa idéia, mas ele não soube me responder. Contudo, imaginava que toda essa reverência ou devoção que se tinha acerca dele, era pelo tipo de morte que sofreu, posto que ele havia conquistado entre seus devotos. Nas palavras ainda do 4º Interlocutor:

*- Edmundo sofreu muito antes de morrer; judiaram demais dele, o que fizeram com ele não se faz nem com um cachorro, mais ele não se entregou, enfrentou a dor, de tudo quanto era jeito, foi muito torturado, o coitado. Por isso que tem tanta gente que recorre a ele, tem muita gente que recorreu a ele e que alcançou graças com ele. Eu sempre me lembro dele, porque a imagem que tenho dele, é de um homem forte, destemido. Se ele fez alguma coisa, foi só prá defender a honra de homem dele, pois o que ele fez foi consertar o motor do Nicanor e ele não quis pagar, fez justiça com as próprias mãos, já que naquele tempo a lei era feita com as mãos, ele sobrevivia desse tipo de trabalho (Dado coletado no ano de 2016).*

Retomarei a interpretação deste depoimento no segundo capítulo, onde analiso os dados etnográficos coletados no dia dos finados.

A estada de Edmundo em Benjamin Constant, desde sua chegada, segundo aqueles que o conheceram, foi de aproximadamente três meses antes de sua prisão. Além de consertar motores e relógios, Edmundo fazia um serviço aqui, outro ali para poder se manter numa região que não lhe oferecia muitas oportunidades de sobrevivência. Vários motores eram entregues em suas mãos, e logo ele dava um jeito de consertar para poder dar conta de tantos pedidos.

Retomando a história de Nicanor, esse era gerente da loja de seu cunhado, Barbosa. Barbosa era respeitado pelas pessoas por possuir muito dinheiro e *status* social, era dono de uma loja grande em Benjamin Constant que fornecia alguns produtos para os demais comerciantes da cidade, tendo demasiada influência política, pois financiava a candidatura de alguns políticos.

Segundo alguns depoimentos, Nicanor era um homem moderado, tranquilo, educado e que não possuía esposa e nem filhos, gerenciava os bens de sua família. Notemos um desses depoimentos a respeito de Nicanor, dado ainda pelo 4º interlocutor:

*- Seu Nicanor era boa gente, homem bem-educado, não fazia mal nenhum a ninguém, era magrinho, diziam até que ele era tuberculoso o coitado. Também diziam que ele era homossexual. Não tinha esposa e nem filhos, morava com sua irmã. Certa vez ele pediu para Edmundo consertar um motor para ele e foi por causa desse motor que começou a tragédia dos dois (Dado coletado no ano de 2016).*

Todos os narradores me revelaram que Nicanor sofria discriminação na cidade porque, segundo eles, Nicanor seria homossexual, mas que esta discriminação ocorria de forma sutil, às pessoas faziam comentários discretos e indiscretos, boatos sobre sua suposta orientação sexual. Acredito que pelo fato dele ter um relativo *status* social na cidade, como foi dito por todos os narradores, e por pertencer a uma família tradicional que possuía certo poder aquisitivo, este

preconceito era camuflado pelas pessoas que tinham algum receio de represália da parte de sua família. Era um homem fechado também, falava pouco.

Edmundo havia consertado o motor para Nicanor e logo chegou tal conversa a Edmundo que Nicanor não pagaria o conserto do motor. O que se sabe é que um homem que era amigo de Nicanor havia criado essa conversa. Muitas pessoas acreditam que foi por causa dos boatos difundidos por este homem que a tragédia aconteceu. Os interlocutores disseram: “este homem foi o ‘pivô’ da morte dos dois”. Acreditam os narradores entrevistados, que este homem criou uma série de conversas, “fofocas”, para enfurecer Edmundo e Nicanor. Fiquei sabendo pelo 5º Interlocutor que:

*- A família de Nicanor já andava inquieta e preocupada com a vida dele. Barbosa andou providenciando alguém para que pudesse proteger o cunhado, prometeu mandar bala prá quem fosse mexer com seu cunhado, boatos estes que surgiram depois das conversas trazidas e levadas pelo tal amigo de Nicanor a Edmundo (Dado coletado no ano de 2016).*

Mas o homem, que criou esses boatos, fora assassinado com um tiro na porta de sua casa. Depois que Edmundo ouviu a conversa de que Nicanor não iria pagá-lo, começou a amolar uma chave de fenda, várias pessoas chegavam até ele e perguntavam: “porque você está amolando esta chave?” Ele simplesmente dizia, “esses dias cometerei uma besteira!” E continuava a amolar sua chave, mandou então dizer o preço do motor para Nicanor, que não quis pagá-lo. Edmundo ficou muito chateado com isso, como de praxe foi para o bar jogar bilhar, tomou seu suco e foi esperar Nicanor na descida do antigo prédio do PTB, (Partido Trabalhista Brasileiro) partido político atuante na cidade de Benjamin Constant à época, atualmente a descida da Praça Frei Ludovico, localizada no centro da cidade.

Quando Nicanor vinha descendo, Edmundo o chamou e cravou a chave de fenda, seguidas vezes em suas costas, fazendo três furos em seu corpo. Nicanor foi encontrado morto com uma lanterna na mão. Naquele tempo Benjamin Constant não possuía luz elétrica, algumas pessoas usavam um motor que gerava luz para as casas, e só quem podia ter este motor eram as pessoas que tinham uma condição econômica melhor. Encontraram o corpo de Nicanor todo ensanguentado, jogado no chão, segundo informações locais ele teve morte súbita.

Edmundo foi se entregar na delegacia da polícia que antigamente era situada na Rua Getúlio Vargas, no local onde atualmente é a loja de variedades “Caruaru das utilidades”.

“Corajoso”, como assim se queixa os interlocutores ele assassinara o cunhado de seu Barbosa e se entregara, por causa disso pagaria um alto preço até morrer. Depois da morte de Nicanor, que foi registrada no dia 10 de agosto de 1957, Edmundo, segundo relatos, foi preso, sofreu espancamentos, torturas, passou muita fome, sede, dormia no chão quente e frio da delegacia. Os policiais deixavam ele no escuro, não deixavam ele receber visita, davam água de “pirarucu” para ele beber, ou seja, lavavam o “pirarucu” salgado e davam essa água da lavagem para ele. Os agentes penitenciários batiam nele até sangrar, os moradores ouviam os seus gritos quando ele pedia ajuda e gritava por socorro, ele padeceu muito na prisão.

A 6º interlocutora, de aproximadamente 90 anos, disse-me:

*- Ele sofreu muito Seu Edmundo. Eu ia visitar ele na cadeia, meu cunhado que era agente penitenciário me deixava visitar ele, quando eu chegava lá na cadeia ele me falava: dá-me água, por favor, ele dormia no chão frio da delegacia, meu cunhado me falou várias vezes que uma das mulheres dos agentes penitenciários de maldade dava água salgada prá ele beber, ele pedia ajuda o coitado (Dado coletado no ano de 2016).*

Todos os narradores acreditam que era a família de Nicanor que mandava fazer tudo isso com Edmundo. Os narradores contam que Edmundo passou mais ou menos de três a seis meses sofrendo na cadeia, dias estes de muita dor, sofrimento e tortura. Os dados sobre seu período na prisão são poucos precisos, pelo fato dos entrevistados não conseguirem lembrar direito, as lembranças são muito vagas.

Depois de tanto sofrer, Edmundo fora encontrado morto com uma corda no pescoço dentro da delegacia, alguns alegavam que ele tinha provocado suicídio, por não conseguir mais suportar tanto sofrimento, outros acreditam até os dias de hoje que o mataram. Depois que averiguaram a situação do corpo de Edmundo, de acordo com os interlocutores, a autópsia naquele tempo conseguiu identificar um prego de cinco polegadas cravado na cabeça de Edmundo. A autópsia supõe que este prego fora introduzido nele quando ainda estava vivo. Dizem ainda que haviam esquentado o prego, para que ele ficasse bem quente, e depois pregaram na cabeça de Edmundo, para que ele sentisse muita dor. Havia resquícios em seu corpo que comprovavam que ele havia sido assassinado e não cometido suicídio.

A 6º interlocutora falou-me assim: - *“todo mundo sabe que Edmundo não se matou, ele foi assassinado, tem gente aqui em Benjamin que sabe até quem foram os assassinos dele, eu estava*

*lá na delegacia quando o médico perito falou que ele tinha sido assassinado” (Dado coletado no ano de 2017).*

Mas até os dias de hoje os narradores em geral disseram a mim que a morte de Edmundo é um grande mistério ou simplesmente que ninguém quer se envolver. Alguns narradores revelaram a mim os nomes dos homens que supostamente torturaram e mataram Edmundo. Por ironia do destino ou por uma espécie de castigo, como parecem acreditar os próprios narradores e algumas outras tantas pessoas, todos aqueles que fizeram parte da tortura e morte de Edmundo tiveram morte trágica também: morreram loucos, queimados, envenenados, assassinados ou se suicidaram, incluindo delegados e agentes penitenciários. A própria família de Nicanor foi à falência, Barbosa ficou tão desanimado com a morte do cunhado que seus negócios começaram a fracassar, toda a sua estrutura de poder foi se destruindo aos poucos. Além dos narradores que foram escolhidos, para contribuir com esta dissertação, outros interlocutores que fui descobrindo ao longo da pesquisa dizem que essa falência foi por causa da morte de Edmundo. Esse discurso é dito por todos aqueles que conhecem a história de Edmundo, tanto narradores, quanto devotos ou que simpatizam com sua história de vida e de morte.

Depois de sua morte, surgiram relatos de pessoas que afirmam ter passado a ver o fantasma de Edmundo dentro da delegacia, e seus gritos eram ouvidos pelos moradores locais e próximos a delegacia. Edmundo passou a ser visto por algumas pessoas como assombração, os narradores me falaram que para fazer com que as crianças fossem para cama mais cedo, naquele tempo, diziam: *“Menino se você não for dormir logo, o Pé de Ferro vai te pegar!”*.

Foi depois de sua morte trágica que Edmundo passou a ser reconhecido como alma, santo milagreiro. Vejamos o depoimento de uma devota de Edmundo que foi apresentada a mim durante a pesquisa, por indicação dos narradores: *“Ele é santo sim, consegui através dele muitas graças, coisas que prá mim eram consideradas impossíveis, ele é um santo forte, sofreu muito e foi isso que ajudou ele a ser santo”* (Depoimento coletado na segunda-feira de uma devota em 2016).

Essas pessoas passaram a acreditar que pelo fato de Edmundo ter sofrido muito, ele tinha conseguido o perdão de Deus, a graça e a misericórdia de interceder pelas pessoas, que sua alma teria conseguido ser perdoada do que ele havia feito com Nicanor. E até nos dias atuais, pessoas lhe rendem devoção, não se preocupam em saber que em vida ele foi um assassino, mas que ele virara um santo, ou uma alma protetora e que está com Deus. É o que mostra um dos

depoimentos por mim coletado na segunda – feira e no dia dos finados: “*quem não erra? Todo mundo erra, ninguém é perfeito, mas Deus já perdoou ele, ele tá com Deus, não me preocupo se ele foi assassino, o importante é que ele faz milagres*”. Estas pessoas acreditam que ele havia feito justiça com suas próprias mãos e como todo ser humano, qualquer um pode cometer erros e pagar por eles, seja em vida ou mesmo depois de morto. Essa fama de milagreiro surgiu exatamente depois de sua morte e persiste até os dias de hoje (2018), sessenta anos após o ocorrido.

Os narradores contaram que naquele tempo sua morte teve muita repercussão, pessoas notavam uma infinidade de velas depositadas em seu túmulo, e se ouvia muitos falarem que Edmundo havia atendido todos os seus pedidos. Existiu, segundo relatos, uma mulher de origem peruana que chegou a contrair o vírus da hepatite, doença esta que naquele tempo matava muito rápido. Nessa época Edmundo não possuía um túmulo como o atual, era identificado como indigente<sup>8</sup>. E essa mulher já estava desfalecendo, praticamente desenganada, quando ela ouviu falar de Edmundo, que ela se achegasse a ele que ele a ajudaria, ela então recorreu a Edmundo lhe pedindo para curá-la do mal que lhe assolava. Passaram-se alguns dias, a mulher peruana foi se recuperando do mal até ficar totalmente curada.

Depois disso, ela começou a divulgar o nome de Edmundo e mandou construir um túmulo simples para ele. Por não existir nenhum documento, nenhum parente para o seu reconhecimento, as pessoas passaram a chamá-lo de Edmundo Pé de Ferro e ficou sendo reconhecido desta maneira até hoje. Segundo o interlocutor foi esta mulher peruana que começou naquela época a divulgar o nome de Edmundo. Supõe-se assim, que a devoção a Edmundo tenha se iniciado logo depois de sua morte. Muitos desses narradores falam que, já naquele tempo, no dia dos finados Edmundo era muito reverenciado com velas, flores, orações que as pessoas dedicavam a ele, o que confirmei durante minha pesquisa.

A tradição da devoção a Edmundo foi sendo passada de geração a geração ao longo do tempo. Ao longo da pesquisa fiquei sabendo que depois de sua morte, havia chegado a Benjamin Constant um bancário que viera trabalhar na cidade e se instalara próximo à antiga delegacia onde Edmundo fora preso, torturado e assassinado. Este bancário teria visto de longe um fantasma e ficara muito assustado. Ele teve a visão de um homem em pé olhando para ele. Estes

---

8. Segundo narradores, um senhor conhecido de Edmundo construiu a capela para seu túmulo alguns anos depois do seu enterro.

episódios foram acontecendo todas as noites, até ele investigar em saber o que estava deixando ele tão assustado, foi quando lhe revelaram que ele estava vendo o fantasma de Edmundo, muito antes de ele saber o que tinha acontecido por ali. Edmundo teria aparecido para ele várias vezes. Fiquei sabendo que este bancário procurava um lugar para fixar o banco da cidade, e foi se instalar justamente ao lado da delegacia onde Edmundo havia passado os dias mais tenebrosos de sua vida. Estes são alguns fragmentos da história de Edmundo que ouvi durante a pesquisa, alguns desses relatos se repetem ao longo da pesquisa, poucos são diferenciados, mas substancialmente tudo gira em torno de sua morte e de sua devoção.

Nicanor por sua vez fora esquecido, seus restos mortais foram enviados para Manaus, no cemitério São Francisco existe simplesmente o seu túmulo vazio. O túmulo de Nicanor é em parte de mármore, o senhor que cuida do cemitério me disse que isso representa que, naquele tempo, ter um túmulo deste porte só era possível para quem possuía muito dinheiro. Atualmente esse túmulo ainda existe, com algumas deteriorações provocadas pelo tempo, e segundo o vigia do cemitério ele ainda não caiu pelo fato de ser em mármore. Em seu túmulo tem uma placa com a fotografia de Nicanor para sua identificação, bem como o dia do seu nascimento e do seu falecimento, este ocorrido quando o mesmo tinha 45 anos de idade.

O túmulo de Edmundo está localizado próximo ao cruzeiro (onde as pessoas depositam muitas velas, coroas de flores para os mortos e registram publicamente seus atos devocionais às almas), e fica bem nas margens laterais do lado direito de que entra pelo portão principal do cemitério. O centro do cemitério é o local onde parece se concentrar os túmulos das pessoas de melhor *status* social, enquanto o túmulo de Edmundo está localizado num canto do cemitério, ou seja, às margens, próximo a uma esquina formada por duas ruas perpendiculares, acredito que pelo fato deste ter sido enterrado como indigente.

O cruzeiro dentro do cemitério tem um significado muito importante para os devotos, simbolizando a sacralidade do local. Como afirma Calavía Sáez: “Levantar uma cruz é o mesmo que fundar religiosamente um lugar” (Calavía Sáez, 1996, p. 89). Discutirei mais profundamente este tema mais adiante, pois constituem partes fundamentais da minha pesquisa.

Vale ressaltar que existe entre alguns devotos certa confusão entre Edmundo e Nicanor, pude perceber que esta confusão existe entre gerações mais jovens. Talvez seja pelo fato desta história ser antiga demais e não existirem registros sobre o fato, o que abre espaço para algumas imprecisões e especulações. Não se sabe muita coisa de Edmundo, não possui nenhuma

fotografia, nenhum registro de identificação, nem de óbito, não se sabe o que ele veio exatamente fazer aqui, o que se tem são informações desconstruídas dependendo da proximidade dos interlocutores e devotos com relação a ele, os quais fui conhecendo no decorrer desta pesquisa. O fato é que todos que ouvem falar de Edmundo, sempre se referem a ele como santo milagreiro ou alma milagreira. Mas, pretendo me estender melhor nos dados etnográficos mais adiante ao longo desta dissertação.

Assim como Nicanor, Edmundo também foi enterrado no cemitério São Francisco, onde se percebe que as pessoas atualizam constantemente suas práticas devocionais a este último. Uma capela foi construída para Edmundo, pelo fato das pessoas acreditarem que ele atendeu vários pedidos delas e elas, em forma de gratidão, retribuíram a ele construindo sua capela.

Na verdade, o que se pode entender é que o tempo de vida de Edmundo em Benjamin Constant fora bastante breve. Em alguns momentos para o desenvolvimento da produção textual desta pesquisa, senti algumas dificuldades em transcrever os relatos e depoimentos sobre Edmundo, pois a maioria destes relatos ocorre de forma oral e muitos deles são fragmentos de histórias, pedaços que apresentam lapsos de memória. O mais difícil, às vezes, é conseguir identificar as pessoas que sabem um pouco destes fragmentos, quando estas sabem, muitas vezes, são as mesmas coisas que já ouvi, ou seja, são depoimentos praticamente repetidos, apesar das suas variações por isso restringi a 7 anciãos. Algumas pessoas que sabiam um pouco melhor sobre os fatos e eventos de Edmundo já faleceram e outras que sabem não querem se “comprometer” como expressei bem logo acima. Além disso, tive dificuldade de encontrar alguns dos interlocutores indicados pelos devotos de Edmundo. Entende-se que a história de Edmundo nos faz pensar que existe uma atmosfera misteriosa em relação a sua morte e em relação à devoção. Tentarei explicar melhor esta interpretação mais adiante, lembrando que esta idéia de mistério é muito mencionada pelos interlocutores.

#### 1.4- O campo e o problema da pesquisa

A pesquisa de campo me permitiu pressupor algumas hipóteses que estariam dando suporte ao imaginário religioso local, a partir do qual se construiu a memória e a santificação de Edmundo, mediante sua morte trágica e sofrida. A idéia de uma morte marcada pelo martírio/sacrifício estaria sedimentando as bases para o reconhecimento de Edmundo como um

Santo Popular, ou “Santo de Cemitério”. Nesse caso, de acordo com Mauss & Hubert (2005), o sacrifício atinge o seu grau máximo de potencialidade, pois o sacrificante é a própria vítima.

Nesse contexto, o que interessa é o sentido que os devotos atribuem às suas práticas e não o vínculo deles com alguma instituição religiosa especificamente. Nesse sentido, a proposta de Geertz para pensar a religião parece ser mais instigante, já que para o referido autor não é a veracidade das práticas religiosas que está em foco, mas os sentidos que são construídos num determinado contexto. Para Geertz, religião é:

(1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de ordem de existência geral e (4) vestido essas concepções com tal aura de factualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas (Geertz, 2008, p. 67).

Para Geertz, a “experiência” não é suficiente para compreendermos as paixões e atos religiosos por isso o autor emprega também termos mais transpessoais como “Sentido”, “Identidade” e “Poder” “para captar as tonalidades da devoção em nossa época” (Geertz, 2001, p. 152). Geertz segue na linha de Max Weber ao demonstrar que “os ideais religiosos e as atividades práticas avançam juntos, aos tropeços, à medida que se deslocam pela história, constituindo, a rigor, um processo inseparável” (*idem*, p. 153). Para ele, “O mundo não funciona apenas com crenças. Mas dificilmente consegue funcionar sem elas” (*idem*, p. 155). Entretanto, Geertz não descarta a importância da “experiência”, mas apenas reinterpreta:

A “experiência”, atirada porta afora como um “estado de fé” radicalmente subjetivo e individualizado, volta pela janela, como sensibilidade comunal de um ator social que se afirma em termos religiosos (...) Comunal, mas pessoal. A religião, sem interioridade, sem sensação “banhada em sentimento” de que a crença importa, e importa tremendamente, de que a fé sustenta, cura, consola, corrige as injustiças, melhora a sorte, garante recompensas, explica, impõe obrigações, abençoa, esclarece, reconcilia, regenera, redime ou salva, mal chega a ser digna desse nome (Geertz, 2001, p. 159).

Ainda seguindo Geertz, existem muitas variedades de expressões da experiência religiosa, na “vida real”,

O “sentido”, a “identidade”, o “poder” e a “experiência” estão inextricavelmente emaranhados, implicando-se mutuamente, e é tão impossível fundamentar ou reduzir a “religião” a esta última, a “experiência”, quanto a qualquer dos demais. Não é na solidão que se constrói a fé (*idem*, p. 164).

Nessa perspectiva, o religioso é uma dimensão transversal do fenômeno humano que trabalha de modo ativo e latente, explícito ou implícito, em toda a extensão da realidade social, cultural e psicológica, segundo modalidades próprias a cada uma das civilizações dentro das quais se tenta identificar sua presença (Hervieu-Leger, 2008, p. 22-23).

As práticas devocionais, como decorrência das crenças que fui observando no cemitério, dedicadas a Edmundo, foram se evidenciando na medida em que isso ia se tornando parte da realidade dos devotos, num cenário amazônico, onde crenças populares é a expressão de um catolicismo “popular” que não segue os rigores do catolicismo oficial ou canônico para relacionar-se com as divindades (Maués, 1995). Nessa perspectiva, este trabalho propõe-se a analisar como se constrói uma devoção tida como “marginal”, exatamente por que ela não precisa do reconhecimento da Igreja para existir e manter-se ao longo do tempo (Pereira, 2005). Nesse contexto, buscar-se-á compreender os significados de gestos, símbolos, rituais, o *ethos* cultural dos devotos (Geertz, 2008), objetivando apontar as especificidades desta devoção no contexto amazônico.

Nas minhas observações no túmulo de Edmundo descubro que nos gestos, nos rituais, nas formas de expressão da devoção, nas orações, na visão de mundo de cada devoto se redescobre uma nova possibilidade de crença. O cemitério abriga a todos, sem distinções de cor, raça, etnia, situação econômica e religião, é um espaço sincrético (Calavia Sáez, 1996). O dia de finados é uma oportunidade singular para visualizar melhor a manifestação de diferentes crenças, pois a morte como um rito de passagem, permite a emergência de diferentes devoções, particularmente, aquelas consideradas de cunho “marginal”.

Outro fenômeno relacionado à devoção é a prece ou a oração, abordada por Mauss (2009), e que ficou evidenciado nos atos devocionais dedicados a Edmundo. Para Mauss a prece é entendida como: “a impressão da vida, da riqueza e da complexidade” (Mauss, 2009, p. 229). Ela faz parte da vida ou experiência religiosa de alguém, tem a capacidade de expressar sentimentos mais íntimos do ser. Faz parte da natureza humana, une o homem a sua divindade. O autor também nos revela que a prece pode ser entendida como: “adorativa, constrangedora, humilde, ameaçadora, seca e abundante em imagens imutável e variável, mecânica e mental” (*idem*, p. 229).

Na verdade, enquanto alguns autores como Max Weber (2000), analisam os sentidos da ação religiosa impressa pelos indivíduos, Mauss se volta para os sentidos coletivos da ação

religiosa manifesta através da oração. Para ele a oração é “um dos fenômenos centrais da vida religiosa” (Mauss, 2009, p. 230). Nesse sentido, a prece é permeada de ritos, existe em toda e qualquer manifestação religiosa ou crença.

A observação participante foi um dos instrumentos utilizados nesta pesquisa, objetivando ampliar os recursos metodológicos, sobretudo, na participação de momentos importantes, como os rituais realizados no cemitério de Benjamin Constant no dia de finados. Além desta estratégia de pesquisa outros instrumentos foram acionados, como a pesquisa em arquivos de Instituições Públicas como a Prefeitura Municipal e o Cartório para fontes de pesquisa documental. Mas, centrou-se principalmente no cemitério São Francisco, pois foi o local onde foram enterrados os dois personagens centrais deste estudo: Edmundo e Nicanor. Lá consegui identificar os devotos e colher informações para a pesquisa, possibilitando-me compreender melhor, aspectos desta religiosidade “marginal” e a importância dela para os devotos.

Tive que ser bem paciente e tentei dirimir as dúvidas que os interlocutores tinham sobre a pesquisa, apresentando os objetivos e procedimentos éticos, sobretudo, sobre o uso dos depoimentos fornecidos, para, assim, deixá-los mais seguros. Encontrei algumas pessoas que foram muito resistentes ao trabalho e categoricamente diziam que não iam falar o que sabiam, porque não acreditavam na possibilidade de um assassino virar santo e que esta história remeteria ao passado de algumas pessoas que estariam envolvidas com o caso, ao mesmo tempo, em que manifestavam temor pelo “sobrenatural”. Lembro-me perfeitamente quando uma interlocutora disse-me, assim: *“Você quer desenterrar uma história que está no passado e quer comprometer a vida de algumas pessoas, você quer ressuscitar o passado de pessoas que já estão mortas, não brinque menina com coisa do além”* (Dado coletado no ano de 2016).

Outra dificuldade encontrada foi à falta de informações de alguns órgãos públicos que não tem registro a respeito de alguns dados como: o atestado de óbito de Edmundo para identificação de seu nome, sua identidade, registro do assassinato de Nicanor e da prisão de Edmundo. Não foi encontrado no cemitério São Francisco nenhum livro de registro dos mortos ali enterrados para um controle. Fui também à Prefeitura da cidade para obter alguns dados, mas infelizmente não encontrei fonte alguma.

As negativas e os percalços do caminho não me desencorajaram, mas sinalizaram que a história de Edmundo e da devoção a ele tinha um significado importante para um estudo da religiosidade popular local. Por outro lado, encontrei pessoas que foram extremamente gentis e

receptivas e que me ajudaram então a montar o quebra-cabeça, juntando os fragmentos que me fizeram entender um pouco melhor a história da devoção a Edmundo.

Outro recurso metodológico utilizado para captar outras informações de cunho mais histórico, foi à entrevista semiestruturada, a partir de um roteiro previamente elaborado para os devotos, especificamente para dois deles mais idosos que tiveram o privilégio de conhecer Edmundo. Ao todo, com sete contemporâneos de Edmundo coletei as informações com depoimentos orais, deixando-os livres para construírem suas narrativas. Em algumas entrevistas e aplicação de questionários percebi que os interlocutores ficavam constrangidos fornecendo respostas lacônicas, restringindo as informações o que acabou não dando muito certo. Então resolvi dar sequência a pesquisa com conversas informais, diálogos espontâneos. Em alguns encontros os interlocutores me deixavam gravar as entrevistas e a maioria deles pedia para não serem identificados, outros não permitiram a gravação.

Algumas vezes eu negociava um encontro e em outros casos me aproximava sem negociação prévia. Foi exatamente neste percurso da pesquisa, que tive que ser muito perspicaz e um tanto sutil para tentar acessar o máximo de informações que podiam ser importantes. Em alguns momentos essa habilidade deu certo. Para armazenamento destas informações, sempre estive presente com meus equipamentos de campo. Usei em alguns momentos o gravador de voz, registrei algumas fotos no cemitério, principalmente nas segundas-feiras e no dia dos mortos. Usei em alguns momentos também o caderno de campo, onde anotava tudo o que achava importante, mas no cemitério percebi que o caderno de campo atrapalhava os rituais da segunda-feira, pois, os devotos também se sentiam tímidos e constrangidos. Muitos deles perguntavam para mim: *“o que você faz tanto aqui com esse caderno na mão?”*. Depois desta interpelação, usei mesmo somente a técnica da observação, mas anotava quando podia sem eles perceberem. Notei que na medida em que observava, também era observada.

No início da pesquisa fiz um levantamento de dados, e um mapeamento de possíveis interlocutores e devotos. Foram necessárias algumas negociações com meus interlocutores, usei técnicas de conversas formais e informais, entrevistas, diálogos espontâneos e foi por meio destas abordagens que consegui identificar um espaço de maior importância para a identificação de devotos, que foi o espaço sagrado do cemitério, local no qual pude constatar a intensidade da devoção dedicada a Edmundo. A segunda-feira, dia dedicado às almas, foi outro momento

importante onde se propaga a devoção dita popular. Foi exatamente neste dia, que presenciei a maioria dos devotos demonstrando reverências às almas e a Edmundo, em particular.

### 1.5- O Cemitério como campo de pesquisa: desafios teórico metodológicos.

Durante o período das leituras para a fundamentação bibliográfica e teórica deste trabalho, constatei que muitas histórias de devoções marginais se repetem em diferentes lugares do Brasil. Encontramos casos parecidos com o de Edmundo, tais como o de Isabel Maria da Conceição no Estado do Ceará que é considerada “Protetora das esposas espancadas”; Maria da Conceição de Barros, em Franca - SP; Consuelo: “A santa da gravidez impossível”; Antoninho da Rocha Marmo, em São Paulo capital, cuja devoção se manifesta no cemitério da Consolação. Outro caso também bastante conhecido é do Padre Cícero Romão Batista que atrai milhares de devotos a Juazeiro do Norte, Ceará, conhecido pelos seus devotos como “Padim Ciço” (Pereira, 2005, p. 65-66).

Este trabalho centra-se no estudo da religião e da religiosidade, e como dissemos, reconhece a devoção a Edmundo como devoção marginal, pois não é reconhecida pela Instituição religiosa à qual os devotos estão vinculados, a Igreja Católica. Segundo Pereira (2005), pode-se entender uma devoção marginal como um “tipo de devoção que não necessita da estrutura eclesial para existir, existe às margens das devoções oficiais, geralmente é praticada por pessoas da classe baixa, também marginalizada de alguma maneira” (Pereira, 2005, p. 31).

Percebeu-se durante a pesquisa que a maioria dos devotos quando procuram Edmundo tem seus objetivos próprios, interesses que ligam o fiel ao santo, uma espécie de contrato ou troca simbólica muito mencionada por Mauss. As práticas devocionais a Edmundo são direcionadas a ele com interesses individuais de acordo com a necessidade do devoto, muitos destes atos também têm o intuito de agradecimento pelo santo já ter atendido, muitas vezes, aos pedidos desses devotos. Notemos o que Mauss fala sobre estas relações de trocas e de dons:

Essas trocas e esses dons de coisas que ligam as pessoas se efetuam a partir de um fundo comum de idéias: a coisa recebida como Dom, a coisa recebida em geral compromete, liga mágica, religiosa, moral e juridicamente o doador e o donatário (Mauss, 2001, p. 365).

É isto que cria no imaginário do devoto, o entendimento de que o santo possui poder e de que o fiel precisa ser grato e reconhecer o cumprimento do santo para com ele, criando um elo, ou um pacto. Para muitos devotos que recorrem a Edmundo foi identificada tal dependência, pois ele é quem os socorre em momentos de diversas aflições do cotidiano. Cada pedido tem certo objetivo de acordo com a necessidade, quando os devotos não encontram soluções em seus problemas terrenos, logo se voltam para a “espiritualidade” em prol de soluções<sup>9</sup>.

Em outro contexto, o dos indígenas do médio Solimões, Priscila Faulhaber mostra que a noção sociológica de comunidade é uma categoria central na formulação do discurso teológico-político da Igreja Católica. Entretanto, “A religião vem perdendo, todavia, a função unificadora das visões de mundo, pois se observa a multiplicação de tendências religiosas, que correspondem a interpretações distintas da ordem transcendental” (Faulhaber, 1986, p. 103).

A religião, de acordo com a clássica definição de Durkheim (1989) é formada de crenças e ritos que se repetem ocasionalmente numa comunidade moral denominada por ele de igreja. Seguindo esta mesma linha de pensamento, Marcel Mauss afirma que “o homem é um animal de ritos” (Mauss *apud*, Pereira, 2005, p. 29). Nessa perspectiva, verificamos que a religião é “um sistema orgânico de noções e de práticas coletivas relacionadas com os seres sagrados que ela reconhece” (Mauss, 2009, p. 245).

A religião faz parte da vida da pessoa que se reconhece como religiosa, é ela que orienta o comportamento humano, permeando suas ações, ditando normas, regras, e construindo valores. Durante a pesquisa de campo, verifiquei o quanto as pessoas se sentem comprometidas com sua fé, sua devoção, naquilo que pode ser considerado para elas como sagrado. Existem outros tipos de devotos que também não tem tanto compromisso assim, realizam suas praticas quando acham oportuno, ou necessitados da ajuda do santo.

Baseada no pensamento de Mauss (2009) sobre o fenômeno religioso, e de Lévi-Strauss (1985), tento compreender a devoção que é dedicada a Edmundo por meio da noção de “eficácia simbólica”.

---

9. Ao comentar a pesquisa de Widney Lima, sobre o trabalho dos rezadores em Benjamin Constant, Vieira observa que “sua pesquisa nos revela o descaso com a saúde pública no Alto Solimões e a busca de rezadores como alternativa (às vezes única) por parte dos moradores da região na tentativa de, senão curar, ao menos amenizar seus males psicofísicos e ‘espirituais’ (...) até porque a antropologia da saúde nos ensina que o restabelecimento da saúde de uma pessoa não depende exclusivamente do modelo biomédico, o qual geralmente centra a cura no tratamento da doença e não do doente como um todo em suas dimensões bio-psíquico-sócio cultural, para não falar na espiritual” (Vieira, 2012).

Para Mauss se não existir eficácia, não existe o rito, este rito acontece dentro de um espaço considerado sagrado, pode ser tanto individual, quanto coletivo, porém, está sempre ancorado na consciência coletiva que o legitima. O rito é: “uma atitude assumida, um ato realizado em vista de coisas sagradas. Pode se dirigir a uma divindade e a influência, consiste em movimentos dos quais se esperam respostas ou resultados” (Mauss, 2009, p. 230).

Os devotos que procuram o túmulo de Edmundo manifestam por ele sentimentos religiosos cercados de respeito, carinho, intimidade, executam homenagens, têm atitudes de reverência a sua memória, gestos de amor, proteção entre outros. Praticam seus rituais quando necessitam de sua ajuda espiritual, e praticam seus ritos também como atos de gratidão.

Das várias vezes que observei os devotos de Edmundo no cemitério, sempre lhe ofereciam velas, coroas de flores e orações de agradecimento e de pedidos num processo que Mauss (2009) chama de troca simbólica. A troca simbólica acontece quando o devoto e o santo estão ligados pela obrigação moral de retribuir a dádiva recebida. O devoto pede e o Santo atende-lhe o pedido e logo em seguida, o devoto “paga” o que prometeu. Caso isso não aconteça, os laços são quebrados e há a interrupção da circulação da dádiva. Muitas vezes os laços de solidariedade surgem para intensificar as relações entre fiel e santo e isso é muito fértil dentro do campo das devoções marginais. Mauss aborda outro elemento encontrado nessas relações entre pessoas e o Sagrado, ou melhor, entre fiel e santo, é o que o autor chama de contrato. Nesse caso “Ocorrem no âmbito religioso, entre pessoas e uma ‘divindade’, nesse caso os santos de devoção, ou seja, entre o real e o imaginário” (Mauss, *apud* Pereira, 2005, p.7).

Procurei dados documentais e registros sobre o cemitério São Francisco, mas não encontrei nada sobre a data de fundação ou de registro dos mortos ali sepultados. Segundo o coveiro, há mortos enterrados uns por cima dos outros e o cemitério é muito antigo, podendo ter uns cem anos, mas não existem dados oficiais. Lá estão enterrados políticos, representantes de sindicatos, padres e freiras capuchinhos, famílias tradicionais em Benjamin Constant. Possui um mausoléu bem nítido e que chama a atenção das pessoas simples e provincianas de Benjamin, este mausoléu pertence à família Maia e fica quase no centro do cemitério, bem próximo ao cruzeiro, no qual muitas pessoas acendem muitas velas, para familiares que estão sepultados em outras regiões e localidades.

O cemitério tem características de um cemitério bem mais popular, algumas pessoas resolvem sepultar seus mortos lá por terem pais e filhos e outros parentes sepultados lá também,

ao contrário do cemitério Anjo da Guarda, chamado de cemitério novo, que parece ser mais organizado e ter menos túmulos, já ouvi dizer que ali estão sepultadas pessoas que foram consideradas importantes e com prestígio junto à população local.

O São Francisco possui uma escadaria que dá acesso à entrada e bem em frente logo se vê o cruzeiro. O cruzeiro é uma referência sagrada, onde muitas pessoas praticam sua religiosidade e devoção e, como dissemos, muitas recorrem ao cruzeiro quando não tem familiares sepultados no cemitério local, as orações ali dirigidas são especificamente para almas no sentido coletivo e individual. O cruzeiro então representa o símbolo de uma religião, neste caso à cristã, tradição e de uma prática devocional.

Quando observamos o cemitério, refiro-me ao olhar antropológico, analisamos que quem passa pelo cemitério, pode perceber que há dois mundos em articulação, o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Há uma forte ligação entre estes dois mundos, pelo fato de que o homem sabe discernir e separar o sagrado do profano. O cemitério neste caso é um lugar que as pessoas tornam sagrado, ele é o lugar fixo e apropriado para a devoção acontecer, criando os laços de afinidade com o sobrenatural. Podemos lembrar algumas ideias de Eliade ao se referir ao espaço considerado sagrado e verificar a importância disso para suas práticas religiosas: “lá no recinto sagrado, torna-se possível à comunicação com os deuses, conseqüentemente, deve existir uma porta para o alto, por onde os deuses podem descer na terra e o homem subir simbolicamente ao céu” (Eliade, 2010, p. 28).

Na entrada do cemitério um pouco para a direita de quem entra é possível ver a capela onde fica o túmulo de Edmundo, pintada de cor azul-clara, possui uma porta de ferro, não tem nenhuma foto, não tem seu nome, nem data de nascimento e nem do ano de sua morte. O que se pode notar sempre é uma grande quantidade de fragmentos de velas que os seus devotos depositam para ele, várias coroas de flores que foram depositadas no dia dos mortos, um livro de concurso em espanhol que está junto às coroas. As velas fazem parte do imaginário religioso dos fiéis, elas têm a função de iluminar e reforçar a devoção que se tem pelo santo ou alma. Soares (2007) tem uma explicação para a importância da vela na devoção, vejamos:

A luz representada pela chama da vela tem a função de ajudar a alma que por ventura ainda esteja necessitando de orientação. A vela simboliza também a devoção. Pedidos de ajuda ou promessas feitas no cemitério geralmente são acompanhados do acendimento de velas. Existem algumas variantes que determinam a quantidade de velas para um

santo. Quanto maior a devoção e a urgência do pedido mais velas são acesas (Soares, 2007, p. 94).

As velas dedicadas pelos devotos a Edmundo são muitas, como já citei, ele é muito lembrado e muito procurado urgentemente pelos seus adeptos que insistentemente querem suas promessas alcançadas, conheci muitos deles que não se cansam de acendê-las. Vejamos um depoimento que consegui colher de um devoto que sempre reforça a sua devoção para com Edmundo: *“Nunca deixo de acender velas para ele, tudo o que tenho foi graças a Deus e a ele. Quando acendo velas para ele, acredito que no momento que faço isso, ilumino muito mais a alma dele, ele fica muito mais em paz, me sinto mais próximo dele e sei que ele me atende”*.

A vela tanto serve para iluminar a alma quanto a pessoa que está viva, ela é uma ligação com o outro mundo, a partir do momento em que devoto e santo ou alma são encontrados pela iluminação da vela, Hugo Ricardo afirma que: *“ela ilumina os dois lados da existência, esclarece, orienta, indica e serve, por fim, também como um canal entre o mundo dos vivos e o dos mortos”* (*idem*, p. 94).

Pelo fato de não se conhecer o rosto de Edmundo, não se saber exatamente de qual região ele era, só se sabe que lhe chamam de Edmundo Pé de Ferro, os devotos o imaginam da maneira que o seu próprio imaginário lhes transmite mentalmente a sua imagem. Esse imaginário faz parte das representações coletivas do devocionário religioso das pessoas. Entende-se por imaginário nas palavras de José Carlos Pereira,

Imaginário, portanto, pode ser entendido por “imagens” que povoam as idéias ou a mente de pessoas ou grupos específicos e que são vistos, a partir destes, como axiomas que norteiam suas ações comportamentais. (Pereira, 2005, p. 28).

O cemitério é o lócus para este imaginário fluir. Como ele é considerado um lugar sagrado para as ressignificações das práticas devocionais, os devotos fazem do solo do cemitério um território importante para a manifestação da hierofania.

Para o homem religioso o cemitério torna-se o território que simboliza um espaço sagrado, vivo, intenso, por que concentra forças espirituais. O homem consagra o espaço e o torna sagrado para estar mais próximo de Deus. Neste espaço ele torna vivo as suas experiências, põe em prática os seus valores, impõe as suas regras, as suas visões de mundo, o território

sagrado é o lugar central para a ação religiosa acontecer. Para Eliade o homem precisa estar num ponto fixo, considera que:

É por esta razão que o homem religioso sempre se esforça por estabelecer-se no “centro do mundo”. Para viver no mundo é preciso fundá-lo e nenhum mundo pode nascer no “caos” da homogeneidade e da relatividade do espaço profano. (Eliade, 2010, p. 26).

Eliade (2010) aponta que sagrado e profano estão em dois mundos opostos, que o sagrado existe para manter a ordem, estabelecer os valores e que muitas vezes o espaço profano pode torna-se sagrado desde que o homem o consagre para determinados fins religiosos. Nas várias vezes em que estive no cemitério, as pessoas, os devotos, ao adentrarem no cemitério, quando se aproximam da porta de entrada, usam as mãos para fazer o sinal ou símbolo da cruz, gesticulam com a boca, cruzam as pernas em sinal de reverência ao lugar considerado santo para eles. Observei que eles acreditam na sacralidade do lugar, uma mulher me falou uma vez que eu precisava pedir permissão das almas para entrar no cemitério. Falou-me desta maneira: *“Você sabia, que o cemitério é um lugar protegido e tem dono, é este dono que guarda e vigia os mortos”*.

Ao abordar “cosmos e caos” em sua obra sobre sagrado e profano, Eliade faz questão de dizer “o nosso mundo e o outro mundo”, o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Para o autor, o outro mundo seria “um espaço estrangeiro, caótico, povoado de espectros, demônios, ‘estranhos’ equiparados, aliás, aos demônios e as almas dos mortos” (*idem*, p. 32).

O cemitério neste caso nos faz pensar na idéia de sobrenatural, neste contato entre o imaginado e o real, espaço que o homem consagrou e que serve para ordenar este outro mundo. Ao conversar com as pessoas que sempre visitam o cemitério, elas sempre me diziam: *“Quando venho aqui, encontro paz e conforto para minha alma, as almas nos trazem paz. É um lugar silencioso, penso e lembro as pessoas que um dia estiveram vivas e permanecem vivas para mim”*.

Certa vez caminhava pelo cemitério, numa segunda feira, observando as sepulturas e me deparei com um casal e uma criança que estavam dentro da capela onde fica o túmulo de Edmundo, eles não notaram que eu estava lá os observando, percebi quando eles cumprimentavam e conversavam com Edmundo, como se ele estivesse vivo. Ouvi quando eles diziam: *“Olá seu Edmundo, quanto tempo, não esquecemos o senhor não, faz exatamente cinco*

*anos que saímos daqui, agora vivemos em Manaus, mas sempre que podemos vamos ao cruzeiro de lá acender velas para o senhor, jamais esqueceremos o senhor”.*

De repente a criança saiu da capela e percebeu que eu estava ali os ouvindo, falou para sua mãe e eles olharam para mim desconfiados. Eu me identifiquei e pedi desculpas por ter interrompido o diálogo deles com Edmundo. Eu havia perguntado por que eles conversavam com Edmundo, a senhora muito solícita me respondeu: *“viemos visitar Edmundo, chegamos de Manaus recentemente e não podemos deixar de visitar o senhor Edmundo, ele é uma alma boa e faz milagres, tudo que peço dele eu sempre consigo, trouxemos nossa filha para conhecer ele”.* Seguida pelo depoimento de seu marido:

*Quando eu era mais jovem, morava logo aqui perto do cemitério, minha mãe me fazia vir acender velas para ele toda a segunda-feira e eu não acreditava nisso não, do que minha falava sobre ele, e certa vez eu sai de casa, quando um homem me confundiu com outra pessoa e puxou uma faca e furou em minha barriga, cai morto no chão, às pessoas dizem prá mim que eu sangrava sem parar, já tinham até me dado como morto mesmo, já não acreditavam mais em voltar vivo para casa fiquei em coma algumas horas, mas eu lembro perfeitamente quando estava ali jogado no chão, quando eu ouvia as pessoas dizerem ele está morto! De repente pensei em Edmundo mentalmente e disse, se você realmente puder me ajudar e existe me ajuda! Só sei que acordei no hospital com um corte imenso na barriga e todos me dizendo por pouco você não morreu, foi um milagre! (Depoimento de um devoto numa segunda-feira de 2017).*

Pude presenciar e ver de perto a imensa cicatriz na barriga do homem existe um quelóide profundo em sua barriga que segundo ele não desaparece nunca. Depois disso falava o homem: *“nunca mais duvidei dele e passei a ser seu devoto. Minha esposa também é sua devota desde quando ela estudava”.* Novamente a senhora retoma a palavra:

*Quando eu era estudante não saía daqui, vinha pedir ajuda dele para passar nas provas difíceis, e sempre conseguia, você precisava ver a quantidade de estudantes que acendiam velas para ele e deixavam os livros em cima da sepultura dele, no dia dos finados então, essa capela pegava fogo. Depois fomos embora para Manaus, porque estávamos desempregados, viemos aqui com ele pedir ajuda novamente para conseguirmos um emprego, eu queria ficar perto de minha família que está em Manaus, falei, Seu Edmundo me ajuda a conseguir um emprego em Manaus, como sou professora, passei no concurso de lá graças a Deus e depois a ele, que me atendeu de novo. Fomos embora. Sabemos que ele é um assassino sim, mais isso não importa, ele fez isso prá se defender, todo ser humano erra, quem não erra. Mais isso não altera em nada em nossa devoção. Acreditamos que ele está bem vivo, por isso conversamos com ele e temos o maior respeito por ele, por isso estamos aqui hoje. E lá em Manaus, nunca esquecemos ele, acendemos velas para ele atrás de casa toda a segunda. E viajaremos na próxima semana e não podíamos deixar de vir aqui com ele. Pois acredite você também, o que você pedir ele te atenderá (2017).*

A mesma senhora disse para mim também: *“Ficamos muito felizes por saber que você está escrevendo sobre ele, espero que ele lhe ajude”*.

É importante analisar como o homem que tem sua religiosidade baseada numa fé se comporta em seu universo religioso. Analisar este depoimento é importante porque Edmundo mesmo morto continua vivo para os seus devotos, isto demonstra um grau de afinidade e intimidade com ele bem mais evoluído do que outros devotos, é nesse momento que percebemos o quanto vivos e mortos estão vinculados e estabelecem uma relação familiar através da devoção.

O cemitério em si, já é um espaço diferenciado, pois a grande força simbólica que ele concentra, demonstra uma série de fatos que a todo instante são reafirmados pelas pessoas que o visitam. A formalidade que lá existe em sinal de respeito por um mundo repleto de mistérios o qual muitas vezes não conhecemos, o sobrenatural é este mundo o qual muitas vezes nos causa interesse, pois como Edmundo e outros mortos estão enterrados ali, a produção social do suposto “santo Edmundo” se manifesta ali socialmente.

Vejo o cemitério também como um lugar de “terapia” no qual, muitas pessoas vão se solidarizar com as almas, lamentar para elas suas dificuldades, pedir ajuda, chorar, buscar alternativas de dias melhores, refletir, fofocar. Isto foi o que mais me chamou atenção durante a pesquisa. Muitas pessoas chegam com vassouras, facões, enxadas, esponjas, litros de água, para a manutenção dos túmulos, durante a limpeza as pessoas conversam com os seus mortos, fazem visitas a outros túmulos, acendem velas, fazem uma prece aqui, outra ali, se congratulam com outras pessoas, depois de alguns rituais de praxe, durante as orações o ar de formalidade impera, as pessoas nem falam e se concentram em suas orações, depois voltam a conversar sobre outros assuntos.

Depois de algumas horas dedicadas para os rituais sagrados, as pessoas se despedem e espera a outra segunda-feira chegar, para tudo ser repetido de novo. Mas notei que existem pessoas que preferem outros horários para praticarem o ritual semanal. Mas o que muitas vezes analiso é que mesmo o cemitério sendo um espaço considerado sagrado, as pessoas escolhe um momento para profanarem, por exemplo. Há vários momentos de se situar dentro do cemitério para os devotos, classifico-os da seguinte maneira:

1- Momento sagrado: existem pessoas que de início rezam ou limpam os túmulos ou vice-versa, retiram os restos de velas que ficam sobre o túmulo, retiram as coroas que estão murchando.

1- Momento profano: em que algumas pessoas riem, conversam com outras pessoas, comem, bebem água, fofocam.

2- E novamente, momento sagrado: orações novamente com Edmundo, com as almas, despedidas com as pessoas e cumprimentos de até logo ou até a outra segunda-feira.

Percebemos então que o cemitério não é somente considerado um lugar sagrado, mas um espaço onde a polaridade entre profano e sagrado oscila, ora para um lado, ora para outro (Van Gennep, 1978). O sinal da cruz, geralmente é exigido do devoto para marcar a passagem do espaço sagrado para o profano, isto é, para a vida real vivenciada por ele. O mundo dos vivos e dos mortos está extremamente ligado, às vezes se opõem, às vezes se complementam.

O cemitério passa a se tornar uma grande comunidade de pessoas que se unem em uma só voz, em uma unidade em prol das almas que lá reinam. Quando as pessoas lidam com a suposta santidade de Edmundo, acreditam também que a pior situação de dor que pode ter enfrentado quando vivo, foi quando colocaram nele o prego de cinco polegadas sobre sua cabeça, sobre o seu corpo. Para Soares (2007), os significados que se tem sobre o corpo são inúmeros, vejamos:

Os simbolismos sobre o corpo, neste tipo de devoção, são muitos no geral. Hoje o corpo é o símbolo da devoção, funciona como uma relíquia e é o mesmo corpo que quando estava vivo passou por diversas privações. Portanto a carga simbólica que é atribuída ao corpo muda completamente após a morte. De fonte de sofrimento para fonte de salvação (Soares, 2007, p.109).

O cemitério seria o espaço sagrado também para o reconhecimento e a produção social do “santo de cemitério” chamado Edmundo, e é no cemitério que esta devoção acontece, já que a Igreja não a (re) conhece. Pude presenciar de perto como observadora, a grande energia simbólica que se tem sobre a imagem de Edmundo e dentro do cemitério.

Nas palavras de Soares a Igreja analisa a santidade afirmando que “ninguém nasce santo”. “A santidade tem origem no cumprimento rigoroso de mandamentos ao longo de toda a vida e é uma manifestação pessoal surgindo a partir da fé individual” (Soares, 2007, p.1).

Falar de uma suposta santidade local, e de um santo que é considerado de cemitério é saber que essa idéia é pensada numa construção social que se formou algum tempo atrás e que já existe em um contexto histórico. Mas levando em consideração a questão da santidade, para a Igreja, a pessoa candidata a santa tem que em vida dedicar-se ao cumprimento das escrituras sagradas e ter passado uma série de fatos que evidencie uma vida voltada para a santidade.

No caso de Edmundo, isso é totalmente o contrário, ele foi alguém que em vida não se tem muito que falar, só apresenta detalhes de sua história que já foram mencionados ao longo deste trabalho: algumas pessoas narram que ele era um homem reservado demais e que ninguém sabe dizer exatamente o que viera fazer em Benjamin, isso na verdade é o que se pode imaginar e deixa um ar de mistério em relação a sua suposta santidade.

Já mencionei o caso de um interlocutor que encontrei no cemitério no dia dos mortos, que afirmou que ele não era uma pessoa boa, por ter decisões consideradas firmes e até violentas. Firmes no sentido que era um homem de pulso quente, isto na verdade deduz-se que Edmundo era um homem violento, nas palavras do senhor. Por isso tinha uma aparência moderada, porque sabia o quanto era destemido. Outra senhora me disse que acredita que Edmundo pudesse ser uma pessoa má pelo fato de ter demonstrado uma atitude violenta ao assassinar Nicanor, por um motor de popa HP 10-12: *“não tinha necessidade de ele fazer isso com Nicanor, tudo por causa de um motor, nem Nicanor precisava ter enganado Edmundo, se ele era rico e podia pagar, porque não pagou. Agora tirar a vida de uma pessoa por causa de um motor, os dois não mereciam ter morrido assim”*, exclamou a mulher!

O cemitério apresenta-se, portanto, como um campo privilegiado para a pesquisa de devoções tidas como “marginais”, pois é nele que pessoas falecidas, em geral de forma violenta, são elevadas à condição de santos (as), a despeito da aprovação eclesiástica.

## Capítulo 2: A construção de uma devoção marginal

### 2.1. A morte/sacrifício de Edmundo e a construção da devoção marginal

Abordaremos neste tópico alguns fragmentos de histórias contadas pelos interlocutores da pesquisa, a maneira pela qual o imaginário social dos seus devotos é acionado em relação ao personagem Edmundo. Muitas dessas histórias são idealizadas, principalmente por aqueles (as) que se veem devotos dele, mas também por aqueles que simpatizam com a sua história. O que interessa neste estudo, não é a veracidade dos fatos, mas as variadas versões sobre o evento da sua morte, a partir da qual é construída uma devoção marginal.

Grande parte do que se sabe gira em torno de especulações em relação a sua morte, principalmente, no que se refere ao dia e o mês. O que se sabe com exatidão, segundo os interlocutores, é o ano da sua morte, em 1957. Algumas versões presumem que Edmundo morreu dez dias após a morte de Nicanor. Mas outras dizem que foram três meses e outras ainda seis meses, relatos estes que, até o momento, não puderam ser comprovados, porque não foi encontrado nenhum registro de óbito de Edmundo no cartório de Benjamin Constant, durante a pesquisa documental que realizei. O que se afirma é que ele foi preso, torturado e sofreu cruelmente na cadeia. Uma interlocutora de oitenta anos com a qual consegui dialogar, por indicação dos narradores mapeados, disse-me certa vez que ela visitou Edmundo várias vezes na cadeia. Vejamos o depoimento dela:

*Fui na cadeia visitar o coitado do senhor Edmundo, meus cunhados eram agentes penitenciários, por isso me deixaram entrar, quando cheguei lá, ele tava deitado no chão e me pediu água, tava com muita sede, o coitadinho, dei água prá ele sem os agentes verem, ele dizia prá mim: “me ajuda, por favor, tô sofrendo muito, aqui eles me dão prá beber água de pirarucu”. Fiquei sabendo que tinha uma das mulheres dos agentes que era tão má, que ela lavava o peixe e dava a água pro coitado beber. Ele dormia no chão frio, não tinha nenhuma rede, nem um lençol. Deixavam ele sem comer e sem beber. Passou assim alguns dias (Depoimento registrado no ano de 2016).*

Esta senhora disse que os agentes eram muito maus, só não maltratavam mais ainda Edmundo, porque insistentemente ela pedia para que eles não fizessem aquilo, mas ela e outros acreditam que eles eram pagos para torturar Edmundo. Os gritos de Edmundo eram ouvidos quase toda a noite pelos moradores da pequena vila benjaminense, mas segundo relatos ninguém

tinha coragem de ajudar Edmundo por temerem a força das autoridades locais. O próprio prefeito à época, várias vezes tentou ajudá-lo, mas tinha receio de que os seus adversários pudessem fazer algum mal a ele. Isto se confirma no depoimento de um interlocutor, cuja esposa era prima de Nicanor. Esse interlocutor era funcionário do senhor Braga, prefeito de Benjamin Constant à época. Esse depoimento fora coletado no dia de Corpus Christi, na varanda de sua casa. Vejamos o depoimento:

*Várias vezes pedi ao prefeito, para fazer alguma coisa que pudesse ajudar o Edmundo, mas o senhor prefeito tinha muito medo do Barbosa, primeiro porque o prefeito não era daqui, era do Rio de Janeiro, depois porque o Barbosa tinha muita gente do lado dele. O prefeito disse prá mim assim: “não vamos fazer nada porque senão o Barbosa pode querer mandar me matar”. E no dia que mataram Edmundo eu estava distribuindo rancho pros pobres lá no beiradão, quando cheguei ainda fui ver o corpo dele que estava jogado lá na delegacia, foi só na hora do velório que a gente veio descobrir que tinham colocado o prego de cinco polegadas na cabeça dele. E depois disso a perícia descobriu que o prego tinha sido colocado com ele ainda vivo. Quanto sofrimento! Tudo por causa do Nicanor (2016).*

Em relação ao velório de Edmundo, também aparecem várias versões, que ele fora velado na própria delegacia, na sede do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), na “pedra” do hospital (uma espécie de velório) e fora dado como indigente, são várias histórias. Só se tem certeza de que a devoção a Edmundo passa a se construir logo após a sua morte.

Compreendem-se por análises antropológicas que o catolicismo oficial abre portas para outras práticas ditas também como religiosas pelos praticantes, mas que são muitas vezes esquecidas e não reconhecidas pela Igreja Católica e existem no anonimato. Mafra aponta que “o menosprezo da crença popular as exigências de normas éticas, de coerência de vida e de devoção aos sacramentos na eleição destes ‘novos santos’ não passa despercebido, e (...) tende a amplificar o incômodo que o catolicismo oficial tem para com este outro catolicismo” (Mafra, 1997, p.135).

Muitos dos devotos o classificam como “Santo Edmundo”, “meu santinho”, “alma protetora ou bondosa”, “Senhor Edmundo” em sinal de respeito, “Seu ou São Edmundo”, em sinal também de reverência a sua suposta santidade. Pelo que pude observar, estes termos aparecem de acordo com o grau de intimidade e a relação que o devoto tem com o santo, ou teve quando Edmundo esteve vivo, quando são também seus simpatizantes e principalmente quando acreditam que o santo já atendeu seus pedidos várias vezes.

Os devotos de Edmundo acreditam que ele alcançou a graça de Deus e está na “luz”, relacionando esta idéia com a sua morte que foi trágica e cruel. Esse fato mexe com o imaginário e o sentimento religioso do devoto, cria-se a idéia de que só porque Edmundo sofrera bastante em vida, ele está com Deus. Em relação a pessoas que tiveram morte violenta e se tornaram santas, este tipo de morte manifesta e restabelece a comunhão com a coisa sagrada (Mauss & Hubert, 2003, p. 356).

Em relação à suposta santidade de Edmundo, quando é questionada ou levantada a idéia dele ser um assassino, para os devotos de Edmundo, a violência que Edmundo sofrera em vida, em seu corpo principalmente, o levava a um lugar de descanso e vantagens no plano espiritual, mesmo ele tendo matado Nicanor, cometendo um crime que abalara a elite benjaminense. O seu sofrimento seria a maneira dele purgar os seus pecados e fazer dele um milagreiro<sup>10</sup>.

Diante desta reflexão analisa-se que o operador da passagem de uma identidade (criminosa) à outra (santa), parece ser a dor ou o sofrimento. Nesses rituais, é preciso sofrer para que se efetue a passagem, para que por meio dele, tenha lugar à transformação esperada (Freitas, 2000).

Algumas pessoas que fizeram parte da elite de Benjamin e que faziam parte da rede social de Nicanor, afirmam que Edmundo fora muito perverso em ter matado Nicanor, que ele não tinha o direito de assassiná-lo por um motivo banal, que foi o caso do motor consertado e não pago. Relatos ou depoimentos desse gênero são muito proferidos por aqueles que não simpatizam com Edmundo, ou faziam parte da rede social de Nicanor. Estas pessoas acreditam que Edmundo possuía um grau elevado de maldade, por ter cometido esse assassinato. Um dos meus interlocutores afirmou que Edmundo não era uma boa pessoa, que tinha um “coração duro”, associado a seu caráter fechado e reservado de nordestino.

Já para os devotos, a morte violenta de Edmundo produz essa metamorfose. Segundo Durkheim a morte cria rupturas e associa a violência sofrida como algo que liberta o santo de seus erros, mesmo a pessoa tendo sido considerada bandida, violenta, ter vivido uma vida contrária às leis morais, a morte engendra a ruptura cria-se a idéia de sacralidade (Durkheim, 1989).

Chamou-me a atenção o depoimento de uma mulher que conversei recentemente, cuja família é bastante influente na região. Ela afirma ser católica fervorosamente e rejeita a devoção

---

10. Sobre esse ponto vale ressaltar as reflexões de Freitas (2000), as quais contribuíram para iluminar este debate.

que se tem a Edmundo ao contrário de alguns que também são católicos e devotos de Edmundo. Disse-me assim: “sou católica, apostólica romana, mas o que é isso, achar que um assassino é santo. Esse homem nunca foi santo, e nunca será, a igreja nunca reconhecerá isso”!

Percebo certa aversão de alguns segmentos da sociedade benjaminense com a memória de Edmundo, ou certa discriminação pelo fato dele ser uma pessoa de fora, até porque a mesma senhora disse-me que nem daqui ele era. “*Esse homem nem daqui era, veio de um outro bando, eu como católica não reconheço este homem, jamais!*” exclamou a interlocutora.

Os preconceitos surgem sempre, sobre a imagem de Edmundo, principalmente da parte daqueles que tinham algum vínculo social com a família de Nicanor, mas, ao mesmo tempo, em que aparece, percebo o quanto também ele é reverenciado, pelos próprios cidadãos benjaminenses que são os seus devotos. Há uma valorização e rejeição ao mesmo tempo, mas vejo que ninguém se lembra de Nicanor, mesmo ele sendo daqui, percebo certa contradição da parte dos interlocutores. Existem certos católicos como a senhora que acabei de citar que seguem as regras ortodoxas da Igreja e não admite que outras pessoas também católicas pudessem possuir ou acreditar em práticas consideradas heterodoxas, que a igreja não aceita e nem reconhece. Estes preconceitos são visivelmente presentes e aparecem sempre

Alguns autores têm me ajudado a compreender como se faz um santo para a Igreja e como os devotos criam no imaginário uma concepção de santidade local, principalmente a religiosidade não oficial, concentrando-me particularmente no campo das devoções consideradas populares. O antropólogo Hugo Ricardo Soares, trabalha muito bem esta temática ao enfatizar o catolicismo institucional *versus* as devoções populares, que a Igreja muitas vezes tenta omitir. Vejamos uma citação em que ele retrata isto: “Poucos são os trabalhos que enfocam tanto a perspectiva do fiel quanto à igreja tentando mostrar que estas relações, antes de serem apenas conflituosas, muitas vezes podem constituir um grande sistema que se retroalimenta (Soares, 2007, p.15).

É o que acontece na devoção que se tem a Edmundo, a Igreja não a reconhece e talvez nunca a reconheça. Todos os devotos de Edmundo com os quais eu conversei são católicos, acreditam nos santos institucionalizados rendendo-lhes devoção, mas não esquecem Edmundo. Contudo, é importante lembrar que Edmundo é visto por muitos, também como uma “alma bendita”, a idéia de sua santidade surge pelo reconhecimento de uma parcela de devotos que o vê assim, isto depende muito do grau de intimidade que o devoto tem com Edmundo. Para compreender o conceito de alma, me detenho nas definições dos clássicos e de alguns autores

modernos sobre esta concepção. Isto pode variar de acordo com os devotos e como a Igreja a classifica. “Estes, assim como também faz a instituição religiosa, hierarquizam o plano espiritual de uma maneira relativamente clara, separando santos de almas benditas das demais almas ordinárias” (Soares, 2007, p.15).

As crenças que permeiam a história de Edmundo se fundamentam numa matriz católica, mas remetem às práticas não reconhecidas institucionalmente, focadas numa devoção que podemos chamar de popular e marginal. Sobre a religiosidade popular Droogers e Sibers afirmam que:

No campo religioso a expressão popular é usada pelo menos em dois sentidos. Por um lado, se refere a pessoas que não pertencem ao grupo dos especialistas da religião – o Clero, os sacerdotes - e este sentido se relaciona, por exemplo, com o catolicismo popular. Em outras formas populares como nas religiões afro-brasileiras e nas igrejas pentecostais, onde a religião popular não está relacionada a uma forma erudita, a conotação popular se refere ao sentido de grupos dominados da sociedade (Droogers e Sibers, 1991, *apud*: FERRETTI, 2007, p. 1).

Durante algumas conversas informais que tive com os interlocutores mais conservadores vinculados ao poder eclesiástico percebi muita rejeição e preconceito com a imagem de Edmundo, certo descrédito. Vejamos relatos de algumas vozes dissonantes, que faço questão em afirmar que são poucas: - *“Sou católica, mas nunca precisei recorrer a Edmundo, até porque não acredito que um assassino possa fazer milagres”* (declarações de uma católica no ano de 2016). - *“Esse pessoal que procura esse tal de Edmundo, são pouquíssimos, ele não tem tudo isso de gente não. Você sabe que isso é coisa do diabo, ninguém pode fazer milagres a não ser, Deus”* (declaração de um pastor pentecostal, 2015).

As práticas devocionais marginais são vistas e reconhecidas como contrárias aos princípios cristãos da igreja, sendo denominadas muitas vezes como magia ou bruxaria. Pierre Bourdieu explica de uma forma bem clara essa tensão entre o que é tido como oficial e legítimo em oposição ao que é tido como marginal:

Os clérigos estão sempre propensos a condenar como magia ou superstição ritualista e a submeter a uma purificação as práticas religiosas que, do ponto de vista dos “virtuosos religiosos”, não manifestam o desprendimento ou, como se diz em outro lugar, a distância associada à idéia que eles fazem para si da prática aceitável (Bourdieu, 2007, *apud* Soares, 2007, p.16.).

Para Mauss, ao contrário, o que importa é a relação de troca entre a divindade e o fiel. Essas trocas e esses dons de coisas que ligam as pessoas se efetuam a partir de um fundo comum de idéias: a coisa recebida como Dom, a coisa recebida em geral compromete, liga mágica, religiosa, moral e juridicamente o doador e o donatário (Mauss *apud* Pereira, 2005, p. 9). Isto cria no imaginário do devoto o entendimento de que o santo possui poder e de que o fiel precisa ser grato e retribuir a dádiva recebida do santo, criando, dessa forma, um elo, ou um pacto com Ele.

Quando conversei com outra devota de Edmundo, ela contou-me que sua devoção começou, desde a vez em que seu esposo estava há vários anos desempregado e ele já não sabia mais o que fazer. A sua mãe pediu a ele para pedir ajuda espiritual a Edmundo e que se ela quisesse receber uma ajuda imediata, precisaria ir ao cemitério a meia-noite para conversar com ele. Os mais antigos falam que muitas pessoas conseguiram ajuda imediata praticando este ritual, era preciso primeiro invocar o espírito de Edmundo, pronunciando algumas orações e pedir a graça. A devota me contou que fez este sacrifício, foi ao cemitério há meia-noite e conseguiu o emprego que seu marido tanto queria que era passar no concurso da prefeitura. Ela me contou que seu esposo foi o primeiro colocado na área em que se inscreveu. Vejamos algumas similitudes e distinções entre “magia” e “religião” propostas por Mauss: “a magia e a religião pertencem ao universo do sagrado. Enquanto a religião aparece no pólo da moral, a magia aparece no pólo da necessidade” (Mauss *apud* Pereira, 2005, p. 24).

A devoção a Edmundo pode ser considerada de cunho “marginal” (pelo menos para a Igreja Católica), e esta se manifesta particularmente no cemitério. Ele para alguns devotos é visto como um santo milagreiro, em razão do tipo de morte pela qual passou. É um santo local ainda não reconhecido pela Igreja e, dificilmente o será algum dia.

Do ponto de vista antropológico, o tema em tela torna-se relevante pelas diferentes versões e significados que lhe são atribuídos, transpondo os limites da ordem histórica para tornar-se mito. Nesse domínio, o que interessa são as versões do “mito Edmundo” e não a sua comprovação histórica. No capítulo 3 retomaremos este ponto.

## 2.2 - Segunda-feira: o dia das Almas

A segunda-feira é um dia considerado muito importante, e como diria, baseada nas práticas devocionais do catolicismo popular, é o “dia das almas”. Na cidade de Benjamin

Constant, é comum em alguns bairros, principalmente os católicos se dedicarem a esta prática. É o dia dedicado a todas as almas no geral, o dia em que se propaga e se manifesta a devoção popular aos mortos. Prática está que foi transmitida aos fiéis pela Igreja Católica e que possui certa intensidade na vida cultural e tradicional na vida dos católicos locais da cidade, não podemos generalizar a ponto de acreditar que todos os católicos aderem a esta prática, mas ela é muito comum. Semanalmente os devotos recorrem ao espaço sagrado do cemitério, para lá manifestarem a sua fé, sua devoção, afirmando ainda mais as suas relações afetuosas com o mundo dos mortos. São na segunda-feira que muitos devotos vivificam, reatualizam os ritos através dos votos, das promessas, das orações e dos atos devocionais.

Nas diversas vezes que estive no cemitério fazendo a pesquisa de campo, nos anos de 2016 e 2017, encontrei devotos que não podiam faltar nenhuma segunda-feira, porque tinham prometido a Edmundo que estariam lá para acender as velas que lhe prometeram, caso isso fosse quebrado eles acreditam que Edmundo nunca mais lhes ajudaria. Vejamos o depoimento de um devoto, se referindo a esse compromisso do devoto para com o “santo”,

*Toda a segunda-feira tenho que estar aqui, não posso faltar, foi o que eu prometi a ele. Eu estava sem trabalho, nada aparecia para eu trabalhar, recorri a Edmundo e desde o dia que comecei a acender as velas para ele, não parei mais de trabalhar, tem dias que nem dá para eu almoçar, mas você sabe que no dia que eu não venho no cemitério, as coisas começam a querer piorar de novo? Não se pode brincar com as almas, elas existem (Depoimento coletado no ano de 2017).*

Geralmente, às segundas-feiras o túmulo de Edmundo é visitado por pessoas que se achegam individualmente quando querem ficar a sós para “conversar” com ele, ou pessoas que se reúnem naquele exato momento para transmitir e se solidarizar dialogando sobre seus problemas e sobre as graças alcançadas por intermédio de Edmundo.

Muitos devotos vão ao cemitério na segunda-feira para rememorar os fatos acontecidos, que foram vivenciados em vida pelas pessoas que se foram. Das várias vezes em que estive no cemitério, nas segundas-feiras, vi muitas pessoas conversando, chorando por seus entes tão queridos. Vi uma senhora que visitava o túmulo de sua neta e lá ela expressava todo o seu amor que ainda tinha pela criança mesmo depois de morta, demonstrando certa continuidade nas relações entre vivos e mortos.

O trabalho de campo me ajudou a evidenciar que as devoções são diversas, pela própria característica em que o catolicismo se apresenta e se manifesta, e estas características permitem

ver que as devoções acontecem num mesmo período de tempo e espaço. Ao mesmo tempo em que devotos acendem velas para Edmundo, eles compartilham velas e orações com “almas” vizinhas de outras sepulturas, estas devoções vão se multiplicando e gerando outras, elas não se esgotam. “Os santos, ao contrário do que parecem supor muitos estudos, não são bichos do mato: convivem estreitamente com outros santos, como vizinhos ou até mesmo como hóspedes” (Calavia Sáez, 1996, p. 85).

Percebi na pesquisa de campo que o dia das almas, principalmente para os devotos de Edmundo, também serve para divulgar o nome de Edmundo. Presenciei vários devotos apresentando Edmundo para outras pessoas, que ao ouvirem falar de Edmundo também entravam em seu túmulo e ofertavam-lhe, velas, orações e flores. Aparentemente, a partir daquele momento, viravam seus devotos. Toda a segunda-feira o cemitério fica iluminado, sempre se nota bastantes velas em alguns túmulos, mas a sepultura mais iluminada é sempre a de Edmundo, isto é notável. Certa vez percebi de dentro do cemitério que pessoas me observavam lá de fora, da rua, e que toda tarde sempre tinha um senhor sentado em uma cadeira de balanço que fixava seu olhar em mim, possivelmente para notar o que eu fazia por ali. Sua residência fica em frente ao cemitério. Até que uma vez ele me chamou e me disse:

*- Você sabe que sou devoto de Edmundo? Ele já me ajudou muito durante a minha vida, sempre nos momentos de apuros. Sou madeireiro, e toda vez que eu viajava para os altos rios, eu recorria a ele, principalmente numa época em que para chover só se fosse milagres, você sabe que tem época que não chove e aí a gente precisa caminhar muito para chegar até onde a madeira está escondida, fica muito seco os rios, os igarapés. Várias vezes em que isso acontecia, eu ia até a beira do igarapé acender velas para Edmundo e falava prá ele: Se você Edmundo mandar chuva, eu prometo acender uma caixa de velas em agradecimento. No outro dia menina, você precisava ver a enxurrada que dava, chovia tanto que a gente nem precisava fazer tanto esforço prá tirar a madeira que estava presa, ela saía sozinha mesmo, isso não é mentira, inclusive tenho até testemunhas que pode provar o que estou falando prá você. Quando eu recebia a graça que eu tinha pedido de Edmundo, eu ia lá no igarapé e acendia as velas para ele, ficava tão bonito o lugar, todo iluminado. Eram as velas para Edmundo lá na beira do igarapé, muitas vezes fiz isso. E você sabe que recentemente eu sofri um AVC, quase que morri, estava tão bem quando caí duro no chão. Ouvi quando diziam prá mim, que geralmente quando as pessoas têm um ataque de AVC, a maioria fica com sequelas ou então morre, tudo isso eu ouvia as pessoas falarem para mim quando estava caído no chão, ouvia até mesmo as pessoas no barco falarem estas coisas durante o momento que estavam me levando na maca do barco para Tabatinga. Fiquei internado no hospital de lá, nessas horas você sabe que a gente não se desliga totalmente, a gente fala com Deus e com os santos. Eu pedi primeiramente de Deus, depois de Edmundo de novo, que se ele me tirasse desse sofrimento, eu iria no túmulo dele e acenderia de novo muitas velas para ele. Novamente fui atendido e estou vivo, graças a Deus e a ele. Você sabe que eu não fiquei com nenhuma sequela, sei que foi ele que me socorreu. Ele é poderoso disse o homem. Eu sei que ele é assassino e todo mundo daqui sabe, esse cara que ele matou,*

*era cunhado de um homem muito odiado pelos pobres desta região, meu pai me contava tudo o que ele fazia com os madeireiros e os seringueiros, era muito malvado, tomava a seringa de todo mundo, maltratava, mandava bater, atirar nos coitados. E você sabe que quando Edmundo fez isso com Nicanor muita gente gostou, quem não gostou foi o povo que era junto deles, e você sabe que quem tem dinheiro nesta vida é muito bajulado. Meu pai me contava tudo sobre esta família [de Nicanor], eles foram embora daqui, foram tudo prá Manaus”. (Devoto de Edmundo identificado no ano de 2017, numa segunda – feira, na varanda de sua casa em frente ao cemitério).*

A segunda-feira foi também o dia em que descobri muita gente que poderia narrar para mim sobre a história de Edmundo, sempre com dados novos e descobertas de novos devotos. Encontrei muitos devotos que diligentemente me revelavam suas experiências, outros que de jeito nenhum podiam me contar os seus segredos, preferiam o silêncio, pois tal atitude poderia ser vista como uma forma proteger-se de ataques ou de preconceitos de outros religiosos que participam do mesmo espaço do cemitério. Encontrei outros devotos que eram desconfiados e que aos poucos iam se soltando, perdendo a sua suposta vergonha. Já outros tinham o maior prazer em propagar a devoção a Edmundo.

Toda segunda à tarde, faça sol ou faça chuva, existem devotos que não podem faltar ao cemitério. São pessoas compromissadas com a devoção ao santo, um compromisso ao qual não podem faltar, pois se faltar o devoto acredita na possibilidade de quebra de “contrato” com o santo. Senhor João é o caso de um dos devotos assíduos de Edmundo, pois, durante o tempo em que estive presente no cemitério, ele nunca faltava, às vezes, era o primeiro a chegar, sempre com suas caixas de velas ele se dirigia ao túmulo de Edmundo.

*- Não posso faltar, foi o que prometi a Edmundo e as outras almas, é um voto que não tem fim, as almas me protegem de todo o mal, me orientam, me iluminam. Acender velas também para aquelas que nunca são lembradas, tem túmulo aqui que nunca recebe velas, eu sempre rezo para elas, peço a Deus que ele possa ajudá-las onde quer que elas estejam. (Observação de campo no ano de 2016).*

Para Soares “o cemitério é o local por excelência para se rezar para as almas benditas, para as almas em geral e para os santos não canonizados pela Igreja. Este tipo de orações e intenções não tem muito lugar dentro da Igreja, pensado agora enquanto templo religioso” (Soares, 2007, p. 120). Nesse sentido, o cemitério é a morada dos mortos, é a porta de entrada que dá acesso a vivos e mortos, é o lugar por natureza onde o além, o fascínio pelo sagrado a todo tempo está sendo vivenciado. A segunda-feira na verdade é o momento do encontro entre o vivo e o morto, de relembrar, de matar a saudade, de respeitar e de reverenciar quem está sepultado ali.

Percebe-se que o cemitério e a prática de visitá-lo às segundas-feiras, é de extrema importância para celebrar a morte e a ressurreição de um “santo” que emergiu do povo, que é lembrado e reverenciado por populares. Edmundo é considerado um santo porque, na visão dos seus devotos, mesmo depois de morto ouve e atende aos pedidos do povo, que tem a capacidade de se sensibilizar diante das necessidades, das carências, das mazelas de um público que recorre a ele em busca de ajudas.

A segunda-feira também pode ser utilizada para fazer lembrar, principalmente na memória coletiva de um grupo que vivenciou no passado, a morte trágica pela qual Edmundo passou. O cemitério retrata muito bem a lembrança de um passado que foi marcado por uma época onde quem mandava era quem fosse seringalista, rico, e quem ditava a lei, eram esses homens que detinham mais poder econômico e político. Os restos mortais de Edmundo repousam até hoje no cemitério, ao contrário de Nicanor que possui somente o túmulo de recordação.

É no cemitério que fica registrada a história de um passado histórico marcado pela era da seringa, quem conhece o passado pode navegar e descobrir que estes dois homens parece representar uma luta que fora travada na década de 1950, lutas que podem se traduzir também numa luta de classes. Um (Nicanor) que representa uma classe dominante e o outro (Edmundo) o oprimido, a subalternidade. Como disse uma vez um interlocutor para mim dentro do cemitério: “Edmundo clama por justiça”. Ouvimos a voz de Edmundo ressoar, a sua memória existir por meio da devoção que os devotos lhe rendem, os seus supostos milagres seriam o seu grito do além, a prova “material” de que ele continua vivo na história.

Edmundo foi protagonista de uma história que ele vivenciou tragicamente, marcada pela dor, pelo preconceito social que muitos tinham pelos ditos “arigós”, grupos estes que vieram do Nordeste, resistiram à opressão de uma classe que dominava e imperava na Amazônia. Levou fama de malvado para alguns por ele ter tirado a vida de Nicanor e ter desgraçado a família dele. Ele foi vítima de um desfecho bárbaro, um drama vivido numa situação na qual ele talvez acreditasse que a morte de Nicanor representasse um fim para tal situação que ele vivia, mas tudo isso para sua sorte ou azar, virou um grande inferno e a sua morte lhe trouxe redenção, pois para muitos ele é considerado o “santo do povo”.

A meu ver é importante pensarmos que o campo religioso é muito propício para se entender o contexto político da época. Essa trama de Edmundo e Nicanor nos faz mergulhar num passado em que a cultura era vivida e situada “em um mundo” o qual reflete ainda o “nosso

mundo”. Fatos que aconteceram no passado e continuam existindo com uma nova roupagem, com uma nova cara, por um sistema dominante local que continua operando a partir da lógica do “coronel de barranco”. Toda a história de Edmundo sinaliza para as relações políticas e econômicas da época, onde as fronteiras sociais eram claramente demarcadas.

Estas reflexões, interpretações partem de relatos, das vozes dos próprios interlocutores que transmitiam em alguns momentos certa indignação, resistência com a trama vivida entre Edmundo e Nicanor.

Muitos, nestas regiões, são filhos, netos, sobrinhos, afilhados de seringalistas e muitos também tiveram uma forte influência e formação por eles, os reflexos do mundo do seringal refletem até aos dias atuais. Trata-se de dois mundos diferentes que coexistem no tempo e no espaço. Num tempo passado representado por Edmundo e o outro por Nicanor, o que poderia ser explicado na perspectiva de “lutas de classes”, como dissemos, o proletário que representa o trabalhador migrante Edmundo e o patrão Nicanor, a classe dominante. Dois mundos totalmente vivenciados num mesmo espaço e num mesmo tempo, que representam uma realidade local.

O cemitério como um espaço marginal, retrata muito bem esta situação, ele é o melhor espaço para se entender o processo histórico de um passado político, social, econômico de uma localidade. Seria o espaço ideal para se compreender a conjuntura de uma cultura local. Calavia Sáez, expressa a importância do além, ou o mundo dos mortos, como algo importante para uma análise social ao afirmar que:

A descoberta e a ação desse além dão-se principalmente no meio das relações familiares, de um modo intuitivo e não explícito; inconsciente porque demasiado próximo ao olho. Quando esse inconsciente se formula, adota a forma de um discurso científico que, por meio da interpretação, afasta a percepção dos fenômenos, da percepção do seu contexto e com isso, por assim dizer, preserva toda a potência desse contexto (Calavia Sáez, 1996, p.178).

O mundo dos mortos é esse mundo imaginado, sonhado por aqueles que vivem no cotidiano uma utopia permeada de mistérios, sacralizado pelas pessoas, é o espaço religioso por natureza. É no cemitério, na segunda-feira e no dia dos mortos que essa devoção é mais intensa. O cemitério, ainda nas palavras de Calavia Sáez: “é um além-sincrético, povoado por uma iconografia ao mesmo tempo tomada do catolicismo terreno e divergente do catolicismo do purgatório, com padres doutrinando as almas e centuriões preservando a ordem com a ajuda de um chicote fluídico” (*idem*, p.176).

### 3.3- Momento de atualização da devoção: O dia de finados

O dia de finados ganhou uma centralidade para a pesquisa, em razão da expressiva afluência de pessoas que foram ao cemitério para pedir ou para agradecer algo a Edmundo.



*Figura 18 – Vista do cemitério na noite do dia de finados, onde se avista a capela de Edmundo (em azul) próxima à rua no canto direito da imagem (fonte: Pietà Vieira, 2017).*

Dei início a minha pesquisa neste dia de finados do ano de 2016, se iniciou por volta das 9 h, depois de ter saído de casa de moto num trajeto que não dura nem cinco minutos, com caderno de campo, caneta, máquina fotográfica, gravador de voz, um chapéu de palha para me proteger do sol, porque o sol queimava fortemente a pele, além de água para beber. Quando adentrava ao cemitério nesta hora do dia, já existia por lá um pequeno fluxo de pessoas. Muitas delas neste momento estavam limpando os túmulos de seus entes queridos para voltar após o almoço, ou pelo período da tarde, a fim de realizar seus rituais e participarem da missa. É à tarde que se vê a maior concentração de pessoas no cemitério. Conheci também pessoas que achavam melhor praticarem seus rituais pelo período da manhã, porque não queriam mais voltar à tarde, cumpriam suas obrigações e voltavam para suas residências.

Nesse dia quando adentrava ao túmulo de Edmundo, ele já estava repleto de velas, muitas velas derretidas sobre o túmulo e muitas que escorriam pelo chão da capela. Era impossível permanecer dentro da capela porque o sol estava reluzente, o calor intenso, o fogo das velas parecia que ia me consumir. De início consegui registrar algumas fotos, não quis naquele

momento atrapalhar o ritual, percebi no rosto contemplativo de algumas pessoas que eu não tinha a chance de dialogar com elas, por isso não me senti à vontade em fazer isto. Até porque, entendi que o dia dos finados é uma data em que eu não poderia atrapalhar os devotos em suas práticas devocionais, pois muitos vão ao cemitério neste dia para rezar, refletir e se concentrar. Mas, mesmo assim, ainda consegui conversar com algumas pessoas que iam entrando na capela de Edmundo. Algumas delas se sentiam intimidadas quando me viam tirando fotos e entrevistando outras pessoas, que se sentiam à vontade em falar de Edmundo, principalmente, numa data considerada importante. Quando vi que as pessoas ficavam receosas, tímidas, a me ver entrevistando outras pessoas, escondi o meu material e ia anotando o que podia.

Neste dia de finados, a primeira pessoa que consegui conversar foi uma senhora de aproximadamente 40 anos que se apresentou a mim com o nome de “Moça”, disse que este era o seu apelido, fiz questão de que assim fosse para resguardar o seu nome na pesquisa. Humilde, ligeira em falar, mas muito simpática. Perguntei a ela porque ela acendia velas no túmulo de Edmundo e ela me respondeu:

*- Quando eu tinha 12 anos de idade, sofri cinco anos, com esse mal aqui no meu pescoço, mais ou menos perto do meu maxilar [ela apontou para mim o local deste tumor, que ela julgava ser um mal] um caroço, ele era do tamanho de um dedo. Eu tinha vergonha porque era um caroço enorme e me incomodava muito, todos de casa e da minha rua me chamavam até de “a menina do caroço”. Porque era muito grande, era feio. Até que uma vez minha mãe me disse: - “Moça, porque você não vai lá com o seu Edmundo pedir para ele te ajudar a tirar esse caroço, faz uma promessa prá ele, se você conseguir, você paga a promessa, ele é santo”. Vim no cemitério na segunda-feira, cheguei no túmulo dele, rezei e pedi. Seu Edmundo se o senhor me ajudar a fazer desaparecer esse caroço, eu vou acender para o senhor um monte de velas e vou ser sua devota. Em todos os anos, no dia de finados, eu sempre venho aqui no seu túmulo, prometi que todos os anos iria limpar o túmulo para ele, eu pego o terçado, limpo ao redor do túmulo dele, mando pintar a sepultura e tem segunda-feira que quando posso venho aqui no cemitério, quando eu não venho acendo velas para ele de trás de casa, mas não esqueço dele, ele é milagroso! Fui embora prá casa, até que uma vez, eu tava deitada na rede quando minha mãe disse para mim. – “Moça cadê o teu caroço” - Tá aí mãe, a senhora não tá vendo não. – “Eu não”, respondeu a minha mãe prá mim, e de repente eu passei a mão no meu rosto e não senti o caroço mesmo, não acreditei, peguei o espelho prá ver mesmo se eu não táva, sonhando. “Pois não é menina”, dizia minha mãe, “o caroço sumiu”! Graças a ele, Seu Edmundo, ele ouviu mesmo a gente, desde esse dia eu sou devota dele, todo finado estou aqui. (Depoimento colhido em 2016 no dia de Finados às 9 da manhã, próximo ao túmulo de Edmundo).*

A senhora se retirou e continuei a observar, era tanta gente que entrava no túmulo que eu não consegui dar conta nem de anotar, nem de tirar fotos e nem de entrevistar. Percebi que as pessoas no dia de finados rezam com mais intensidade, fervor e dedicação aos mortos, o dia de

finados é o momento de se pagar os votos, as promessas feitas ao longo do ano, de reafirmar os laços de afinidade com Edmundo e com as diversas almas.

De vez em quando chegava uma concentração de pessoas que vinham trazer coroas de flores para Edmundo, os devotos afastavam as coroas velhas e depositavam as novas junto ao suporte que foi construído junto à sua sepultura. Teve um momento que eu achei que fosse desmaiar com tanto calor também devido às chamas do fogo das velas que exalavam uma fumaça que vinha de dentro da capela. Vez por outra eu ia para fora da capela pegar um pouco de ar. Consegui conversar com outra devota que chegava com uma enorme coroa de flores. Deixei-a rezar, acender as velas, agradecer a Edmundo. Quando pedi a atenção dela por alguns minutos ela um tanto retraída, me respondeu:

*- Foi minha mãe que foi curada de um câncer, pedi ajuda dele e ele me socorreu, depois eu consegui passar no concurso público, ele mais uma vez me atendeu! Eu não posso deixar de vir aqui hoje, seria até maldade esquecer dele, comprei esta coroa e muitas velas prá acender prá ele, ele merece (Depoimento coletado no ano de 2016).*

Há devotos que são bem diretos e objetivos, como esta devota, não contam detalhes mais precisos, até porque, como dissemos, o momento e o dia dos finados não é tão propício para entrevistas. Finados é um dia de reflexão, é o momento de pedir “das” e “para as” almas proteção, ajuda, luz e paz. É o momento em que as pessoas procuram estar próximas de seus entes queridos que faleceram, e a comunicação com os mortos, com Edmundo e com as outras almas é mais intensa, como dissemos.

Quanto ao gênero, notei que a quantidade de homens e de mulheres que visitam o túmulo de Edmundo neste dia é aproximadamente a mesma. Velhos, novos, algumas crianças, pessoas humildes, pobres, mas também aquelas que na cidade são consideradas como possuidoras de um poder aquisitivo elevado. Inclusive, consegui ver um senhor, que eu poderia dizer que é um forte comerciante da cidade, dentro da capela de Edmundo. Ele me disse: “*O que eu já consegui de êxito nesta vida, de bom, foi graças a ele também, não posso deixar de vir aqui neste dia*”.

Chegou um momento em que percebi que o número de pessoas no cemitério estava diminuindo, era o horário do almoço, me retirei da frente do túmulo de Edmundo e fui sentar na escadaria do cemitério, onde aproveitei o momento para escrever, fiquei conversando com as pessoas que neste dia vendem velas, coroas de flores, pipocas, refrigerantes, balas, batatinha frita, milhitos (produto comprado na Colômbia e muito consumido nestes espaços de fronteira) e água

em frente ao cemitério. Mas durante esse tempo, ainda no período da manhã, houve um número de pessoas que ainda foram realizar seus compromissos para com Edmundo. Fiquei sentada lá esperando os devotos chegarem.

Pouco mais tarde avistei uma massa humana adentrando o túmulo de Edmundo, teve um momento que ninguém podia mais entrar na capela, pois não cabia mais ninguém. Tive que neste momento só registrar e conversar com algumas pessoas que me dava atenção. Percebi que as pessoas ficavam desesperadas com o calor que fazia dentro da capela. Teve uma hora que o túmulo não comportava tantas velas, mas, mesmo assim, os devotos queriam entrar ou se chegar ao túmulo, eles não podiam perder a chance de fazer sua reverência ao santo Edmundo.

Conversei com uma senhora simpática que no furor da devoção, chorava, se alegrava, exclamava dizendo: *“Edmundo meu santinho querido, eu te amo!”* Corri para conversar com ela e ela me falou, *“o que foi minha filha?”*. Disse a ela fale-me sobre sua devoção a Edmundo, e ela respondeu, com maior prazer:

*- Edmundo salvou minha filha da morte, ela no momento do parto teve eclâmpsia, quase morreu, teve uma parada cardíaca, eu como devota, corri para os pés de Edmundo e clamei por ele, minha filha se salvou, vive em Itacoatiara, tem muita coisa para te falar, mas tenho que ir. (Depoimento coletado no ano de 2017).*

O filho desta senhora, muito apressado com as horas que avançam para a noite a constrangia a todo o momento dizendo: *“vamos embora mãe, por favor,”*. E saiu arrastando a senhora pela multidão, não deu tempo nem para me despedir dela. Nunca pensei que eu pudesse, durante minha pesquisa de campo, conhecer uma pessoa tão educada e receptiva quanto aquela senhora que encontrei naquele dia no cemitério. Existem devotos, que consegui identificar, mas que de jeito nenhum quiseram contar algo sobre a sua experiência com Edmundo, segredos estes que, segundo eles, são os da “alma”, é só ele e o santo, os conhece. Encontrei devotos impacientes, mal humorados que me deixavam falando sozinha, talvez pelo calor ou por timidez. Mas encontrei muitos que me revelavam seus anseios mais íntimos.

Durante as visitas ao túmulo de Edmundo as pessoas geralmente rezam as orações “universais”, sobretudo para os católicos, tais como o Pai-Nosso, Ave-Maria, Salve-Rainha e por último o Credo. Depois surge o momento da oração específica, ou seja, o pedido ou o agradecimento ao santo. Vi pessoas que rezavam em voz alta estas orações mais conhecidas dos católicos, mas como a fila estava grande às pessoas não podia ficar muito tempo dentro da capela

próxima ao túmulo de Edmundo, pois havia muitas pessoas que também queriam entrar para executar seus rituais. Os devotos depois das orações acendiam as caixas de velas que haviam trazido, geralmente levavam alguns minutos para acendê-las. Outros devotos se ajoelhavam perante o túmulo de Edmundo, uns ficavam com os olhos fechados, cruzavam as mãos em sinal de respeito, retiravam o boné em sinal também de reverência.

O dia dos finados também foi um momento oportuno para as pessoas falarem o que sabiam sobre Edmundo. Alguns, ao me verem com a máquina fotográfica, se interessavam e ficava em frente à capela discutindo a vida e a morte de Edmundo, eu só anotando. Foi neste exato momento que eu conheci um professor que também é membro da Igreja Católica, o vi acendendo as velas e fui conversar com ele. Perguntei a ele como tinha surgido a sua devoção a Edmundo, ele me disse:

*- Bom sou devoto de Edmundo, quando era adolescente, eu ouvia na escola muita gente falar dos milagres que ele realizava, meus colegas quando estavam com problemas nas disciplinas me falavam que pediam ajuda de Deus primeiro, depois a ele e ele atendia. E passando o tempo, a gente vai encontrando algumas dificuldades na própria vida, eu vinha frequentando aqui [se refere ao cemitério] e fui criando um vínculo religioso com Edmundo, sou católico, mas nunca deixei de vir aqui (Depoimento coletado em 2016).*

Quando falei sobre o aspecto da santidade de Edmundo, e sobre o fato de ele em vida ter praticado um homicídio, perguntei a esse professor o que ele pensava sobre isso, principalmente quanto à questão da igreja não reconhecer esse tipo de santidade, ele respondeu para mim:

*- No meu ponto de vista, até hoje venho me perguntando o porquê não houve uma pesquisa, principalmente até mesmo com a própria paróquia em relação a essa devoção a Edmundo, eu acharia muito bom, que a Igreja fizesse uma pesquisa. Até mesmo a você, inclusive te parablenizo, por dar início a essa pesquisa, que pudesse levar isso em frente não só aqui na igreja, mas como a gente sabe, a nossa igreja, ela está um pouco mais parada, mas se fosse por um frei, uma freira, um frade que a gente tivesse essa devoção, logicamente que essa pessoa seria canonizada o mais rápido possível, eles veriam que existe um trabalho social dentro desse período de vida como católico, como atos sociais voltados para a própria sociedade, para a igreja isso se torna mais fácil. Mas como a gente sabe que Edmundo era só uma pessoa comum, criou-se um preconceito de canonização acho que seria muito viável que a própria Igreja, ou através de documentos, documentários, as pessoas reconhecessem essa devoção que eles têm com ele, realmente pudesse ter essa iniciativa (Depoimento ainda coletado no ano de 2016).*

Perguntei ao meu interlocutor se ele reconhecia a santidade de Edmundo, mesmo ele sendo um assassino, vejamos o seu depoimento:

*Todos nós somos santos perante Deus, Jesus quando escolheu o ladrão para morrer do seu lado, ele não deixou com que pensássemos que somente iríamos encontrar as pessoas boas e sim a gente encontra nas pessoas más o sentido da vida e perante por ele ser uma pessoa assassina, acho que Deus deu um privilégio a ele, para depois ser reconhecido depois de sua morte, para que ele fosse reconhecido por aquilo que ele fez, e quem sabe se ele tivesse vivo pudesse ter sido penalizado por aquilo que ele fez. Deus deu graça a ele, esse poder para ele ser mensageiro de Deus através de seu próprio espírito. Eu acredito muito nisso, que às vezes as pessoas dizem assim: “Ah! A pessoa é assassina, é ladrão, tudo aquilo e não tem um espírito bom”. Mas as pessoas só vão conhecer que uma pessoa tem um espírito bom no momento de sua partida e na hora de sua morte. Por isso que diz a Bíblia que o último suspiro de arrependimento que a pessoa tiver em vida, ela terá a salvação.*

Quanto às motivações que teriam levado os devotos de Edmundo a acreditarem que ele se tornará um santo, indaguei meu interlocutor se isso se deveria a sua morte trágica, como havia ouvido da boca de muitos interlocutores, ao que ele respondeu:

*Eu acho que pela forma em que ele foi tratado e morto, pelo martírio em vida, porque ninguém até hoje sabe exatamente o que foi que levou a pessoa cometer este tipo de violência para com a vida dele, sabemos e o que se ouve falar, foi através de uma conversa, uma fofoca. Isso até hoje passa a ser um mistério. Mas foi a morte dele, que me faz acreditar na idéia de que ele virou um santo. Ele quase foi crucificado, conta a história.*

Perguntei ainda ao meu interlocutor, se ele havia conseguido alguma graça com Edmundo:

*Passei um momento extremamente difícil em minha vida, e quando a gente passa por esses momentos difíceis à gente recorre a tudo aquilo que pode ser útil no momento. Minha filha que inclusive está aqui comigo e que você está vendo, adoeceu de asma, ficou muito debilitada, eu era funcionário público contratado pela prefeitura. E aí com muita devoção a todos os outros santos que foram canonizados pela própria Igreja eu pedi ajuda também, até que uma certa vez vim aqui na segunda-feira e pedi a Deus e a Edmundo que pudesse naquele momento me ajudar, a alcançar esta graça. E a partir daquele momento minha filha se curou e passei a ser mais ainda seu devoto e a devoção a ele aumentou. Sou devoto também de São Francisco, São Sebastião, São Lázaro. E passei a partir daquele momento a venerar a Edmundo, não totalmente como se ele fosse o ser supremo, mas que qualquer um dia, nós um dia, pudéssemos ser iguais a ele.*

E perguntei para ele sobre Nicanor.

*Nunca pensei muito em Nicanor, mesmo sabendo que ele foi vítima de Edmundo, ou melhor, os dois foram vítimas, mas Nicanor foi vítima por causa da fofoca que criaram, na verdade ninguém se lembra de Nicanor ele ficou esquecido e Edmundo muito lembrado. Quem sabe se intercedêssemos a Nicanor ele nos atenderia, mas o que marca a devoção e a santidade de Edmundo foi realmente a sua morte. E mesmo em vida ele*

*sofreu, muito, pagou na prisão tudo que ele havia cometido. Gostaria muito que a igreja reconhecesse ele, a fé é que causa isso, ela gera em nós esse sentimento de respeito por Edmundo, à gente sabe que Deus é maior, mas depois a gente se apega pela fé em Edmundo e sabe que ele é uma alma boa, se não fosse não atendia a todos, todos os que você vê aqui neste dia é o resultado da fé em Edmundo, eles todos têm uma experiência sobrenatural com ele, esse carisma, a religião tem a capacidade de agregar a todos. Sou católico, sigo o que a igreja prega, faço o que acho certo, seguidor de São Francisco também e acredito no poder sobrenatural de Edmundo, sou devoto dele, inclusive falo a você, fico muito feliz de saber que você está escrevendo isso sobre ele, nunca ninguém tinha se interessado em escrever um trabalho sobre este assunto que é considerado local, torço muito para que dê muito certo o seu trabalho e também torço para que daqui prá frente os católicos conheçam Edmundo, que seu trabalho tenha uma abertura para a devoção que se tem a ele. (Depoimento coletado em 2016).*

Analisando o depoimento do professor, ele parece ser um católico com características ortodoxas e também heterodoxas, segue os princípios doutrinários da Igreja, como foi afirmado por ele no depoimento, mas também acredita na devoção a Edmundo. Ele explicou-me que se preocupa muito com o que a Igreja não sabe sobre Edmundo e pensa que a devoção a Edmundo precisaria ser reconhecida, valorizada até porque pelo visto, a instituição não se interessa e nem conhece a história de Edmundo. Percebo analiticamente que a crença que se criou em torno de Edmundo emergiu do povo e tem sido transmitida pelos mais velhos de geração a geração. Contudo, somente alguns poucos velhos ainda estão vivos e contam esta história a seus filhos e netos. Geralmente para a propagação desta devoção, como é o caso do professor que também ficou sabendo pelos seus pais, a narrativa é revelada por algum membro da família, como avô, avó, tio ou pais que pedagogicamente se preocupam em deixar para seus familiares a narrativa. Mas a grande maioria destes anciãos morre e não transmite o que sabe sobre o personagem constitutivo desta devoção.

O professor disse que desde a sua adolescência conhece a história de Edmundo e gostaria muito que ele fosse reconhecido pela Igreja local, até porque ele acredita que se a devoção partisse da instituição talvez Edmundo pudesse até ser canonizado. O professor em seu depoimento disse: *“sou católico e membro da igreja de São Francisco. Mas acredito que Edmundo foi um assassino que alcançou a graça de Deus por meio do perdão, sua morte cruel o levara à redenção ou uma elevação de seu espírito, em outro plano. Edmundo já pagou seus pecados com seu sofrimento na cadeia”*.

Assim como acontece em relação aos outros santos institucionalizados, esse interlocutor acredita no poder que Edmundo exerce para com os devotos que recorrem a ele. Ele como professor e um católico mais reflexivo, crítico, percebe o valor que a religião tem para o homem

religioso, quando afirma que a religião tem a capacidade de agregar a todos, diz que esta suposta santidade de Edmundo é construída pelo coletivo. “*Nós devotos, nós comunidade, somos nós que construímos a santidade de Edmundo*”.

Percebe-se neste depoimento que a devoção é legitimada pelo coletivo e é por esta razão que ela ganha força e sentido, tornando-se eficaz, mesmo que as instituições detentoras do Sagrado tentam negar e abolir tais crenças, ou demonizá-las. Edmundo representa a coletividade, rompe com as estruturas dominantes da Igreja e do sistema local, que de nenhum jeito querem que ele exista, nem mesmo depois de morto. Vemos no depoimento do professor que, para ele, a Igreja tenta exercer um controle sobre a vida dos fiéis como sistema legitimador de crenças, ao dizer que se fosse um “especialista do sagrado” que estivesse no lugar de Edmundo, este seria canonizado mais facilmente, ou, pelo menos, reconhecido pela Igreja. Esta devoção dedicada a Edmundo passa então a ser um mecanismo que possibilita a ruptura da ordem oposta. Religião então, se divide em oficial e popular.

Enquanto que no catolicismo tradicional os rituais e representações religiosas são a propriedade coletiva dos fiéis, no catolicismo privatizado, os rituais e as representações religiosas são reapropriações privatizadas dos fiéis, expressando uma resistência passiva ao clero (Oliveira *apud* Soares, 2007, p. 23).

A suposta santidade de Edmundo é questionada por alguns devotos e interlocutores. Durante minhas visitas ao cemitério, durante a pesquisa, conheci os túmulos de um frei e uma freira, que eram da Itália e morreram afogados nas águas do Solimões, nem mesmo os seus túmulos são tão visitados pelo povo, ou melhor, eles não são nem lembrados como se vê no caso de Edmundo. Um pouco contrária à visão do professor, em relação ao frei e à freira, nem mesmo a Igreja conseguiu incutir uma santidade ou um santo na mentalidade popular. Enquanto, Edmundo, sendo uma pessoa que ninguém sabe dizer se ele era uma pessoa religiosa, se proferia uma religião ou não, acaba encontrando uma grande receptividade entre pessoas religiosas de Benjamin. Criou-se uma devoção no meio das pessoas benjaminenses, mesmo que ele sabidamente não era benjaminense, não era nenhum líder e muito menos de destaque social.

Antropologicamente, encontro outro elemento importante na formação da devoção a Edmundo, a saber, o simbolismo do prego de cinco polegadas, que segundo algumas versões da história de sua morte, fora cravado na cabeça dele. Como disse o interlocutor e devoto dele, o professor entrevistado, a morte de Edmundo quase lembra a crucificação de Cristo, estes

elementos são relacionados à sua suposta santidade e os devotos os utilizam para reforçar a devoção a Edmundo. Nicanor neste caso, como parte da elite local que dominava Benjamin e não é digno de nenhuma devoção. A maioria dos depoimentos analisados parece indicar que a morte de ambos, não pode ser vista simplesmente como agressão ou violência pessoal, mas pode representar uma luta política, travada entre classes sociais. Edmundo matou Nicanor, desafiando uma estrutura de poder e agredindo também a um sistema de poder que Nicanor representava, uma vez que ele era quem gerenciava os bens de seu cunhado, Barbosa. Edmundo desafiava o sistema colonial da borracha, do barracão, do sistema de patronagem, por isso teria sido morto por esse mesmo sistema.

Mesmo Nicanor, também sendo vítima, não é lembrado como alguém que poderia ser digno de santidade. Toda esta trama de acontecimentos políticos: período da seringa, era da borracha, marca a era e a história dos Coronéis e a forte e poderosa influência que eles representavam, na verdade acredita-se que foram eles que mataram Edmundo, eles nunca foram julgados e nem processados pelos atos cruéis que praticaram contra seringueiros nordestinos e contra indígenas.

O dia dos finados foi importante para observar que o cemitério nesta data, fica repleto de pessoas de várias religiões que se congratulam em prol das almas: muitos católicos, espíritas que vão visitar os seus entes na expectativa de que eles estejam presentes, esperando por eles para o reencontro. Evangélicos que também vão distribuir panfletos referentes à vida eterna, muitos deles não acendem velas, porque acreditam que no cemitério os mortos não recebem mais nada, pois eles dormem e espera o dia do juízo final, eles na sua grande maioria, só vão limpar os túmulos e levar flores para decorar o túmulo dos entes queridos.

Geralmente quando notamos um túmulo sem velas, ou é porque ninguém apareceu para acender velas, ou porque a pessoa que lá está sepultada foi em vida adepta de alguma denominação evangélica. Como pude ver o túmulo de um pastor que não possuía velas nenhuma. Somente versículos recitados e retirados da Bíblia. Para Calavia Sáez (1996), a cosmologia do mundo dos mortos não é determinada por um sistema religioso específico. Se pensarmos desta maneira podemos ver que o cemitério propicia o encontro de vários praticantes de diferentes crenças religiosas.

Quando estava observando as pessoas no dia dos finados, percebi que uma senhora que atentamente também me observava, veio em minha direção para me contar a sua experiência com

Edmundo. Ela fez questão de me contar o que havia acontecido para que hoje fosse devota de Edmundo e disse para mim que fazia questão que eu relatasse em meu trabalho o seu caso, vejamos:

*Meu filho teve um dia que um cara meteu a faca nele, ofendeu o Intestino grosso e tudo. Ele chegou em Tabatinga com hemorragia interna, deu uma infecção nele. E me peguei com Nicanor através da fé. Meu filho morreu na sala de cirurgia, passou quinze minutos, morto. Seis médicos chegaram comigo e me disseram que ele tinha morrido, e perguntaram de mim, se eu acreditava em milagre, eu disse acredito sim, respondi para os seis médicos. Chegou o Coronel do Hospital, me acalmou e disse prá mim, seu filho morreu! Nesse momento, me lembrei de Nicanor, me ajoelhei, chorei, pedi tanto de Nicanor, disse prá ele, Seu Nicanor me ajuda, por favor, salva o meu filho, não me abandone, por favor. Prometi a ele que se ele ajudasse meu filho, toda a sexta-feira, eu acenderia velas para ele. Com um ano depois, meu filho foi servir o Exército, e eu fiquei com medo, porque ele não podia fazer esforço nenhum, tinha aberto todo o estômago dele, tiraram tudo prá fora no momento da cirurgia. E eu não queria que ele fosse servir, e meu filho, queria tanto, ficou louco pra servir e serviu, depois de um ano de operado. Depois de seis anos ele engajou e foi preciso ele pedir a baixa, prá poder sair que eles do Exército não queriam dá prá ele. E nesse período eu pedi tanto de Nicanor, para que não acontecesse nada com ele, e nunca aconteceu nada, mesmo ele ter morrido por quinze minutos, não podia trabalhar, se você visse o corte que ele tem na barriga dele, você se espantaria, disse a mulher para mim (depoimento de uma devota, 2017).*

Neste momento, percebi que a senhora, de origem acreana, se confundiu em acreditar que Edmundo fosse Nicanor. Como já mencionei, isto foi observado por mim na pesquisa de campo: alguns devotos acreditarem que Edmundo é Nicanor e Nicanor é Edmundo, ela inclusive riu muito, quando disse que ele não era Nicanor e sim Edmundo. Ela inclusive me disse: “*Me falaram que os ossos dele nem estão mais enterrados aqui*”. Eu perguntei a ela, se os ossos dele não estivessem mais ali, se mesmo assim esta senhora continuaria acendendo velas para ele. Ela riu de novo e respondeu: “*Não importa, mesmo assim, com certeza, não me importaria, quem cura é a fé*”. Caímos então em uma enorme gargalhada eufórica e fui explicar para ela que era Edmundo que estava enterrado ali e não Nicanor. Perguntei há quanto tempo ela era devota de Edmundo! E ela me respondeu:

*- Faz 12 anos que sou devota, desde que cheguei do Acre, fiquei sabendo e passei a ser sua devota, meu filho também passou, depois que ele morreu e ressuscitou não podia esquecer dele. Sempre ele vem acender velas para ele. Eu sei que a menina sempre vem acender velas para ele quando querem passar de ano ou no vestibular.*

Esta fala está sendo revelada pelo fato de que a senhora que me deu o depoimento, gostaria muito que sua devoção a Edmundo fosse registrada, pediu insistentemente para que eu expusesse sua experiência com Edmundo. Em respeito e gratidão a interlocutora, realizei o seu pedido, mas também por revelar um caso de “milagre” operado por Edmundo.

Finados é um dia para rever as pessoas, os parentes, poderíamos pensar que pode ser comparado com um grande velório, onde as pessoas exibem suas saudades, seu amor para com aquele que se foi, pessoas que estão separadas aproveitam o momento para se reencontrarem, nem que seja somente por alguns momentos ou àquela hora. A morte tem essa capacidade de reordenar os comportamentos sociais, de fazer brotar os pensamentos de perdão, amor e compaixão, para os que estão vivos e mesmo para os que estão mortos. Neste dia, mortos e vivos estão em família, como aborda Soares,

Desta forma são mantidas as lembranças do falecido e com isso se obtém uma relação de reciprocidade contínua entre mundo dos vivos e o além. O dia dos finados ou qualquer outro momento ritual dedicado ao culto aos mortos pode ser entendido como um momento íntimo entre vivo e o morto. Talvez, para as pessoas, finados não seja um dia de rememoração ou reforço dos laços sociais com os vivos, mas uma ocasião de reatar as relações sociais com os que se foram (Soares, 2007, p.114).

É neste dia em que as pessoas aproveitam para manifestar mais ainda suas práticas consideradas heterodoxas, daquilo que muitas vezes a Igreja condena e ao mesmo tempo se alimenta, da própria devoção de cunho popular, as pessoas estão a todo o momento reforçando os seus laços com o santo ou com as almas.

Depois de algumas entrevistas, estava muito cansada, quase já desistindo de continuar minhas observações. Contudo, devotos continuavam chegando e preferi observar com certa distância. Foi quando ouvi um senhor brigar com os devotos de Edmundo, ele estava revoltado porque os devotos jogavam as caixas de velas em cima da sepultura de um parente seu. Eram tantas caixas de velas que foi preciso ele sair recolhendo, porque as pessoas no furor da devoção nem se importavam com o que ele falava. Neste momento registrei uma foto, com a imensa montanha de caixas vazias de velas que ficou sobre a sepultura ao lado do túmulo de Edmundo, mas infelizmente a máquina fotográfica falhou o seu flash, a foto saiu escura, quase irreconhecível. Logo em seguida me aproximei de um homem que estava falando de Edmundo para outras pessoas, foi quando me aproximei mesmo cansada e consegui gravar o que ele falava:

*Eu vivia pescando, ai eu passei pelo furo e toda a vez que eu passava pelo furo do igarapé, eu via uma pessoa morrendo afogada, quando eu fechava o olho prá dormir, eu via essa pessoa, mais não sabia quem era. Daí eu cheguei em casa falei para minha mulher, que eu via essa pessoa morrendo afogada, eu já não conseguia mais dormir, eu ia pescar e ficava vendo isso e chegava em casa estressado com aquela visão, prá mim ia acontecer comigo. Cheguei com minha vó e contei a situação, ela me disse, meu filho vá lá na capela de Edmundo e faça uma promessa, acenda vela, é alguém que morreu afogado e tá precisando de velas. Você vá lá no túmulo dele, faça a sua oração e reze. Eu vim, depois resolvia acender velas lá na igreja de São Francisco e esperei pela ajuda. Depois disso nunca mais vi mais nada, me libertei desta visão que até de dia eu ficava vendo. Toda a sexta-feira venho aqui na sepultura dele. E depois disso eu tava desempregado, pedi dele, de Edmundo para ele me iluminar em que eu poderia ganhar dinheiro, eu estava numa situação muito difícil, sem saber o que fazer. Depois que conversei com ele, apareceu para mim à oportunidade de comprar aquele brinquedo que as crianças pulam na praça, e minha vida começou a melhorar, graças a Deus, depois a ele, tudo isso graças a minha fé, nessa vida tudo é movido pela fé (Depoimento de um devoto no dia de finados de 2016).*



*Figura 19 - Acender de velas no túmulo de Edmundo no dia de finados (fonte: Pietà Vieira, 2017).*



Figura 20 - Momento de concentração e de diálogo com o "santo" por parte dos devotos de Edmundo (fonte: Pietà Vieira, 2017).



Figura 21 - Homens e mulheres recorrendo à ajuda de Edmundo na tentativa de solucionarem seus problemas (fonte: Pietà Vieira, 2017).



*Figura 22 - Alguns devotos de Edmundo na fila para entrar na capela de Edmundo no dia de finados (fonte: Pietà Vieira, 2017).*

O cemitério é um campo onde as forças religiosas apresentam-se tensionadas e configurando grandes conflitos, onde práticas ortodoxas e heterodoxas se cruzam, se entrelaçam em meio a um jogo de forças e de poder que existe no campo da religião.

Os devotos têm suas necessidades materiais e desejam ardentemente que seus pedidos sejam alcançados, eles recorrem aos moradores celestiais em busca de soluções para a realidade terrena, grandes são as dificuldades em que os devotos se queixam, esta ânsia, parte do cotidiano em que os devotos não veem mais respostas no dia a dia, quando muitos devotos revelaram para mim, que procuravam Edmundo, é porque a vida deles não estava indo muito bem. É a falta de emprego, saúde de qualidade, uma casa para morar, entre outros problemas, todos esses desejos são levados aos seres divinos, são por estes motivos que eles acreditam que a fé, seria a última alternativa de esperança, para os problemas terrenos.

O cemitério para mim foi esse campo, onde pude vivenciar os problemas corriqueiros de pessoas carentes, o drama de mulheres que vivenciam as violências de seus cônjuges, o desemprego do povo, as enfermidades que assolam a alma, os problemas existenciais das pessoas. Foi no cemitério também que aprendi um pouco mais a exercitar o olhar antropológico, aprender a ouvir o outro, conhecer a intimidade, adentrar a um mundo que naquele momento era o desconhecido, o estranho para mim. O cemitério foi essa grande escola antropológica, onde foi possível confrontar teoria e prática de campo no diálogo com os interlocutores desta pesquisa, os

devotos de Edmundo. Pude aprender, desaprender e aprender de novo, com as pequenas coisas simples da vida e que eram fixas e permanentes para mim, alguns conceitos que ainda estavam cristalizados em minha consciência, principalmente quando se referiam ao estudo da religião, é um exercício contínuo que não se esgota.

Os próprios devotos me ajudaram também a refletir sobre o campo antropológico. Cada interlocutor, cada devoto, cada gesto, cada olhar, cada oração, cada acender de velas, me levavam a aprender um pouco mais sobre esse outro que é diferente de mim e sobre esse “sobrenatural” que nos causa fascínio. Pude aprender e treinar muito mais, a desenvolver minhas idéias, meus conceitos sobre religião, sobre as manifestações religiosas das pessoas que muitas vezes no cenário do dia a dia passam por nós, como meros e desprezíveis fatos, mas que fazem parte da realidade das pessoas que buscam respostas para problemas do cotidiano. Diante da possibilidade da falta de sentido, exatamente quando as explicações possíveis se esgotam, a religião como um sistema de símbolos e valores passa a preencher os vazios não preenchidos pela razão.

O cemitério é esse grande cenário em que o imaginário social e religioso aflora, onde os pensamentos acerca do além povoam a mentalidade das pessoas religiosas. Percebi que as pessoas fazem até promessas exorbitantes com intuito de realizarem os seus maiores desejos, prometem “mundos e fundos” para Edmundo, muitos se lamentavam neste dia para Edmundo, que não puderam durante o ano ter conseguido pintar o seu túmulo por causa da falta de dinheiro, mas que durante os dias tirariam um pouco do seu tempo para cumprir o que tinha prometido a ele.



*Figura 23 – Acender de velas no dia de finados, ao pé do cruzeiro, no cemitério novo (fonte: Pietà Vieira, 2017).*

Nessa perspectiva, o dia dos finados e o cemitério, espaço de sua manifestação é um lugar privilegiado para a observação de diferentes práticas mágico-religiosas voltadas para a problemática da morte e da vida. Entendo que mesmo em sendo o cemitério um espaço considerado sagrado, onde predominam as devoções populares e marginais, a Igreja Católica também se faz presente para marcar e ampliar o seu campo de atuação. Ela própria esteve lá, com sua presença religiosa, celebrando a missa próxima ao cruzeiro. O dia dos finados é uma data em que a presença das práticas devocionais relativas a santos não institucionalizados e às almas, são muito evidentes, como é o caso de Edmundo.



Figura 24- Missa no Cemitério São Francisco no dia de Finados (fonte: Pietà Vieira, 2017).

A devoção a Edmundo se manifesta no cemitério e pode ser considerada uma devoção “marginal”, porque ela não é reconhecida pela Igreja e provavelmente nunca o será, em razão de não atender as exigências canônicas de santificação impostas pelo catolicismo oficial. Contudo, a sua consagração como “santo” já teria se dado, se não pelas vias oficiais, com certeza pela via sacrificial que caracterizou a sua morte.

Nos dias de finados retirava-me do cemitério, geralmente por volta das 20 h, mas a multidão prosseguia e aumentava para reverenciar seu “santo”. Nesse dia, quando olhava pela última vez o túmulo de Edmundo, muitos ainda esperavam outros saírem da capela para entrarem.

#### 2.4 - Dos pedidos à santidade marginal de Edmundo

Exploro nesta seção as categorias de pedidos, pelos quais Edmundo é procurado para a ajuda espiritual, de acordo com os interesses dos devotos.

Vejam os abaixo algumas formas de problemas, tipos de pedidos e graças alcançadas por meio da interseção de Edmundo. Sistematizo aqueles que foram recorrentes durante o trabalho de campo.

**Tabela 1.** Pedidos de ajuda dos devotos a Edmundo mais recorrentes, de acordo com a pesquisa:

1.	Passar em concurso público;
1.	Cura de enfermidades, como câncer, feitiço, enfartes, facadas, cirurgia de risco;
2.	Recuperação depois de acidentes considerados graves;
3.	Sobreviver à gravidez de risco;
4.	Conseguir empregos bem remunerados, orientações no trabalho;
5.	Ter sorte no amor, inclusive para trazer de volta o amado;
6.	Pessoas libertas de álcool, drogas, vícios no geral;
7.	Pessoas que pedem dele, para verem outras pessoas mudadas na personalidade considerada difícil;
8.	Proteção a mulheres que são espancadas e que tem problemas no lar;
9.	Passar em mestrado;
10.	Alcance de bens materiais, como o alcance de uma casa, carro, ganhar na mega-sena.

Todos esses pedidos foram alcançados, segundo os devotos, e foram relatados por pessoas que consegui entrevistar. Estes são depoimentos dos devotos no dia dos finados, que relacionei desta maneira para não me estender muito, até porque era muito difícil, ficar entrevistando os devotos naquele momento e como falei não era um dia para entrevistas, mas, mesmo assim, consegui algumas.

Como dissemos, muitos o procuram em busca de empregos, principalmente para passar em concurso público, alcançar a cura de enfermidades (da alma e do corpo), conquistas de amor, êxito em provas consideradas difíceis, ganhar na mega-sena, orientações no trabalho, para ter um bom parto em gravidez considerada de risco, para prosperidade, que nunca a pessoa possa ficar sem dinheiro, conseguir alcançar a compra de uma casa, mulheres que desejam que seus esposos sejam libertos de vícios tais como os do álcool e das drogas, pessoas que foram desenganadas pelo médico em risco de morte, para conseguir passar em provas de Mestrado, livrarem-se de

feitiço, fazer chover, livrar-se de prisões e até mesmo pessoas que enfartaram e recorreram a ele para sobreviver. Estas são categorias de pedidos definidas de acordo com interesses dos devotos, cuja resposta configura a eficácia do ato religioso, são específicas e podem variar, dependendo principalmente do interesse econômico, que parece ser o mais procurado.

Edmundo não é considerado um santo especialista em si, mas pode ser útil para qualquer situação que for procurado, ao contrário de alguns santos institucionais que a Igreja cria para determinados fins. As idéias dos autores sistematizadas neste texto têm me ajudado a compreender a religiosidade das pessoas e a interpretar o imaginário religioso dos devotos de Edmundo, que mesmo sendo católicos, o procuram para ajuda espiritual.

Tenho aprendido que o catolicismo abre portas para outras práticas ditas também como religiosas, mas que são muitas vezes esquecidas e existem no anonimato. Trabalho com algumas noções que são de interesse de minha pesquisa trata-se de uma religiosidade não oficial e que tem um personagem que não é reconhecido pela Igreja local, constitui uma devoção popular como já mencionado, que se propaga no cemitério e é lá que engendram as relações das pessoas com o santo, ou alma protetora, como ele é reconhecido por seus devotos.

Claro que muitos destas devoções que permeiam o imaginário religioso são condenadas pelo catolicismo oficial, que lhes nega legitimidade, não tendo a mesma credibilidade das devoções aos santos reconhecidos pelo calendário institucional.

Alguns devotos de Edmundo passam por discriminação por acreditarem nessa modalidade de crença, sofrem rejeições da parte de alguns católicos, que acreditam que somente os santos institucionais podem ser vistos como entidades capazes de realizar coisas vistas como sagradas. Estes depoimentos refletem confrontos entre diversas crenças, mas não deslegitimam as práticas devocionais em torno de Edmundo. Assim, analisando o fenômeno religioso de uma forma mais ampla, percebemos que sua abordagem é muito extensa e se apresenta com uma gama rica de detalhes, principalmente no mundo contemporâneo.

O que notamos em meio a estas crenças ou maneiras de crer em determinadas divindades, que podem ser talvez consideradas como heterodoxas, é uma grande crise, ou transformações da religião, principalmente quando pensamos em modernidade. As instituições oficiais muitas vezes se julgam mais legítimas deixando de lado a tradição, o popular, afirmando que só a instituição é digna de legitimidade e de produzir o sentido verdadeiro das coisas. A modernidade altera nossa perspectiva terrena: cria disjunções, facções, desvalorizações, individualizações e várias maneiras

de pensar a fé. No mundo contemporâneo temos visto um pluralismo religioso, uma mobilidade e multiplicidade de formas de crença.

O santo surge a partir de uma produção social, é fruto de um imaginário criado pelo povo que o cultua. Pelo que pude compreender, no cemitério, as pessoas conhecem muito bem a Edmundo pela sua história, porque seus pais, parentes e conhecidos mais velhos repassam a narrativa trágica e sofrida e por esses motivos os devotos acabam se identificando e tendo certa afinidade com ele. Conheci uma jovem de quinze anos grávida no cemitério, que tinha forte devoção com Edmundo, vejamos o seu depoimento:

*- Edmundo para mim é o meu “santinho” querido, é ele que me protege, é o meu padrinho, tudo o que sinto venho aqui falar para ele, quando estou triste venho chorar aqui no túmulo dele, saio daqui bem fortalecida. Minha mãe me falou que ela me apresentou para ele quando eu era bem menina e me disse, sempre que você necessitar de ajuda, peça ajuda de Edmundo que ele te atende. Às vezes brinco com ele, converso e ele me atende, é o meu santinho querido, o meu protetor (Depoimento de uma devota no dia de finados de 2017).*

É importante para o devoto conhecer a figura do santo, a personalidade que ele tem, muitos recorrem a Edmundo pedindo a ele ajuda para si, como também ajuda para outras pessoas, a ter uma personalidade mudada e transformada, vejamos outro depoimento que exemplifica o que estou falando. Conheci uma senhora que estava no cemitério acendendo velas para Edmundo, era uma senhora desconfiada, quase que não quis me contar nada sobre o que fazia ali. Mas com muita paciência que tive, ela resolveu me contar porque passara a ser devota de Edmundo:

*- Sofri muito com meu esposo, eu e minhas duas filhas, ele me batia muito e depois também batia nas minhas filhas, tinha um caráter muito difícil, era um homem estúpido, grosso, não me deixava sair, tudo ele desconfiava, me chamava de vagabunda, passamos assim muito tempo aguentando tudo isso. Ele tinha um caráter muito fechado, não falava direito com a gente e eu pensei várias vezes em deixar ele, mas pensava em minhas filhas que eram muito pequenas. Uma certa vez resolvi recorrer a Edmundo porque não sabia mais o que fazer, fui ao túmulo de Edmundo e comecei a conversar com ele, falando minha situação e disse a ele assim: Edmundo você foi alguém que sofreu muito quando estava vivo, passou fome na prisão, foi violentado, maltratado como eu estou sendo, foi rejeitado, tinha um caráter fechado também, se você mudar o meu marido que tem uma personalidade difícil, passo a Só alguém como Edmundo podia me ajudar, porque Edmundo sofreu muito e também tinha a personalidade fechada como meu marido, isso pelo menos é o que me disseram dele. Você acredita que meu esposo com o passar dos dias, mudou mesmo, Edmundo me atendeu e nunca mais me esqueci dele, sempre que posso venho ao cemitério na segunda, mais no dia dos finados não posso esquecer dele foi à promessa que prometi a ele. (Depoimento de uma devota no dia de finados de 2017).*

Vemos então que o sofrimento de Edmundo também é vinculado aos problemas atuais dos fiéis que se conectam a ele para buscar soluções para seus problemas, quando a senhora se referia a seu esposo que tinha a personalidade difícil, dizendo que o que ela tinha ouvido dizer que Edmundo também era um homem da personalidade reservada, isto é sempre mencionado e lembrado no momento da devoção, os devotos usam esses discursos para reforçarem os laços de afinidade que surgem entre o fiel e a coisa dita sagrada, fazendo Edmundo lembrar de que ele em vida tinha também a personalidade reservada e vivificando a autoridade que Edmundo tem como um santo. Neste caso, podemos afirmar com Soares (2007):

O santo também é um sofredor que passou privações em vida, foi um pecador e acabou por conseguir sua redenção no ato de sua morte, que, como acontece quase sempre, é um evento trágico. Em alguns casos, o fiel conheceu pessoalmente o santo aumentando a ligação entre eles (Soares, 2007, p.21).

Para conseguir entender esta devoção que se manifesta entre os devotos junto a Edmundo, tive que adentrar no mundo dos devotos, compreender essa manifestação que acontece e é vivenciada na morada dos mortos, o próprio cemitério. Foi lá que várias vezes identifiquei uma infinidade de devotos que tinham uma novidade para me revelar. O cemitério é este espaço no qual o sagrado a todo o momento está sendo evidenciado, cada gesto, cada olhar, cada pisada, cada simbologia, o tom de voz e entre outros, às vezes retratam a atmosfera sagrada e o espírito da formalidade que lá habita.

Eliade faz referência a essa compreensão e inserção do pesquisador em tentar compreender as atitudes do homem religioso, verifiquemos: “o único meio de compreender um universo mental alheio é situar-se dentro dele, no seu próprio centro, para alcançar, a partir daí, todos os valores que este universo comanda” (Eliade, 2010, p.135).

Os devotos fazem deste espaço sagrado que é o cemitério, o centro de seu universo religioso, não podem deixar de lá ir, porque é lá que os valores, os costumes, as crenças, os ritos são praticados e a comunicação com Edmundo e as almas fluem. Toda a segunda-feira não se pode deixar de ir ao cemitério, a sede por estar no coração do real por excelência é intenso, é essencial se constituir no espaço sagrado.

Como dissemos a capela ou o templo dedicado a Edmundo, que fora construído por um devoto é a capela mais visitada e lembrada dentro do cemitério, é a que eu poderia considerar a

mais iluminada, é lá também que o sagrado transcende, eu poderia considerar de acordo com Eliade a porta de entrada para o contato com o divino. A capela, o santuário, o túmulo ou o templo evidencia claramente a sua santidade ou demonstra a manifestação da hierofania que é reconhecida pelos devotos que insistentemente ressignificam o sagrado.

Eliade nos traz claramente explicações sobre o templo:

A estrutura cosmológica do templo permite uma nova valorização religiosa: lugar santo por excelência, casa dos deuses, o templo ressantifica continuamente o mundo, uma vez que o representa e o contém ao mesmo tempo. Definitivamente, é graças ao templo que o mundo é ressantificado na sua totalidade. Seja qual for seu grau de impureza, o mundo é continuamente purificado pela santidade dos santuários (*idem*, p.56).

Lembro-me perfeitamente quando observei que uma devota de Edmundo, ao adentrar na capela se ajoelhando perante o túmulo em sinal de reverência, tocava na capela para assimilar a santidade que paira sobre o lugar sagrado que é o túmulo. Neste dia que a vi no cemitério, ela contou-me que estava lá para rever Edmundo, se apresentou com uma devota muito receptiva, sorridente, e muito calorosa, me contou diligentemente sua experiência sobrenatural com Edmundo:

*- Eu conheci Edmundo, quando estava passando por uma situação difícil em minha vida, morava em Petrópolis, Peru, não tinha emprego e meu esposo era viciado em álcool, tinha muitas mulheres, eu sofria demais por causa disso, resolvi então vir a Benjamin visitar uma amiga, quando conheci uma mulher que me disse, Nilce porque você não vai ao túmulo de Edmundo, ele pode te ajudar a solucionar os teus problemas, vai lá e acende umas velas para ele. Eu tinha muita vontade de ter uma casa, mais não podia ter porque eu não tinha emprego e meu esposo era um beerrão, todo o dinheiro que pegava gastava em bebidas e mulheres, resolvi então procurar Edmundo, voltei para casa e numa tarde de segunda – feira, bem cedo peguei uma canoa porque não tinha dinheiro para pagar o barco e fui remando até chegar em Benjamin. Fui ao cemitério conversar com Edmundo, quando adentrei na capela, me ajoelhei, chorei tanto, lavei a minha alma, rezei como de costume, dialoguei e fiz os pedidos que foram: conseguir comprar uma casa, pedir a Edmundo para meu esposo deixar de beber, e deixar de me trair com outras mulheres e para ele também me ajudar conseguir um emprego. Passando os dias fiz esse trajeto de ir e voltar para Petrópolis de canoa durante algum tempo, passando o tempo, conseguir um trabalho, meu esposo foi parando de beber e mudar a relação dele comigo, percebi que as coisas começaram a mudar, de repente meu esposo foi convidado para trabalhar em Tefé e resolvemos se mudar para lá, fomos embora, quando chegamos lá menina, você nem acredita. Você acredita que conseguir comprar uma casa que é considerada a maior do bairro e é de três andares, fiz uma hospedaria que também é de três andares e atualmente tenho um atelier, tudo isso consegui graças ao santo Edmundo, devo tudo isso a ele. Com o passar dos tempos comecei a divulgar para as pessoas de Tefé sobre Edmundo, contei minha história para uma amiga que também queria ter condições de comprar uma casa, falei*

*para ela e pedi para ela acender velas para Edmundo. Pois você acredita que ela conseguiu comprar a casa dela também (Dado coletado no ano de 2016).*



*Figura 25 – Devota de Edmundo (fonte: Pietà Vieira, 2016).*

Então ela me contou toda a sua história e deixei-a rezar, conversar com Edmundo, revê-lo e cumprimentá-lo. Despedimo-nos e ela se foi. Inclusive ela pediu e faz questão em divulgar o seu nome em meu trabalho. Assim, o cemitério tem sido o ponto de encontro dos devotos, lá tenho conseguido identificar muitos devotos, que vivenciam semanalmente a sua fé. O cemitério para Calavia Sáez é: “um ponto de encontro geral, no qual não só se podem reconhecer espíritos

dotados de mediunidade como também espíritos enterrados, aqueles tão acrisolados na carne que não querem separar-se do corpo, apesar da corrupção” (Calavia Saéz, 1996, p.176).

Após essa inserção e experiência de campo, para elaboração desta dissertação, que se iniciou num primeiro momento na cidade de Benjamin Constant (Brasil), apresentarei agora alguns elementos novos a respeito da devoção marginalizada a Edmundo, elementos estes que ainda nunca haviam sido identificados, tais como o caso de uma peruana que se tornou devota de Edmundo. Foi muito comum eu ter sempre observado vários brasileiros benjaminenses no cemitério velho no dia dos finados e nas segundas-feiras. Durante toda a construção e análise no processo de pesquisa e observação no dia dos finados em vários anos seguidos e registrado por mim, nunca havia visto um “estrangeiro”, buscando auxílio no túmulo de Edmundo por meio da devoção a ele. Este fenômeno representa algo novo, pois, o mesmo pode estar indicando que a devoção a Edmundo já teria ultrapassado as fronteiras nacionais. Contudo, isso requer uma observação mais aprofundada, a qual não será feita no âmbito deste trabalho.

O caso de uma peruana encontrada no cemitério não se trata de algo excepcional, até porque ela reside em Benjamin Constant, é feirante e compartilha o espaço do mercado com vários outros brasileiros e peruanos, também israelitas e indígenas da etnia Tikuna.

É muito comum na cidade, e em vários bairros, você encontrar uma grande quantidade de residentes peruanos vivendo no Brasil, inclusive no bairro da Colônia, onde está situado o Cemitério São Francisco, mais conhecido como cemitério (velho), onde se realiza a devoção não reconhecida a Edmundo.

No dia de finados do ano de 2016, diante de um aglomerado de pessoas consegui conversar com ela por meio de seu esposo que é brasileiro. Ela estava muito agradecida e concentrada acendendo suas velas sobre o túmulo, a deixei terminar suas preces, orações para entrevistá-la, ela parecia muito agradecida e comovida. Por ser peruana, fiquei muito interessada em dialogar com ela. Iniciei a entrevista com ela perguntando o que ela fazia ali acendendo velas. Ela respondeu-me em portunhol, variante linguística muito comum em Benjamin Constant onde se percebe que muitos peruanos tentam falar o português do jeito deles. Tal fato pode estar revelando também que seria também uma tentativa de convencer os próprios brasileiros e as autoridades locais de que eles são ou podem “virar” brasileiros, para assim participarem de determinados programas sociais do governo e também para se livrarem de preconceitos que lhes são atribuídos pelos brasileiros de Benjamin Constant.

Na ocasião esta senhora peruana disse-me:

*- Patrona, estou agradecendo ao Senhor Edmundo, pelo que ele fez por mim e meus filhos. Há anos estoy tentando alcançar documentación brasileira para mis hijos, já tinha buscando a tudo, gastando até o que no tenia, pagando caro, trabalhando duro, para conseguir os documentos brasileiros para meus filhos. Estava a dois anos tentando isso, e meu esposo que é brasileiro e devoto de Edmundo me contou a história do Senhor Edmundo, sua historia de sufrimiento, foi quando resolvi buscar por ele e lhe fiz o pedido de ajuda, se ele me ajudasse pagaria com velas no dia dos finados em agradecimiento. E hoje estou a cá acendendo velas, porque em quinze dias que lhe pedi sua ajuda ele resolveu o problema de mis hijos. Ele é fuerte, bueno.*



Figura 26 - Senhora peruana agradecendo a Edmundo por ter conseguido a documentação brasileira para seus filhos (fonte: Pietà Vieira, 2017).

Depois disso fui conversar com o esposo dela, um senhor de aproximadamente 65 anos de idade, também feirante, possui banca de verduras, frutas e legumes no mercado municipal da cidade e ao entrevistá-lo lhe perguntei como ele conhecia a respeito de Edmundo e ele me respondeu:

*Faz anos que conheço a devoção a Edmundo, via o sofrimento da minha esposa em querer resolver o problema dos filhos dela com documentação brasileira, a gente sabe que não é fácil, tem tanto pilantra que tira, explora e engana esse pessoal que quer documentação brasileira. Ela, minha esposa, já tinha gastado tanto dinheiro e nada resolvia, ela queria documentação brasileira para os filhos dela, para conseguir o bolsa família, esse auxílio do governo para ajudar na nossa renda que é pouca. Disse prá ela, vai lá com Edmundo, ele vai te ajudar, ele é bom, tem muita gente que alcança graças com ele. Levei ela no cemitério numa segunda-feira, e por incrível que pareça em quinze dias saiu à documentação dos filhos dela, ela ficou tão feliz e hoje tá pagando a promessa, viemos acender as velas prometidas prá Edmundo. Faz tempo que eu sei disso e vejo muita gente agradecendo a ele e todo ano é assim (Dado coletado no ano de 2016).*

Como disse acima, foi o primeiro caso de devoção a Edmundo, por parte de um estrangeiro que observei no cemitério São Francisco, até então era mais notável a presença dos moradores da cidade, de outras cidades próximas e alguns até mesmo da capital, Manaus. Havia conseguido avistar muitos ribeirinhos das comunidades, mas peruanos visitando o túmulo de Edmundo, foi à primeira vez. A relação deles com os cemitérios benjaminenses se deve ao fato de que existe uma licença de sepultamento que a Prefeitura de Benjamin Constant concede para liberar o enterro de peruanos no cemitério novo. Segundo que alguns peruanos me disseram que esse procedimento não precisa ser pago, e isso foi confirmado por alguns funcionários da Prefeitura de Benjamin Constant, quando estive realizando campo. Mas outros peruanos queixam-se de que para a obtenção da licença de sepultamento é cobrada uma taxa no valor de trezentos reais, que isso estava sendo cobrado de forma ilegal.

Segundo Eliade:

O Homem ocidental moderno experimenta um certo mal-estar diante das inúmeras formas de manifestações do sagrado: é difícil para ele aceitar que, para certos seres humanos, o sagrado pode manifestar-se em pedras, ou árvores, por exemplo (Eliade, 2010, p.18).

Para o autor o homem começa a acreditar no sagrado, quando este sagrado se manifesta e o homem sabe discernir o sagrado do profano (Eliade, 2010, p.17). A partir deste pensamento o homem passa a ter idéia do sentido da religião e considera alguns aspectos que poderíamos chamar de religioso. Portanto, a crença em Edmundo a respeito de sua memória ou o fenômeno religioso manifesto pelas pessoas é transmitida visivelmente no cemitério e, como dissemos, já existe há 60 anos, desde a sua morte. Pensando nesse sentido, sobre a religiosidade das pessoas numa localidade como Benjamin Constant, onde a Igreja Católica ainda exerce uma autoridade religiosa importante e arrasta milhares de pessoas, principalmente nos dias em que se têm procissões e festas religiosas dos santos institucionalizados, Edmundo é lembrado e reconhecido predominantemente, por devotos católicos e sua devoção acontece e se manifesta no cemitério. Podemos dizer que ele é visto como um “santo de cemitério” e sua devoção está no campo das devoções marginais. Porém, a manifestação da religiosidade e da devoção acontece por várias performances e pode existir dentro e fora de qualquer espaço e tempo.

## Capítulo 3: Edmundo “Pé de Ferro”: De assassino a “santo”

### 3.1. Um arigó vira “santo”

O termo arigó apareceu na pesquisa pela primeira vez no relato de uma senhora que considerei como a 7<sup>a</sup>. narradora. Para a minha surpresa a conheci no dia de finados, quando ela me falou, que Edmundo era um arigó. *“Edmundo minha filha era arigó”*, igual meu pai que tinha chegado à cidade de Benjamin Constant junto com outros arigós. Edmundo teria vindo para o Amazonas, junto com o pai dela. Essa expressão foi muito utilizada inicialmente para se referir aos migrantes que vieram do Nordeste e se fixaram em diferentes regiões da Amazônia. Este termo despertou em mim o interesse em descobrir se todos veem a imagem de Edmundo como de um arigó, lembrando que isso foi dito pela mulher que era filha do suposto amigo de Edmundo. Esta senhora que possui aproximadamente seus 75 anos de idade, relatou-me que era muito criança quando conheceu Edmundo, não se lembra de muitos fatos sobre a vida de dele, só sabe dizer que seu pai e Edmundo chegaram juntos em Benjamin Constant. A senhora exclamou dizendo: *“Meu pai era arigó, Edmundo também, minha filha. Os arigós são todos aqueles que chegam do Nordeste, muitos são do Ceará, são de cor clara, alguns tem olhos clarinhos, tem cabelo como de sarará, cabeça chata”* (Depoimentos que se ouve a respeito dos arigós em Benjamin Constant).

A definição do termo arigó baseado no depoimento da 7<sup>a</sup>. narradora que entrevistei deve ser confrontada com a percepção socioantropológica apresentada por Benchimol (2009), Roberto Cardoso de Oliveira (2002). Pelo que pude coletar em dados bibliográficos, trechos do livro de Cardoso de Oliveira, demonstram que os arigós, eram muito discriminados, serviam como mão de obra barata, são típicos do Nordeste, chamados depreciativamente, como disse a senhora narradora, cabeças-chatas. Verifiquemos em uma passagem do livro de Cardoso de Oliveira, quando se refere aos arigós:

Muitos deles nordestinos, trânsfugas do antigo exército da borracha, ao tempo da Segunda Guerra Mundial, são mãos de obra barata para os patrões colombianos, que os chamam de “arigó” ou “cabeça-chata” e os discriminavam abertamente. Constituem mão de obra barata para a extração da sorva (Cardoso de Oliveira, 2002, pp. 278 – 279).

Quando relaciono este termo a Edmundo, é que de fato os interlocutores dizem que realmente ele era do Nordeste, seu trabalho era independente, porque consertava motor de popa HP 10-12. Edmundo também era um bom consertador de relógios, fazia isso para sobreviver em Benjamin Constant, não possuía outro emprego a não ser de mecânico e seria esse motivo que nos leva a acreditar que Edmundo teve que fazer um esforço tremendo para poder se fixar numa região tão longínqua do Amazonas. Vejamos a citação de Benchimol sobre os cearenses que se fixaram na Amazônia:

O migrante cearense e nordestino percorreu na Amazônia um longo caminho de sofrimento, sacrifício e muito trabalho para, ao final, chegar à ascensão e classificação econômica, social e política. O flagelado, retirante, brabo, comboieiro, mateiro e seringueiro na sua primeira fase (Benchimol, 2009, p.156).

O autor nos apresenta outras características de como estes arigós eram vistos e representados na sociedade Amazônica:

Na década dos anos 40 e 50, no tempo dos soldados da borracha, eles eram chamados de “arigós”, aves de arribação, santo-desordeiro-milagroso e valentão, apelidos e caricaturas que figuravam nas crônicas sociais da época. Apesar da penúria e da extrema dificuldade de vida, mesmo assim, os descendentes daqueles pioneiros nordestinos partiram em busca de empregos ou inventaram estratégias de sobrevivência como trabalhadores avulsos, camelôs, vendedores ambulantes, autônomos, biscateiros, donos de biroscas e bancas de feiras (*idem* p.158).

Como já mencionei não se sabe exatamente dizer o que Edmundo viera fazer em Benjamin Constant, pois muitas informações são desconstruídas, mas os depoimentos que se ouve são suposições de sua curta estadia em Benjamin antes de sua morte. Durante as leituras dos livros de Benchimol e Roberto Cardoso de Oliveira cheguei a imaginar que talvez Edmundo tenha vindo para cá na tentativa de dias melhores, pois os autores nos apresentam um panorama bem detalhado do contexto amazônico e dessa inserção do nordestino e outros, num mundo bem diferente no qual eles estavam inseridos, atraídos então, pela ilusão da riqueza nos seringais.

Muitos destes nordestinos chegaram à pequena vila de Benjamin Constant, para se aventurar, trabalhar ou ganhar a vida por aqui, como reiterou a sétima narradora que em seu

relato disse: “*meu pai era arigó e Edmundo também*”, pois ela foi muito enfática em falar várias vezes esta afirmação. Este depoimento para mim se tornou um dado importante e intrigante desde o momento em que comecei a tecer algumas relações com a memória de Edmundo. Foi como uma espécie de quebra-cabeça, e fui tentando montar aos poucos as informações orais colhidas ao longo do tempo, relacionando-as com as referências bibliográficas.

Estas informações possuem uma força reveladora, são capazes de descrever a identidade pessoal, o comportamento social da época, os conflitos coletivos dos indivíduos, as diferentes maneiras de convivência, de ser, de ver o mundo do seringal na época em que se deu esta fase histórica abordada pelos autores que foram selecionados para fundamentar esta dissertação. Permite-nos mergulhar na história do lugar, conhecer os comportamentos sociais, religiosos, econômicos que se passava numa vila pequena como Benjamin Constant, como por exemplo, a dominação a que muitos estavam submetidos.

Depoimentos, vivências, lembranças assim é que tem me ajudado a conseguir entender o contexto social, político, econômico no qual Edmundo, Nicanor e a pequena vila benjaminense viviam em plena febre e início da decadência da seringa. Pois quando ouvi à senhora dizer, ele era “arigó”, fiquei então imaginando o que ele veio fazer aqui. Possivelmente como ele também era um bom ferreiro, segundo informações, deve ter sobrevivido com esta habilidade na Amazônia. Vejamos uma citação que Benchimol apresenta em seu texto sobre as habilidades que estes arigós desenvolviam e sua aptidão para o trabalho:

Em 1854, o presidente-conselheiro Herculano Ferreira Pena, da Província do Amazonas, declarou: - Afirmam-me algumas pessoas que em certas províncias, e principalmente no Ceará, não faltarão, carpinteiros, pedreiros e ferreiros nacionais que queiram vir residir, como já vieram alguns para a capital do Pará. (Fala dirigida a Assembleia Legislativa Provincial do Amazonas em 1-8-1854, 278, vol. Relatório da Presidência da Província) (*idem*, p. 202).

A fala do presidente da província do Amazonas sinaliza algumas possibilidades sobre como arigós sobreviveram em plena região amazônica, nos revela a aptidão profissional a qual eles se dedicavam, sua forma de se estabelecerem em uma região amazônica e como foram atraídos. Edmundo era ferreiro, isso é revelado nos depoimentos, era um bom ferreiro, que teria feito o seu pé em ferro, isso pelo menos demonstra boa habilidade em manusear o ferro.

Gostaria de destacar um depoimento, coletado durante a pesquisa, vejamos: Ouvi um senhor afirmar categoricamente, que “*Edmundo era um homem de um coração muito ‘duro’*, não

*era coisa boa, coisa nenhuma*”. Geralmente notamos que em determinados lugares da Amazônia, toda pessoa que vem de outra região, sofre certa rejeição da parte dos “nativos”. Por Edmundo ser considerado um forasteiro, expressão usada por um interlocutor, deveria ter passado por alguns constrangimentos na pequena vila de Benjamin, sendo que todos aqueles que pertenciam à outra região eram reconhecidos por todos, pelo seu sotaque, habilidades, artimanhas, características físicas, culturais, jeito de se manifestar nas características comportamentais que podiam ser produzidas de acordo com o contexto de origem no qual estes indivíduos estavam inseridos. A impressão reveladora que se tem deste depoimento é que todo aquele que vem de fora é visto como “bandido”, passando a ser estigmatizado pelos que são de dentro.

Como já foi citado no texto, o mundo do seringal fora marcado por homens muito influentes que detinham um poder muito elevado e marcante. Marcante no sentido de que estes homens exploraram e escravizaram muitos, que de igual modo construíram e fizeram parte da história desta região e que hoje foram e continuam sendo esquecidos pelo tempo. O que nos faz lembrar ainda são estes homens que por aqui ainda vivem sendo reconhecidos por poucos como soldados da borracha, em seus corpos estão registradas as marcas da dor, da labuta, do suor cansado de seus rostos, as mãos calejadas do trabalho e suas lembranças marcadas pelo tempo. Pude constatar isto quando tive a oportunidade de adentrar aos conhecidos rios e terras dos seringais onde tudo isto ocorreu, lá ainda estão registradas as marcas da era da seringa nas grandes árvores que resistem ao tempo, lá estão às marcas dos cortes.

Diante do contato face a face com narradores, interlocutores e também devotos, tentei construir reflexões embasadas encima do que eles me diziam, elaborando idéias que me aproximasse de suas lembranças, lapsos de memórias, experiências com o a idéia do sagrado, refiro-me aos devotos, experiências de vidas, e também construção social do imaginário social e religioso que se tem a respeito de Edmundo.

Pelo fato de Edmundo saber que a família de Nicanor era muito poderosa e influente, pois chegavam boatos de que se alguém tocasse em algum parente seu, ele mandaria eliminá-lo, Edmundo então poderia considerar que se tratava de algo perigoso e ameaçador, que tinha que se proteger. Ainda mais numa vila tão pequena aonde os boatos chegavam muito rápido, e as pessoas eram muito próximas às famílias tradicionais. Ele jamais encontraria apoio neles e por este motivo precisava também se defender.

Constatamos, então, que geralmente as pessoas associavam a pessoa de Edmundo como alguém que possuía uma personalidade diferente por ele ser um forasteiro. Como disse o senhor que conheci durante a pesquisa. *“Ele não tinha um coração bom”*, querendo afirmar que Edmundo não tinha medo e que podia também ter feito o que fez, e só quem pode ser bom, talvez sejam aqueles que se calam ou cedem diante de um sistema local que submete, oprime as pessoas.

Penso que pelo fato de Edmundo ser de fora ou por ser nordestino, era visto como alguém que *“Tinha o sangue quente, e era um homem de pulso”*, como revela a fala de um interlocutor. Edmundo fizera parte de um contexto amazônico que ele presenciou e viveu, ele sabia que para se dar bem sozinho numa região como esta precisava ser valente, ainda mais sabendo que tinha que conviver com homens de famílias de seringalistas fortes e poderosos, e como todo nordestino era visto como arigó precisava ser audacioso e ser um *“cabra da peste”*.

Relaciono estes depoimentos com o que Benchimol (2009) apresenta das características de um arigó ou nordestino: os arigós são valentões, brigalhões, sangue quente, não levam desaforo para casa e são muito decididos do que eles querem. Um dos meus interlocutores disse-me que várias vezes o viram, amolando a chave de fenda com a qual havia matado Nicanor. *“Perguntei várias vezes a Edmundo, o que ele estava fazendo. E ele respondia: - ‘vou cometer uma besteira com um cabra aí’”*.

Isso nos leva a supor que Edmundo era um homem de personalidade muito forte, decidido e muito corajoso, quando foi dito que ele era um homem de coração duro, era simplesmente pelo fato de acreditarmos que Edmundo fazia justiça com suas próprias mãos, já que naquele tempo quem fazia a lei na pequena vila de Benjamin era quem tinha poder. Muitos interlocutores até comentaram que gostaram de Edmundo ter assassinado Nicanor, seria uma maneira de protestar contra a maldade que o seu cunhado exercia na cidade. Vejamos o depoimento de outro interlocutor que descobri durante a pesquisa por indicação de outros interlocutores: *“Só alguém com tamanha valentia, pra ter tanta coragem de mexer com alguém da família do senhor Barbosa”*.

Benchimol afirma que os arigós possuem um estado de heroísmo bravo e guerreiro. Segundo o autor: *“arigó é um homem marcado (...) Para ser arigó nesta terra é preciso ser cabra e resolvido, senão acabam dando na cara dele”* (Benchimol, 2009, p. 200). Isto demonstra que para ser arigó na *“terra dos outros”*, tem que ter muita coragem e ser *“peitudo”*.

O ser marcado caracteriza a marca desta personalidade forte, o seu pé que era de ferro o identificava como um homem forte fisicamente, psicologicamente, principalmente porque para sobreviver na Amazônia tinha que ser destemido. Tinha que estar preparado para enfrentar a realidade de viver e trabalhar, principalmente porque ele estava numa região onde o sistema seringalista era muito dominante e presente. Edmundo teria desafiado uma estrutura de poder dominante que existia na pequena vila de Benjamin, enfrentou delegados, seringalistas considerados muito influentes política e economicamente, talvez realizando o desejo de uma população que era dominada e manipulada pelo sistema político existente.

Benchimol apresenta fichas de registros policiais das décadas de 30, 40 e 50 do século XX, da valentia desses arigós migrantes como maneira de resistência a opressão da qual eles eram obrigados a se proteger, criando uma couraça psicológica de valentões que eles tinham que ter para se proteger em diversos aspectos quando chegaram a Amazônia. Vejamos: A versão desordeira e policial.

Os jornais de Manaus - Diário da tarde e o jornal - nos anos de 1943 e 1944 publicavam na coluna policial um rico e extenso noticiário sobre os arigós, de forma preconceituosa, humorística e jocosa. Este material - que em parte vai a seguir transcrito tem um grande significado sociológico, pois demonstra o estado de espírito daquela pacata e decadente cidade que, então, tinha 110.000 habitantes, que se viu invadida e perturbada pelo ingresso dos novos migrantes. De outro lado, revela a revolta e o desespero desses recém-chegados que procuravam afogar a mágoa, frustração e desespero na bebida e nas frequentes brigas e conflitos com a população dos bairros (*idem*, pp. 171).

Dos muitos registros transcritos por Benchimol, apenas como ilustração cito apenas três deles:

1. Não tem casa, não tem ofício, e a Rua é o Teatro de sua Valentia: Geraldo Martins, filho de Manoel Martins, cearense, de 26 anos, solteiro, sem residência e sem profissão, foi preso ontem, e recolhido ao xadrez por ter praticado desordem na via pública.

2. Apareça um que queira emprestar Dinheiro: Francisco Mendes Filho, filho de Francisco Mendes da Silva, cearense, com 24 anos de idade, solteiro, padeiro, por ter bebido mais um pouquinho, está desde ontem no xadrez amassando o pão que o dia amargou no inferno, sem esperança de salvação, pois se encontra mais liso que sabonete, não tendo os cruzeiros para a carceragem.

3. Assassino a Bordo do “Belo Horizonte”: foi recolhido ontem ao xadrez da Central de Polícia, Francisco Cândido da Silva, filho de João Cândido da Silva, com 23 anos de idade, solteiro, rio-grandense-do norte, soldado da borracha, por ter assassinado, a bordo do vapor Belo Horizonte, do SNAPP, procedente dos rios Purús e Acre, um seu

companheiro conhecido pela alcunha de “Paraíba”. Segundo soubemos, a arma homicida foi uma faca americana. O nome do Paraíba era José de Santana de Melo (*idem*).

Percebemos então como são atribuídas determinadas características aos arigós, aguerridos ao sofrimento em terras de outrem, precisavam estar preparados para enfrentar as mais difíceis situações. Estes eram vistos como bandidos sofriam muitos preconceitos e serviam para todo o tipo de trabalho. Para enriquecer, precisavam passar pelos piores sofrimentos para chegarem a uma posição mais elevada, era muito difícil eles retornarem a sua pátria, a maioria deles morreram por aqui mesmo.

Benchimol nos leva a entender que “‘arigó’, virou sinônimo de desordeiro, valentão, ‘cabra ruim’, vagabundo, que as crônicas policiais registram diariamente as suas ocorrências. Sem residência fixa, sem profissão e sem destino certo” (*idem*, p.193).

Edmundo, segundo os depoimentos tanto de amigos, defensores quanto de alguns detratores foi assim, guerreiro, valente até a morte, reconhecido posteriormente por muitos, como “santo Edmundo”, alma protetora, querido por muitos devotos que conheci. Sua história daria até como disse Benchimol (2009), ao se referir aos arigós, “antologias de tipos humanos a revelar diferentes estados d’alma” de devotos que lhe querem muito bem num mundo sobrenatural, devotos que lhe reverenciam flores e depositam toda a sua fé num santo que talvez possamos considerar um “santo arigó” para aqueles que são considerados seus devotos.

Ao falar de arigó mais uma vez, Benchimol faz menção sobre características que se referiam aos arigós e tudo aquilo que causavam medo, temor, lhe causava uma espécie de respeito, gerando na mentalidade das pessoas que o “arigó é um santo danado de desordeiro” (*idem*, p.191). Esta citação de Benchimol me lembra das várias práticas devocionais dos próprios devotos ao se referirem a Edmundo, quando necessariamente eles querem alguma coisa do tipo parecido com ajuda espiritual ou alcance de algum pedido. Eles acreditam que Edmundo está realmente em toda parte, por isso quando não vão ao cemitério, eles costumam acender as velas para ele no quintal atrás de suas casas, na beira do rio, no cruzeiro ou em qualquer lugar que estejam naquele momento. Tudo isso ocorre em forma de gratidão e respeito pela imagem que se tem construída em cima da memória e da devoção a Edmundo. Como se realmente tudo que eles conseguem fosse através do santo arigó, ou tudo que acontece fosse por intermédio dele.

Certa vez, numa segunda-feira no cemitério, ouvi uma devota que estava acendendo velas para Edmundo no cemitério falar assim: *“Tudo que eu peço ao seu Edmundo, ele me ajuda, nunca me deixou na mão, tudo isso que consegui foi por intermédio dele”* (Depoimento coletado em 2016).

“Arigó, santo do céu, bicho que faz milagre, santo desordeiro e valentão, protetor das mulheres e dos lares” (*idem*, p.191). Nesta citação de Benchimol, lembrei-me das diversas vezes que estive no cemitério em anos anteriores quando dei início a esta pesquisa e posteriores (2016 e 2017) quando presenciei várias mulheres que recorriam ao túmulo de Edmundo em forma de gratidão, acedendo-lhe velas. Mulheres que tinham conseguido graças de terem seus esposos libertos do álcool, das traições, das drogas ou por algum conflito no lar. Estas mulheres também acreditam que tudo isso se deve ao “Santo Edmundo”. Uma delas disse-me assim: *“Edmundo foi um homem que em vida foi valente, matô sim, sabemos disso, mas quem não peca, todo mundo erra, todo mundo é ser humano, mas Deus perdoou ele, ele tá com Deus. Quem mandou o Nicanor enganar ele, ele fez justiça com as próprias mãos”*.

Muitas destas mulheres demonstravam discrição e timidez ao me revelar que eram maltratadas por seus esposos, que sofriam violência doméstica, tive que ter muita sutileza, perspicácia para poder conseguir adentrar na intimidade delas, acreditando na grande maioria das vezes que isso era incomodo para elas e para mim. Com algumas, os diálogos foram fáceis, com muita paciência conseguia adentrar um pouco nos seus mundos, sempre lhes pedindo permissão. Penso que esta timidez ou receio surgia do fato de que elas vivem de certa aparência, na sociedade, transmitem estarem felizes, para que ninguém saiba que muitas delas são maltratadas. Muitas delas acreditam terem conseguido reverter esta situação de violência doméstica por meio da fé e da devoção a Edmundo, como argumentavam algumas delas.

Estes depoimentos revelam uma devoção que pode estar ligada à idéia de sofrimento e martírio que o próprio Edmundo passou no final de sua vida. As pessoas acreditam que o seu sofrimento fizera dele uma alma boa que está com Deus, que tudo que ele passou na cadeia o tornara um “santo”. O sofrimento dele faz com que muitas pessoas acreditem na idéia de que ele irá socorrê-las pelo fato de que em vida ele foi alguém que sofreu muito e intercede por aqueles que também sofrem e que necessitam de ajuda. A palavra “santo” para muitos devotos é mencionada com muita frequência. Afirmam que ele é santo ou que virou santo, ouvi estas afirmações por diversas vezes na pesquisa.

Segundo Freitas,

O operador da passagem de uma identidade criminosa a outra santa, parece ser a dor, e o sofrimento. Aqui recorro a uma expressão empregada por Françoise Héretier, 1995, a propósito dos rituais de iniciação: a dor é construtora. Nesses rituais, é preciso sofrer para que se efetue a passagem, para que por meio dele tenha lugar à transformação esperada (Freitas, 2000, p. 196).

Na mentalidade dos devotos, o sofrimento de Edmundo é o que o leva ao ápice no plano espiritual e ao processo de sua santidade, a tortura no seu corpo, a morte lenta, gradual, faz gerar no imaginário religioso dos devotos que ele é santo e faz milagres, um santo fora dos patamares da Igreja oficial. Edmundo é santo e milagreiro, e isso é indiscutível para seus devotos, não importando para eles saber que em vida fora um assassino, mas para eles o mais importante é que ele faz milagres. Os devotos são na verdade responsáveis por esta construção social, e isto é algo que emerge do coletivo, por que é ele que o legitima.

Segundo o antropólogo Soares, o santo pode ser entendido como resultado das idealizações populares. Afirmo o autor que: “O santo também é um sofredor que passou privações em vida, foi um pecador e acabou por conseguir sua redenção no ato de sua morte, que quase sempre é um evento trágico” (Soares, 2007, p. 21).

Freitas apresenta casos como os de “Baracho” e “Jararaca” que ela pesquisou no nordeste brasileiro. A autora define estes como santos *precários, incompletos*, muito de seus fiéis os veem como seus próximos não somente porque sofreram nesse mundo, mas porque sofrem mesmo agora; eles não são os puros, os salvos. E, mais importante segundo ela, esses fiéis veem para si mesmos um papel de completá-los. Do mesmo modo que a autora, na minha concepção, penso que Edmundo também se enquadra nessa definição.

Mafra (1997), baseada no texto de Pais (1994), afirma que no catolicismo popular brasileiro é quase rotineiro, se não fosse milagroso, que pessoas com trajetórias inusitadas – são prostitutas, videntes, suicidas, amantes, revolucionárias – passem a receber flores e velas nos seus sepulcros depois de mortas, tornando-se centros de romaria, consagradas assim, pela devoção popular, como mediadores com o transcendente. Foi exatamente o que aconteceu com Edmundo, depois de sua morte ele passou a ser lembrado e visto como santo.

Edmundo por sua vez, não deixara nada em Benjamin, nem documentos foram encontrados, mas no imaginário social se perpetua a mística em torno de seu nome e de sua rápida passagem pela cidade. Segundo boatos de interlocutores:

*Nesta época tinha um bando de moleques que toda tarde brincavam debaixo da ponte, eles percebiam que toda a tarde existia um pássaro que ia cantar lá naquele mesmo lugar. Até que certa vez resolveram cavar um buraco onde o pássaro cantava, e encontraram um pé que era de ferro e disseram que era de Edmundo (Informações coletadas em rodas de conversas em alguns momentos na casa de interlocutores).*

Depois surgiram outras histórias que se faziam acerca da memória de Edmundo. Vejamos outra: *“Outras pessoas descobriam que o pé de Edmundo estava enterrado debaixo da casa da família que mandou executar Edmundo, depois de alguns anos acharam o tão famoso pé”* (Depoimentos de vários interlocutores ao longo da pesquisa, diário de campo, 2016 a 2017). Como estamos lidando com a oralidade, as versões do fato ganham sempre novas leituras e significados.

Parece que a morte trágica de Edmundo é que fundamenta a nova identidade que lhe é atribuída, a saber, de assassino a santo, da transgressão à transcendência. A partir de sua morte, novas características vão sendo construídas pelos devotos, novas interpretações vão surgindo a respeito de sua imagem. Os devotos imaginam que no plano espiritual Edmundo vai ganhando uma nova identidade, devido ao seu sofrimento terreno.

### 3.2. Práticas Devocionais no contexto da Modernidade

Neste capítulo refletiremos sobre a crença em Edmundo no contexto da modernidade, a partir das margens e num contexto sócio-histórico particular: o amazônico. Ênfase especial será dada a análise da produção de discursos em meio a práticas sociais, envolvendo processos de subjetivação. Para isso, trabalharei com as idéias de alguns autores que têm relação com o tema desta dissertação.

De início tentamos traçar um panorama do campo religioso na atualidade Em Benjamin Constant, sobretudo católico e evangélico, sem deixar de mencionar outros grupos religiosos de menor expressão no município. Em Benjamin Constant, sobretudo em ano eleitoral,

presenciamos durante a pesquisa de campo, o envolvimento de líderes religiosos na política partidária local, a militância de religiosos para a formação de quadros políticos nas esferas municipal, estadual e nacional.

Missionários de várias denominações religiosas ou não, também assumem papéis na execução de políticas públicas patrocinadas pelo Estado, ou na ausência ou omissão governamental, de forma autônoma. Nestes casos há um embricamento entre religião e política, uma reforçando a outra. A política, assim, traduz-se na presença de expressões religiosas em espaços públicos, incluindo aí as procissões, caminhadas e marchas promovidas pelas igrejas locais. Entretanto, às formas pelas quais podemos pensar a relação entre religião e política na contemporaneidade não é o foco desta dissertação.

Este capítulo pretende discutir não necessariamente sobre a religião do ponto de vista institucional, mas compreender como se manifesta ou se produz determinadas práticas religiosas que não são instituídas e nem reconhecidas pela Igreja Católica.

Existem variadas formas de crer ou não crer. Neste sentido para melhor reflexão do conteúdo começaremos com o texto de Giumbelli, que problematiza a noção de crença na modernidade, seguido de outros trabalhos tais como o de Brandão, Calavia Saéz, Karnal e Fernandes entre outros, os quais iluminarão as reflexões que se pretende nesta dissertação, isto é, compreender a religiosidade de um determinado grupo de devotos emergentes na modernidade.

### 3.2.1. Religião e sociedade na modernidade

Ao estabelecer uma relação entre religião e modernidade, Giumbelli (2011), afirma que na noção de crença se articulam liberdade e sujeição de um coletivo ou de um sujeito, onde a liberdade é concebida ao mesmo tempo como imanente e transcendente. Nas palavras do autor “crença tanto serve a definição moderna do religioso quanto permite entender certas características do modo como a modernidade concebe o social” (Giumbelli, 2011, p. 328-329). Nesse sentido a crença em Edmundo representa a liberdade religiosa típica da modernidade, porém, às vezes, é limitada pelas regras sociais quando opiniões negativas alusivas à determinada crença atingem a comunidade que a representa, como é o caso da blasfêmia.

Tomando como um exemplo o universo religioso brasileiro, Brandão (2004) elabora uma reflexão a respeito do que parece acontecer entre os sistemas culturais de sentido, mostrando a configuração das alternativas religiosas no Brasil. Para o autor, atualmente há uma tendência à organização de encontros nos quais participam pessoas e grupos de sistemas de sentidos os mais diversos e até então distantes entre si. Eventos nos quais “Algo como se uma vocação ecumênica de partilha ritual de momentos devotados a um sagrado generosamente polissêmico fosse alargada ao máximo de suas fronteiras” (Brandão, 2004, p. 262-263). Nesse mundo das “invenções culturais do sagrado” se aproximam campos de vocação tradicionalmente em conflito.

É como se estes atores do sagrado legítimo, emergente ou impuro, sempre em luta uns contra os outros, segundo Max Weber, pelos direitos de posse e uso do capital de sentido com valor de fé, recomeçassem a estabelecer, pelo menos em recantos menos ortodoxos da praça social das crenças, um estranho acordo de paz. Pelo menos “ali” e pelo menos “por agora” (Brandão, 2004, p. 263).

A devoção a Edmundo está restrita ao âmbito local e mescla-se com elementos da vida cotidiana dos devotos. Ela parece representar uma variação de culto e de práticas as quais não podemos chamar de religiosas no sentido de uma religião formalmente instituída. Parte do princípio da comunicação e da troca entre o humano e o divino, por meio da mediação do santo. A devoção a Edmundo é também de cunho “popular” e transmitida por meio da oralidade cuja fonte é a memória dos interlocutores locais.

Ao falar sobre a atual diversidade no interior de algumas e entre as religiões, Brandão afirma que “existem derivações, divergências, novas experiências pessoais e coletivas de lidar com o sagrado e tornar uma experiência de sentido, tornada uma fé partilhada como uma crença, em uma religião em que elas acabam se configurando culturalmente” (Brandão, 2004, p. 267). Nesse sentido a devoção a Edmundo talvez possa ser considerada um entre os vários modos diferentes de “ser católico” na modernidade.

Para Brandão convivemos na atualidade com vários estilos culturais de “ser católico”. Para ele o catolicismo popular possui relativa autonomia frente à Igreja a qual essa corrente religiosa se identifica,

Mesmo no interior de um catolicismo mais canônico, praticado em linha direta de relação com o corpo sacerdotal, subsistem modalidades de tendências não raro de difícil integração no *corpus* de doutrina, gestos e ritos de uma mesma religião e de uma mesma igreja. Olhado de perto, isto a que damos o nome de *catolicismo popular* possui tantos

matizes quantas são as culturas em que vivem as suas pessoas reais (Brandão, 2004, p. 268).

O sentido da experiência religiosa dos devotos de Edmundo diz respeito às transformações no mundo religioso no Brasil na contemporaneidade, as diferenciações no interior do catolicismo, de modo a permitir ao fiel, várias alternativas de práticas do catolicismo e de interpretação do significado da crença e do sentido do sagrado.

Os devotos de Edmundo optam por relacionar-se com ele, de acordo com a lógica pessoal de suas próprias necessidades, sua realização subjetiva. Um direito prática religiosa individual, desde a perspectiva do ator social, mais do que da instituição religiosa. Em busca da felicidade cotidiana procuram em Edmundo a solução de suas aflições pessoais.

A devoção a Edmundo revela algo sobre a capacidade intelectual e abre perspectivas teóricas sobre a lógica do grupo implícita nessa devoção de caráter popular. Nesta dissertação enfatizamos o elemento político, econômico e cultural do processo histórico e como os devotos percebem os conflitos que os envolvem, bem como as maneiras pelas quais, por meio da crença em Edmundo, os levam a elaborar na dimensão religiosa seus dilemas sociais. Tratamos de estabelecer uma interface entre religião e sociedade num sentido amplo, às conexões entre transformações sociais e transformações simbólicas.

A devoção a Edmundo não pode ser vista num sentido estritamente religioso, pois ela responde a problemas sociais e políticos de outra ordem, decorrentes da experiência de desigualdade, exploração capitalista, baixo poder aquisitivo e carências de várias ordens que os devotos de Edmundo enfrentam enquanto residentes no município de Benjamin Constant, que apresenta um IDH baixo. Aparece então como mecanismo de inversão da situação: do plano horizontal/social marcado por um contexto público de acesso e participação desigual para o plano vertical/sobrenatural de relações simétricas com “Santo Edmundo”.

Nesse trabalho tratamos os devotos de Edmundo não apenas enquanto sujeitos, mas também enquanto agentes de produção de bens simbólicos. Constatamos que esses devotos procuram os serviços de Edmundo de maneira esporádica e ditada por necessidades pessoais de momento. Essa barganha com o santo serve aos interesses materiais e “espirituais” dos devotos e parece ser percebida por eles como uma fonte “eterna” de ajuda ao mesmo tempo em que exige

dos mesmos uma fidelidade relativa para com Edmundo, merecimento por parte do devoto para que o santo possa operar o milagre.

Nesse processo a ideologia religiosa da Igreja, principalmente a católica, é trabalhada pelos devotos por meio de um conjunto de rituais que, segundo eles, garantem eficácia da crença em Edmundo. Ou seja, o devoto se apropria dos símbolos “tradicionais” do sagrado para dar sentido a sua devoção. Como afirma Maués (1981), ao mencionar o processo de popularização da religião, trabalhado por Brandão (1980): “De um lado, o povo marginalizou a doutrina canônica que nunca conseguiu aprender e seguir totalmente, o mesmo de certo modo fazendo com o aspecto sacramental e, de outro, criativamente, reelaborou um rico repertório de práticas devocionais, fundamentado num fértil imaginário mítico” (Maués, 1981, p. 308).

A relação com o catolicismo, muito mais do que representar um pertencimento institucional, serve para abrir caminhos que se apresentam como alternativas a ortodoxia católica. Os devotos de Edmundo praticam ritos e mantêm crenças e concepções independentemente da existência formal de um coletivo que possamos a chamar de religioso. Mesmo considerando o fenômeno estudado como uma devoção popular com traços católicos e com forte presença em todas as regiões do país, estes devotos gozam de certa autonomia, ou seja, o valor simbólico da devoção não prescinde do reconhecimento estatal ou eclesiástico. Entretanto, o uso dos termos “devoção marginal” e “devoção popular” revela a existência de um parâmetro para se definir a devoção a Edmundo: a Igreja Católica e o não reconhecimento desta devoção por parte desta igreja, mesmo que esta muitas vezes esta se alimente daquela.

### 3.2.2. Edmundo: um santo forte

*“Ele é santo. Edmundo é um santo forte e poderoso”*, assim os devotos de Edmundo o veem e o reconhecem. Frases e relatos assim são muito frequentes no ritual da segunda-feira e no dia dos finados. Edmundo é um santo considerado forte e um santo local, nem mesmo reconhecido pelas igrejas de Benjamin Constant. “Santo forte remete a um vínculo entre mim e o santo, entre este ser de carne e osso que sou e aquele outro de pura luz. O Santo é repleto de graças e eu, humano, carente delas” (Karnal e Fernandes, 2017, p. 11).

Diante de um pluralismo religioso que ganha forma e se dinamiza em Benjamin Constant – AM a devoção a Edmundo tem sido uma possibilidade de crenças, práticas neste contexto amazônico e fronteiriço. Os devotos de Edmundo santificam o espaço do cemitério, de seu túmulo, agradecendo com velas, orações e flores e demarcando esse espaço como sagrado.

As incertezas, o medo, o desamparo, as dores e as crises das institucionalidades e a emergência delas na modernidade, surgem em meio a elas devoções como a de Edmundo que segundo preceitos da Igreja está à revelia do catolicismo local. Os devotos destes santos que são considerados com santos fortes pelo povo não se preocupam com teologias bem elaboradas em gabinetes e bibliotecas. Para Karnal e Fernandes (2017) no mundo dos devotos não existem sutilezas conceituais da latria (adoração devida a Deus), dulia (veneração aos santos) e hiperdulia (dedicado a Virgem Maria). Para estes devotos de Edmundo é muito mais importante e eficaz solucionarem imediatamente seus problemas terrenos do que conhecer a doutrina sagrada da Igreja. Devoções assim tem sido um suporte de ajuda para solução de diversos problemas na atualidade que afeta o campo religioso em plena transformação.

Eles os devotos estabelecem uma relação de foro íntimo, emocional e afetivo com Edmundo. Na tradição católica, onde provem os devotos que estão inseridos nesta cultura religiosa, é perceptível notar que os devotos tanto recorrem dialogicamente aos santos institucionais, quanto invocam Edmundo o santo marginal desconhecido pela Igreja. Para os devotos existe uma relação de socialidade entre eles, formando uma comunidade entre santo e fiel. Primeiro porque os devotos se identificam com sua história de vida, força e morte. Eles os devotos se veem nele, se inspiram nele. O processo de conhecimento desta suposta santidade surge por meio da narrativa oral que é passada de geração a geração.

### 3.2.3. Santos, mitos, subjetividades

Para Calavaia Sáez, 2009, os santos, personagens locais, atravessam fronteiras entre as religiões e podem ser vistos como atores essenciais dentro de uma rede de relações a unir mitos, devotos, lugares, objetos ou personagens sagrados, rituais, doutrinas e, como um limite externo, Deus. O autor define "santos" como sendo àqueles personagens que ocupam um espaço entre as divindades e os fiéis, e também, entre a eternidade das primeiras e o tempo histórico dos segundos. Assim, para existir, os santos precisam de uma divindade que permita esse tipo de

mediação, ou seja, da dicotomia divino/humano. Para Calavia Sáez “a religião popular é a religião normal, não uma versão empobrecida de algo que se manifesta alhures com maior eficiência” (Calavia Sáez, 2009, p. 201).

Segundo Calavia Sáez, uma das coisas que os santos podem fazer pela antropologia da religião, é ajudá-la a repensar a hierarquia dos sujeitos com que ela estabelece sua interlocução. O culto aos santos é uma relação com formas semelhantes às que regem a socialidade comum: estabelece-se entre sujeitos. A relação com o santo, embora hierárquica, está marcada por uma sem-cerimônia e não é exclusivista. Nesse sentido, os santos fazem parte do social, das redes sociais: são outros, conectados dentro de um sistema de diferenças. Deus, pelo contrário, vale pela própria ordem social ou por uma alternativa a ela.

Para Calavia Sáez, os dogmas não procedem de uma reflexão abstrata, mas de um comentário dos mitos. Não há uma imaginação se desviando da doutrina, mas uma doutrina se encaminhando no meio da selva da imaginação.

É um engano dizer que a mitologia normal se desvia da mitologia oficial. Ela não se desvia: torna-se, simplesmente, mais extensa, incomparavelmente mais extensa, e a oficial cabe, com muita folga, dentro dela. O trabalho da ortodoxia consiste em selecionar nesse universo algumas linhas de relato (cada vez mais sóbrias, à medida que a doutrina se dê-mitologiza) e manter o monopólio da interpretação (Calavia Sáez, 2009, p. 2009-10).

Diferentemente da devoção a Edmundo que parece ser mais privada e ligada a práticas mágicas, as devoções populares e festas de santo institucionais em Benjamin Constant atende a interesses não estritamente religiosos: a produção desses rituais interessa a políticos locais e regionais que comparecem a esses eventos, às procissões e marchas e as patrocinam.

Para Calavia Sáez, a antropologia deve repensar a relação entre deuses e santos “via de regra, entende-se que o culto aos santos deriva do culto à divindade, ou (...) é uma intermediação entre o deus e o fiel. Mas seria possível pensar, pelo contrário, que a divindade é uma elaboração que pretende totalizar a suma dos objetos e das relações que compõem uma religião. O Deus seria um super-santo, antes que o santo um infra-deus” (*idem*, p. 207).

Examinando os relatos orais de milagres, que fazem parte da devoção a Edmundo constatamos que o devoto recorre ao santo e geralmente atribui a ele a graça eventualmente

alcançada, ou seja, reconhecem o poder do santo em atender seus pedidos, mesmo que alguns desses devotos reconheçam que é Deus que age em seu favor por mediação de Edmundo.

Podemos pensar a devoção a Edmundo como um mito. A elaboração teológica, letrada, erudita do clero e as religiões evangélicas se opõem à devoção a Edmundo e tentam deslegitimá-la. A aversão ao santo faz parte de um movimento que, desde uma perspectiva religiosa dogmática, combate a pluralidade de crenças em prol de um princípio único universal: Deus, definido pelos especialistas do sagrado.

Para Calavia Sáez o estudo dos santos se insere na procura de uma antropologia simétrica. Os santos podem contribuir à redefinição de um campo religioso em que os agentes não sejam mais as igrejas instituídas e nem os indivíduos empíricos. Os santos formam redes fugazes de atores focadas na mediação, constituem universos tangíveis da perspectiva de cada devoto, “uma Religião - definição e explicação dessas redes imprevisíveis - só pode ser estabelecida mediante uma interessada ignorância de toda essa superabundância de seres que povoa a religião sem maiúscula” (*idem*, p.215).

O autor faz uma aproximação entre o culto aos santos e o xamanismo, pois, entre outras semelhanças, “ao lado do culto institucional dos santos permanece o hábito de uma relação pessoal entre o devoto e uma série de seres que só podem entrar a participar das redes sociais mediante uma disciplina especial da percepção” (*idem*, p. 212-13).

No contexto amazônico, dentro desse universo de seres considerados sagrados e que são tidos como agentes por boa parte das pessoas, Edmundo é visto por seus devotos como um sujeito ativo com o qual eles dialogam por meio dos seus rituais e ações religiosas. Percebemos então que o cemitério não é somente considerado um lugar sagrado, mas um espaço onde a polaridade entre sagrado e profano oscila, ora para um lado, ora para outro (Van Genep, 1978).

Sherry Ortner (2007), inspirada, entre outros, nos estudos de Giddens, que enfatiza a importância de um elemento de *agency* em todos os sujeitos sociais, ou seja, que os sujeitos são “conhecedores”, e assim, capazes de agir a favor e contra as estruturas que os formaram. Para a autora o sujeito produzido cultural/religiosamente, é definido “não só por uma posição particular numa matriz social, econômica e religiosa, mas por uma subjetividade complexa, um conjunto

complexo de sentimentos e medos, que são centrais para todo o argumento” (Ortner, 2007, p. 386). Subjetividades são complexas porque são culturalmente e emocionalmente complexas, mas também por causa do trabalho de reflexividade em andamento, monitorando a relação do eu com o mundo.

O mundo contemporâneo gera a perda de uma identidade religiosa referenciada nas instituições religiosas oficiais e cria a subjetivação da maneira de crer de acordo com interesses mais individualizados. Mas quando falamos deste campo religioso, percebemos que o debate se torna tenso, pois as maneiras de pensar a religião são múltiplas, diversas, e a cada dia só percebemos que o ser humano busca explicações, interesses próprios, e certa afinidade com aquilo que ele pode chamar de liberdade de escolha ou de crenças. A sua liberdade em optar por uma religião precisa estar de acordo com sua própria identidade, com sua cultura e com suas experiências pessoais. Percebemos então, que diante deste modo de pensar a contemporaneidade, as instituições estão em certo sentido perdendo a sua credibilidade. Cria-se uma desregulamentação no sistema de crenças, as diferentes formas de crenças vão surgindo e gerando um movimento constante de tensões e disputas no “mercado de bens simbólicos”.

Diante dos estudos sobre religião ou religiosidades, o tema em tela tem como pano de fundo a Igreja Católica ou diversos estudos que sem tem sobre esta Instituição Religiosa dominante no Brasil. O que se busca é compreender as diversas maneiras de ser católico na modernidade, os recursos simbólicos que os devotos de Edmundo produzem ao manifestam opção por tal crença, que sobrevive às margens da Igreja. Karnal e Fernandes, 2017, tratam do catolicismo popular como um “tipo de ligação entre o fiel e o santo que independe da sanção da Igreja, ainda que não prescindia dela. Trata-se de uma ligação mais de foro íntimo com o sagrado, algo pouco doutrinal” (Karnal e Fernandes, 2017, p. 180).

Devoções como a de Edmundo existem em âmbito nacional, como afirma Karnal e Fernandes, 2017,

O Brasil, bem como qualquer país de matriz católica, está cheio de santos fora do altar, esperando o reconhecimento da Igreja. Ou, nem sequer necessitando dele. A canonização é espontânea. O postulante a santo pode ser um padre ou um bandido, pobre coitado ou ricoço com fama de evérgeta, criança ou velho. Muitos transitam nas fronteiras da fé católica com outras (Karnal e Fernandes, 2017, p. 184).

Mesmo reconhecendo a amplitude deste tipo de devoção, neste trabalho procuramos nos deslocar para uma devoção de âmbito particular, em um espaço geográfico delimitado, a cidade de Benjamin Constant, devoção esta que não ultrapassa os limites da cidade, mas circulariza-se por ser um lugar de fronteira. Mesmo tendo sido um assassino, os fidelíssimos devotos de Edmundo o veem como injustiçado, homem bom, capaz de, mesmo depois de morto, livrá-los de seus problemas terrenos e espirituais, resolver situações que não veem perspectivas de serem atendidas de outras formas.

Nesse ínterim a lógica desta reflexão é de interpretar a dinâmica destas devoções em plena transformação da era moderna, da transitoriedade das crenças, da individualização das práticas e do pluralismo religioso em que o fiel está apto a experienciar na contemporaneidade.

É importante saber que a devoção popular está impregnada na tradição de culto aos santos, numa relação dialógica e de interação específica entre o fiel e o santo, como afirma Karnal e Fernandes “se não é possível estar diretamente de frente a Deus, muitos católicos e ortodoxos podem contar com seres intermediários para que a graça divina se espalhe e seja presente entre nós (Karnal e Fernandes, 2017, p. 205). Ainda segundo os autores,

“Historicamente, a santidade evidencia um cruzamento interessante entre a tradição do sagrado judaico e o hábito greco-romano de se relacionar com heróis e imagens. O cristianismo combina muitas fontes, e cada imagem de um santo tem um pouco de todas estas origens” (*idem*).

A devoção popular combina aquilo que Mauss (2003) caracterizou como relação de práticas entre alianças ou contratos na forma de dom e contra-dom, em que o fiel se compromete a pagar simbolicamente ou materialmente o que prometeu ao santo. Neste sentido, a reflexão acerca desta temática descortina infinitas expressões, nas quais estão presentes a religiosidade institucionalizada, a fé pautada na hierarquia da Igreja Católica, que representa uma estrutura racionalizada de especialistas do sagrado e que tem certo controle sobre outras práticas. De um lado temos outro cenário que também se descortina numa crença pautada na espontaneidade de fé, subjetividade dos agentes desta crença, e por outro lado o emocional segundo Meslin (2014). Este tipo de prática constrói-se a partir da devoção popular que se legitima sem formalidades.

Para Giumbelli (2011), a noção de crença foi fundamental para a definição moderna de religião, embora reconheça que é evidente a existência dela na modernidade, para o autor as crenças se apresentam de forma complexa, e se manifestam com várias nuances.

Num mundo diversificado, plural, variadas serão as maneiras de viver o sagrado e de se conectar com aquilo que o religioso, ou fiel considera o Absoluto: Deus. Diante de tantas incertezas, medo, conflitos existenciais que a modernidade cria, o homem busca caminhos para se chegar à felicidade, ou respostas para suas indagações. Ele, o religioso é carente a todo o momento de crenças. A religião ou a religiosidade é uma forma explicativa para todos os seus questionamentos, nesse caso o homem religioso ou fiel precisará se apoiar em alguma âncora que lhe dê este suporte emocional ou que transmita segurança.

Para Giumbelli, baseado nos pensamentos de Latour e Asad, trata-se de compreender a “crença” como definição moderna do religioso, pois quem cria a crença é a força social. Diante da modernidade o sujeito religioso se sujeita a crer ou não crer, mas sempre na condição de busca de verdades. O interessante nessa idéia de crença, é que o sujeito religioso não está interessado em querer descobrir, ou entender o que é essa crença e quais são suas implicações, como ela se origina, qual seu processo histórico, mas o homem religioso preocupa-se em crer em algo que o sustenta, particularmente, em momentos de crise.

O sujeito religioso acredita no milagre, na cura, e traz à tona a humanização do divino por meio de seus rituais, isto de fato é o que lhe preocupa. Nessa lógica seguindo o pensamento de Latour, Giumbelli observa que “Deus é menos importante do que a religião” (Giumbelli, 2011, p. 333). De fato, diante de uma infinidade de alternativas, o sujeito religioso está à vontade para escolher no que crer para saciar o seu desejo de verdades.

É evidente que o que consegui identificar no cemitério em relação à devoção dedicada a Edmundo, são gestos e comportamentos religiosos de pessoas que recorrem a ele, transferindo seus problemas pessoais. Esta é uma manifestação do que eu poderia chamar de sistema religioso, de uma fé fragmentada e apoiada numa devoção popular, que surge a partir de um sistema considerado institucional, que o próprio catolicismo cria. Esta devoção seria a resposta de resistência ao poder eclesial que a desconhece. Percebemos que as manifestações religiosas estão em toda parte tentando sobreviver, muitas religiões, como a católica, também estão se fragmentando na modernidade, estão se individualizando.

À medida que a modernidade avança, a religião vai ganhando novas interpretações, novos sistemas de crenças vão se formando e surgindo em relação ao homem religioso. Para algumas dessas interpretações Hervieu-Leger nos apresenta uma idéia pertinente: “Todos esses fenômenos

dão um peso irrefutável a idéia de uma modernidade racionalmente desencantada, definitivamente alheia à religião” (*idem*, p. 21).

É como se estivéssemos entendendo, que todos aqueles que são considerados devotos de Edmundo, estão desencantados ou desiludidos com a idéia de uma religião extremamente racional que a própria Igreja prega, abolindo a ideia de novos entendimentos a respeito de uma religião pregada pelo poder institucional ou de diferentes religiosidades, ou que estas manifestações religiosas não fazem parte de um sistema religioso de uma crença.

Para se entender melhor este sistema de crença que se constrói em torno de Edmundo, verificamos que as orações individuais, específicas em que os devotos manifestam ou são levadas a Edmundo, expressam os ritos que são manifestos também individualmente. O que foi visto socialmente, ou expressam uma coletividade perante sua devoção, foi o dia dos finados, em que os devotos manifestaram por Edmundo uma devoção mais afluída.

É exatamente no cemitério que este fenômeno religioso se manifesta, se individualiza, porque é lá que a crença popular emerge em toda a sua complexidade. Através destes atos religiosos podemos observar a existência de um grupo devotado a um “santo” popular ou local, é uma forma de fazer valer a existência de uma crença que a era moderna gerou.

Com a radicalização da modernidade, surgem no campo religioso, espaços para a construção das novas formas de crer. As instituições vão perdendo a credibilidade e a era moderna vai gerando nas pessoas um sentimento tenso, de constantes incertezas.

Ao mesmo tempo em que se deixa de pensar a religião pelo prisma exclusivamente do desencantamento racional, passa-se a ter um interesse maior pelo processo de decomposição e de recomposição das crenças que não se relacionam com o âmbito da verificação e da experimentação, mas encontram sua razão de ser no fato de darem um sentido à experiência subjetiva dos indivíduos (Hervieu-Leger, 2008, p. 22).

São essas experiências subjetivas dos devotos que busco destacar no meu trabalho, procurando compreender esta devoção que não precisa necessariamente do reconhecimento da igreja para existir. Mas descubro que nos gestos, nos rituais, nas formas de expressão da devoção, nas orações, na visão de mundo de cada devoto se redescobre uma nova possibilidade de crença.

Permaneço-se, então, na singularidade das construções de crenças individuais, em seu caráter maleável, fluido e disperso e, ao mesmo tempo, na lógica dos empréstimos e reutilização de que as tradições religiosas históricas são objetos. Através da

“bricolagem”, “braconagem”, e outras “colagens”, avança-se progressivamente rumo a uma descrição extensiva da paisagem moderna das crenças (*idem*, p. 22).

A individualização da crença se constitui no seio de religiões institucionais, que tem uma origem, uma genealogia em uma única doutrina. Estas variações de crenças que o saber institucional gera e que são características próprias da modernidade são objetos de estudo de Hervieu-Leger, que enfatiza a diferenciada religiosidade da esfera do sagrado e como isso se apresenta. Vejamos: “A religiosidade está em toda parte”. Religiões “à la carte”, religiosidade “flutuante”, crenças “relativas”, novas elaborações sincréticas: a religiosidade “vagante” (*idem*, p. 25).

Hervieu-Leger enfatiza que a religiosidade estando em toda parte, significa dizer que é em favor dela que se legitima a organização social do grupo ou do ser sagrado, ela incorpora para si uma ideologia que é vivenciada nas práticas, nos valores, nos costumes do grupo em si, preserva a memória daqueles que tem a mesma crença. Isto é muito forte em relação à imagem de Edmundo, todos os devotos quando se reúnem em uma unidade de devoção a Edmundo, falam com muita firmeza o respeito que se tem pela sua santidade. “Uma religião, nesta perspectiva, é um dispositivo ideológico, prático e simbólico pelo qual se constitui, se mantém, se desenvolve e é controlado o sentimento individual e coletivo de pertença a uma linhagem particular de crentes” (*idem*, p. 27).

Penso que a devoção a Edmundo se individualiza num contexto em que os próprios devotos reatualizam nos ritos, nas práticas, nos costumes, a partir de uma tradição em que a memória está sempre sendo instigada a trabalhar. A morte dele, o sofrimento, a tortura é sempre mencionada e relacionada com os problemas, os sofrimentos dos devotos.

Passado e presente estão sempre se constituindo, rememorados pelos praticantes da crença. Sabemos que a modernidade produz o esquecimento da memória, dos fatos e dos acontecimentos, dentro de um processo que numa perspectiva weberiana denomina-se de destradicionalização, na qual os sentidos voltam-se mais para as ações e crenças individuais. Poucos conhecem a narrativa de Edmundo, mas, os que a conhecem vão dando um sentido simbólico para a esta devoção, ligando passado e presente e intensificando a crença.

Percebi que vários pais levavam ao cemitério, seus filhos para conhecerem a crença ou a devoção que tem em torno da imagem de Edmundo. Na medida em que estas práticas vão sendo realizadas, a religião está continuamente se movimentando, se recriando e sendo rememorada.

São estas experiências religiosas e subjetivas que vão originando novas características as concepções religiosas modernas, gerando uma identificação com o sagrado.

Os crentes modernos reivindicam seu “direito de bricolar”, e ao mesmo tempo, o de “escolher suas crenças”. Mesmo os mais convictos e os mais integrados a uma determinada confissão fazem valer seus direitos a busca pessoal pela verdade. Todos são conduzidos a produzir por si mesmos a relação com a linhagem da crença na qual eles se reconhecem (Hervieu-Leger, 2008, p. 64).

A era moderna também cria a ideia de desinstitucionalização da crença, nos fazendo compreender que não é somente a instituição que é digna de ser reconhecida, mas sim os espaços em que o homem consagra como sagrado.

Claro que estas maneiras de estar e se situar nesse mundo, dependem muito do contexto e da cultura onde se está inserido. Não pretendo aqui, pois definir religião e provar nada sobre os supostos milagres de Edmundo, não pretendo fazer nenhum julgamento da forma de crer das pessoas, até mesmo porque a própria antropologia tem me ajudado a compreender e a respeitar a crença das pessoas.

Isso, pois tem sido um grande esforço antropológico para mim, tenho tentado exercitar o meu olhar antropológico de forma ética e do ponto de vista da ciência, observando, descrevendo a crença, os rituais dos devotos. Claro que a antropologia como ciência se interessa em compreender esta abordagem e tenho me fundamentado em alguns teóricos da antropologia para compreender este fenômeno que julgo ser tanto social, como também econômico, cultural e político.

A devoção a Edmundo existe, isto é claro e visível, mesmo que não alcance muitas proporções, ele não possui ainda muito holofote e nem está em nenhum altar à maioria das pessoas que estão vivas ainda no momento não conheceu a história de sua morte. E as que conhecem a história de Edmundo, passaram a serem seus devotos, muitas destas histórias são transmitidas com novas idéias e estão fixas nas mentes destes devotos. Mesmo os devotos não tendo conhecimento de alguns detalhes de sua morte e nem existir nenhuma fotografia para a identificação da imagem de Edmundo, a religião e a fé são capazes de transmitir e de criar uma imagem na mente deles, que expressem o desejo da alma em vários aspectos, mas pode também produzir um efeito contrário.

A partir do momento em que o homem tem a capacidade de crer na hierofania, o divino passa a ser manifesto e revelado para ele de acordo com as modalidades da experiência religiosa. O mundo da pessoa religiosa transcende a idéia de racionalidade, as emoções estão a todo o momento afloradas, o homem é sedento pelo sobrenatural, ele deseja a todo o momento fazer parte de uma dimensão sacra que lhe fortalece. Eliade (2010) também fala na cosmogonia, ou seja, o homem é um pequeno universo dentro de um macro universo carregado de valores religiosos e de significados. A partir do momento em que os devotos ressignificam suas práticas devocionais a Edmundo, eles automaticamente reconstruem e relembra a cosmogonia, reatualizam os ritos, no sentido de um início e um fim.

Às segundas-feiras e o dia dos finados representam para estes devotos o início desta ordem cósmica que seria exatamente como um círculo, que representa a vida e a morte, um momento ritualístico de estabilização desta ordem cósmica. Toda segunda-feira, inicia-se um ritual de praxe que se repete de acordo com a devoção manifestada a ele, como se a ordem cósmica citada por Eliade se renovasse no começo de cada semana, ano ou mês.

O dia de finados é entendido para se lembrar da vida, o nascimento, o sofrimento, a dor e a morte daquela pessoa que um dia esteve viva. Como dissemos, estes rituais são realizados através da oração do Pai Nosso, Ave-Maria, Salve Rainha, o Credo, e por último o diálogo que seriam fórmulas mágicas pronunciadas no momento do ritual para chamar a existência e atenção de Edmundo. Isto seria também a manifestação dessa cosmogonia, tão citada por Eliade, o início e o fim desde a fundação do mundo, a repetição anual da cosmogonia, o início de cada ano, um ciclo vital.

A morte nesse caso é o que revela o sagrado, o desconhecido e o momento religioso acontece precisamente na execução desses rituais, na oração, no acender as velas, em depositar as flores etc. É nesse momento em que o devoto relembra e reatualiza a cosmogonia, lembrando que o mundo fora constituído de um início e um fim. “O caos e o cosmos” enfatizado por Eliade, como já citei acima.

A partir do momento em que o devoto não cumpre com seus rituais, acredita que ele cria um caos no plano espiritual ou na sua devoção, uma ruptura nesse mundo que ele vê como espiritual e sagrado. Estas são algumas de minhas interpretações que estão de acordo e fundamentadas nas idéias dos autores citados, mas que também foram analisadas e interpretadas de acordo com a visão de mundo e do entendimento dos próprios devotos, transmitidos em suas

falas, suas práticas devocionais dedicadas a Edmundo. Em algumas versões dos devotos, Edmundo quando se aproximava da sua morte gritava por justiça, e que ainda hoje seus restos mortais estão perfeitos, por ele ser santo.

Das várias vezes que estive dialogando com os devotos e os interlocutores, eles nunca aceitavam a idéia de que ajuda do médico pudesse tê-los curado, que ele estava vivo ainda pelo fato de ter tomado o remédio que prolongou sua vida, de que choveu várias vezes e que isto é uma coisa natural, que ele conseguiu emprego devido a sua capacidade, que alguém conseguiu se libertar das drogas ou do álcool por vontade própria. Mas todos estes prodígios foram alcançados pelo entendimento que se tem sobre religião e confiança em Edmundo, segundo aquilo em que os devotos acreditam.

Vejamos o que Max Weber expõe sobre ação religiosa:

A ação religiosa ou magicamente motivada é ademais, precisamente em sua forma primordial, uma ação racional, pelo menos relativamente ainda que não seja necessariamente uma ação orientada por meios e fins, orienta-se, pelo menos pelas regras da experiência (WEBER, 1999, p.279).

São estas experiências que tenho tentado compreender, experiências estas que na maioria das vezes são tão simples, mas que tem um sentido tão complexo, principalmente quando tentamos adentrar ao mundo dos outros, num exercício de interpretar uma realidade permeada de significados que às vezes passam despercebidos ao nosso mundo e aos nossos olhos. Este universo que muitas vezes é subjetivo e faz parte das experiências vivenciadas pelo outro e que o pesquisador precisa estar atento e com olhos bem aguçados para não se perder.

Percebi que a maioria das pessoas que procuram a sepultura de Edmundo, prefere estar com ele a sós, pois há pedidos que não podemos saber, é algo muito individual em que a maioria dos devotos não quer revelar, são pedidos considerados muito íntimos. Identifiquei e conversei com devotos que demonstravam uma atitude muito receptiva, tinham maior prazer em me revelar e contar sobre os pedidos alcançados, queria a todo custo que a devoção a Edmundo fosse divulgada e reconhecida. Muitos deles se sentiam à vontade quando estive por alguns momentos observando os rituais praticados dentro do jazigo, mas na maioria das vezes me ausentei para não distraí-los. Percebi que muitos deles neste momento se desconcentravam quando me viam observando-os.

Muitos dos devotos já estavam familiarizados com minha permanência no cemitério todas as segundas, era o momento dos nossos encontros. Eu ficava esperando os devotos chegarem e ia me aproximando lentamente, esperava eles de imediato acenderem as velas, rezarem e depois conversava com eles. Fiz isso durante algumas vezes para não prejudicá-los, pois eles esperavam a semana inteira e não podia prejudicar este momento que é considerado importante para as práticas devocionais.

No momento em que os devotos rezam ou oram eles expressam ideias, sentimentos, respeito pela divindade, devotam sua fé em uma entidade considerada para eles sagrada. Muitos destes devotos se concentravam fixamente, fechando os olhos, cruzando as mãos, se ajoelhando perante o túmulo, conversando em voz alta, em silêncio, divulgando a devoção com alguém que não sabia, apresentavam para outras pessoas o túmulo de Edmundo. Foi neste dia que conheci um homem que levava o seu sobrinho para conhecer o túmulo de Edmundo. O adolescente de aparentemente 15 anos estava necessitando de uma ajuda, queria ele passar de ano no colégio, e pedia a Edmundo para que conseguisse passar nas provas consideradas difíceis. Vi quando o homem disse a ele: “*Comece rezando o Pai-nosso, Ave-Maria, fala prá ele tua necessidade e depois tu acredita, não duvida senão você não vai conseguir*” (2016).

No momento em que o devoto executa suas práticas, é o momento em que ele medita e reflete na divindade. Mauss (2009) foca na ideia de que na “prece o fiel age e pensa. E ação e pensamento estão estritamente unidos, jorram num mesmo momento religioso, num só e mesmo tempo. Esta convergência, aliás, é totalmente natural. A oração é uma palavra” (*idem*, p.230).

O momento religioso, o diálogo, o culto que o fiel tem com o santo é o momento em que ele transmite uma meta que ele quer alcançar com o santo, seus objetivos estão expostos, suas palavras precisam ter um efeito em que ele traduz um desejo da sua alma, um querer, a oração tem um poder excelente quando se quer agradar, chamar a atenção do ser divino, a palavra é uma arma poderosa quando se quer convencer o divino. Outro ato importante para a crença é o rito, tem essa importância porque é ele que dá sentido à crença. Vejamos o que Mauss nos apresenta em relação à importância da oração na vida religiosa: “A oração é um fenômeno central no sentido de que é um dos melhores signos e pelos quais se manifesta o estado de adiantamento de uma religião” (*idem*, p.232).

Isso me faz lembrar os próprios devotos de Edmundo, quando falam que são católicos, que também acreditam em santos institucionais, que vão à igreja, porque de fato a igreja é uma

instituição importante para eles, mas nem por isso deixam de realizar suas práticas religiosas alternativas e nem deixam de buscar ajuda com Edmundo.

O cemitério é um lugar sagrado também, seria a porta de entrada que une o fiel e o santo, representa a porta de entrada para o céu ou o centro das manifestações devocionais. Para as manifestações das práticas religiosas populares, não é necessariamente importante ter um lugar apropriado para isso acontecer, a não ser que os devotos, os adeptos, consagrem o lugar como sagrado.

Quando Mauss aborda o tema da oração como fenômeno extremamente importante, afirmando que a existência dela precede a religião, entende-se que a ideia de religar, de elo, de união a alguma entidade divina, pode surgir simplesmente pela palavra, pelo diálogo, pela oração propriamente dita e podem manifestar-se em qualquer lugar, Os devotos me falavam que quando não podiam ir ao cemitério na segunda, eles acendiam as velas para Edmundo, atrás de suas casas, e, ao ar livre conversavam com Edmundo, através da oração, meditavam, faziam suas preces e ligava-se a ele.

Devotos que vivem em outras localidades também acendem velas para Edmundo, conheci uma devota que mora na cidade de Manaus e acende as velas para ele no cruzeiro do cemitério de lá onde, todas as segundas, ela se lembra de repetir este ritual. Outro devoto me falou que quando está trabalhando no rio, ele acende as velas para Edmundo nas margens dos igarapés.

Vimos então que realmente de acordo com o pensamento de Mauss, a oração é o adiantamento de uma religião, a oração tem a capacidade de unir, de religar o fiel ao seu deus, chamar a sua existência. A oração tem uma função específica para determinados fins materiais, é uma forma de sobreviver, de ter força para enfrentar as lutas, ela é capaz de gerar uma esperança que se devota em algo sagrado. Assim, afirma Mauss: “No caso, mesmo que a oração seja individual e livre, mesmo quando o fiel escolhe segundo o seu gosto os termos e o momento, naquilo que diz nada mais há se não frases consagradas, ele só fala aí de coisas sagradas, isto é, sociais” (Mauss, 2009, p. 245).

Nesse caso, relacionando nossa reflexão com o pensamento de Mauss, vemos que a oração tanto pode ser coletiva, quanto individual. Pude notar alguns casos que constatei no cemitério nas segundas, nas quartas e sextas e, principalmente, no dia dos finados, que a devoção a Edmundo pode ser entendida tanto na perspectiva coletiva, quanto individual. No túmulo dele identifiquei pessoas que se reúnem para fazer manutenção, limpando e pintando, identifiquei

pessoas que escolhem um melhor horário para ir ao cemitério porque querem ficar a sós com Edmundo, não querem ser interrompidos, querem conversar assuntos pessoais e íntimos.

Há devotos que não se incomodam e nem se preocupam com as outras pessoas que se concentram dentro do túmulo, estão lá para cumprir com seus votos, pagar ex-votos e realizar rituais de praxe que já faz parte de uma tradição. Eles neste momento se cumprimentam, conversam rápido, fazem suas orações fixas e depois específicas, tocam no túmulo em sinal de reverência, retiram os restos de velas depositados sobre o túmulo e se vão, acender velas para determinados familiares que estão sepultados ali no cemitério.

Mesmo, ao que se sabe, não tendo parentes vivos na região, percebe-se que o túmulo mais iluminado pela luz das velas é o de Edmundo. As pessoas não o esquecem, não o abandonam. Às vezes no cemitério só tem velas acesas para ele, não se vê mais outras velas, em nenhum outro túmulo. Muitas vezes por coincidência quando estou passando pelo cemitério, percebo devotos dentro do túmulo às 21 h no cemitério a sós dentro da capela à beira do túmulo de Edmundo. São pessoas que verdadeiramente preferem este horário para não serem incomodadas, observa-se que na quarta e na sexta nos horários entre as 15 e às 19 h, algumas vezes, há centenas de velas depositadas para ele.

Em alguns momentos percebi que eu poderia estar atrapalhando os devotos, imaginei que eles poderiam se sentir um tanto constrangidos com minha presença e durante algumas vezes fiquei observando de longe. Algumas pessoas que me viam com frequência no cemitério faziam algumas brincadeiras comigo, porque sempre me observavam sentada no túmulo da Neila. Algumas vezes até diziam que eu parecia uma alma penada, eu ria nestes momentos para descontrair e pensar na pesquisa. O túmulo da Neila já era o nosso ponto de encontro para conversar e colocar em dias as conversas, ou fofocas que também surgem no cemitério.

Se a santidade é prescrita e analisada por alguém que em vida praticou o que era certo, porque Edmundo virara um santo para o povo? Por que lhe foi atribuído um valor simbólico que lhe tornou um santo?

Primeiramente parto do princípio de que essa santidade foi construída depois de sua morte trágica marcada pelo sofrimento e as pessoas associam a idéia de que ele está com Deus, por isso alcançam milagres. Segundo porque, para muitos interlocutores e devotos, ele fez algo que ninguém tinha coragem de fazer, que era desafiar um poder dominante, que explorava, enganava a tantos, Edmundo aparentemente tinha consciência que a pequena vila de Benjamin, estava

cercada de pessoas fortemente influentes, os senhores seringalistas. Que governavam e faziam o que quisessem para prejudicar uma massa que era oprimida como nordestinos considerados arigós, caboclos e indígenas da região.

A santidade de Edmundo para muita gente de Benjamin é algo que incomoda e preocupa, pois muitos estavam e estão ligados a um passado em que eles estão comprometidos visceralmente, principalmente com a rede social de Nicanor, pois a mesma santidade a qual analiso, são fatos que em determinadas regiões do Brasil afora se repetem, fatos estes considerados geopolíticos que desafiam estruturas consolidadas de um poder local. Depois, porque o fenômeno da devoção a ele é manifesto no cemitério e ele possui adeptos que se consideram seus devotos, a personagem de Edmundo é cultuada a partir de diferentes discursos, e de fato existe um movimento prático ou ritualístico da crença em Edmundo.

Embora a Igreja não o conheça, os seus devotos são católicos e usam do poder simbólico que a igreja produz para ressignificarem suas práticas. Estes bens são interpretados pelos devotos e adaptados de acordo com a realidade e necessidades apresentadas por aquele a quem se destinam, ou seja, ao próprio Edmundo. Quando me refiro a bens simbólicos, seriam as formas de crenças, histórias, práticas, devoções, assim como as ofertas no túmulo.

## Considerações Finais

Neste momento, em que os dados da observação de campo já foram expostos e analisados, retomarei alguns pontos elencados até aqui no intuito de sintetizar o que já foi dito, tirar algumas conclusões.

Para compreender a devoção dedicada a Edmundo, realizei um longo trabalho de levantamento de dados, junto aos interlocutores, sobre o passado, para poder vislumbrar melhor e ter uma boa interpretação do fenômeno desta devoção e contextualizá-la no tempo. Tentei mergulhar no passado, para rever fatos históricos, que precederam a história de Edmundo. Como já foi mencionado, devo muito aos interlocutores que narraram para mim o que sabiam, pois foram personagens fundamentais na produção deste trabalho.

Tentei trazer à tona o conhecimento de uma narrativa local que poucos conhecem em detalhe e que gradualmente, se não tivermos o cuidado e a dedicação de registrarmos, estes dados, que considero como um “patrimônio imaterial” acaba sendo esquecidos. A maioria da população não tem muito acesso a estes conhecimentos locais, conhecimentos que julgo importantes e que fazem parte da cultura, da riqueza, de um povo. Por meio desta narrativa pude ter acesso à diversidade religiosa que permeia a vida dos devotos.

Por ser “nativa” de Benjamin Constant, e por isso ouvido a saga de Edmundo desde a minha infância, tive a preocupação em tentar buscar explicações antropológicas para compreender o universo tão rico e interessante que esta narrativa apresenta. Universo este que, ao mesmo tempo, em que aparenta ser simples, se torna complexo para entender, pois apreender o universo do “outro”, contado em fragmentos narrativos diversos não é uma tarefa simples.

Compreender a importância da construção de um “santo de cemitério”, não é um trabalho fácil, analisar fatos, evidências, determinadas práticas religiosas de um grupo que existe e muitas vezes nos passa despercebido aos olhos. Foi nessa perspectiva que me preocupei em levantar dados, para obter conhecimento acerca da devoção a Edmundo. Foi por meio da pesquisa, como já havia falado, que consegui com propriedade detectar as informações almejadas para descrever e analisar o imaginário religioso que se constrói em torno da memória e da imagem de Edmundo, compreender o processo de “santificação” que surge após sua morte.

No percurso da pesquisa foi constatado que poucos conhecem a fundo a história relativa ao tema. E que esses poucos que ainda restam, vivenciaram e conhecerem de perto Edmundo, afirmam que sua passagem em Benjamin Constant foi por pouco tempo e que sua fama de santo surge pelo seu intenso sofrimento e sua morte trágica e misteriosa na cela da cadeia pública local. Assim, a dor, o sofrimento e a morte violenta é que dão força e vida a este imaginário e a esta devoção, talvez uma alusão ao sofrimento de Cristo no Calvário. Como afirma Eliane Freitas “A dor é construtora” (Freitas, 2000, p. 196). Para os fiéis a imagem do sofrimento vivenciado por Edmundo pode aparecer aos devotos como processo de sublimação dos seus “pecados”. A morte nesse caso é o âmago da narrativa.

Os devotos e suas práticas de devoção são elementos importantíssimos para se compreender este fenômeno religioso, eles na verdade dá vida a produção simbólica da crença. Frente a esta produção simbólica ou carga simbólica que os interlocutores produzem, fiz um levantamento para identificar e evidenciar estes relatos.

O cemitério, particularmente o túmulo de Edmundo, foi o espaço sagrado em que pude identificar esta energia social que era tão presente nos depoimentos. O cemitério representou um campo profícuo para minha análise da devoção marginal, pois foi no espaço do cemitério que identifiquei a materialização da fé, da devoção de seus praticantes. O dia de finados foi o momento em que pude perceber a “efervescência” dessa devoção no discurso dos interlocutores.

Levantei ao longo da pesquisa algumas perguntas e procurei respondê-las à medida do possível: o que a imagem de Edmundo representa atualmente para aqueles que lhe reverenciam ou são considerados seus devotos, se existe uma visão única ou diferenciada. Ele representa uma possibilidade de crença, representa uma devoção alternativa que não é reconhecida pela Instituição eclesiástica local e quem dá vida a esta devoção são os seus próprios devotos.

Todos os devotos sabem que em vida Edmundo cometeu um homicídio, mas isto não impede que esta devoção morra, ao contrário, ela cria existência e justifica-se pelo fato deles acreditarem que Edmundo alcançou o perdão de Deus e virou santo milagreiro. Esta ideia se fortalece pelo sofrimento pelo qual ele passou antes de morrer. Entretanto, alguns dos interlocutores pensam e afirmam que Edmundo jamais se tornará um santo e nunca será reconhecido pela igreja.

Todos os devotos com os quais conversei são católicos, deste modo enquanto alguns deles admitem esta possibilidade de santificação informal, outros não a reconhecem, alguns destes afirmam serem praticantes ortodoxos da doutrina católica.

Buscar também compreender a voz e a visão de mundo daqueles que negam a suposta santidade de Edmundo e foi manifesta no discurso de uma interlocutora ao me negar informação a respeito do fenômeno religioso em questão, afirmando que Edmundo está num plano em que ela considera entre o bem e o mal, ao mesmo tempo em que ela nega a devoção.

No tocante a devoção marginal em Benjamin Constant, analisamos a devoção de um grupo que se dedica a religiosidade devotada a Edmundo Pé de Ferro no cemitério São Francisco, principalmente na segunda-feira e, sobretudo no dia dos finados. Como mencionei ao longo deste trabalho, estes devotos que cultuam o túmulo de Edmundo são na sua grande maioria católicos e devotos também dos santos institucionalizados.

A noção de sagrado que se desenvolveu no movimento desse grupo em questão se fundamenta na própria Santidade em construção de Edmundo, por meio da própria legitimação dada pelos devotos. Esse tipo de prática popular, denominamos de marginal, um tipo de catolicismo que não segue os patamares da Igreja oficial Católica. Em outras palavras, referem-se à criação, pelos devotos, de realidades transcendentais a partir da realidade temporal. O grupo de Edmundo como menciono acima, cultua também os santos fortes da referida igreja, cumprem suas devoções, vão à procissão, e comungam com práticas consideradas altamente sagradas, como dogmas, doutrinas, ritos e guardam determinados dias considerados santos.

Penso que a construção social da crença na santidade de Edmundo surge em razão de alguns elementos estruturantes, como a sua própria personalidade, reconhecida por muitos como reservada, misteriosa e desconhecida, por ser considerado um forasteiro, um arigó e, sobretudo, pelo tipo de morte pela qual passou: um rito sacrificial.

## Referências Bibliográficas

- ARANTES, Antonio A. (1997) A Guerra dos lugares. In: *Cidade, cultura e globalização*, FORTUNA, Carlos (org.). Oeiras (Portugal), Celta Editora, pp. 259-279
- BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia – Formação Social e Cultural*. 3ª. ed. – Manaus: Editora Valer, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. O mercado dos bens simbólicos. In: *A economia das trocas simbólicas* (org. Sérgio Miceli). São Paulo: Perspectiva, 1974. Pp. 99-181.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Sacerdotes de viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. São Paulo, brasiliense, 1986.
- \_\_\_\_\_. Fronteira da fé: alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 261-288, Dez. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000300017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300017&lng=en&nrm=iso). acessado em 29 de Julho de 2018.
- CALAVIA SÁEZ, Oscar. *Fantasma falados: mitos e mortos no campo religioso brasileiro*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.
- \_\_\_\_\_. O que os santos podem fazer pela antropologia? *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 198-219, 2009. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-85872009000200010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872009000200010&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 13 jul. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872009000200010>.
- CANIELLO, Márcio. “Patronagem e Rivalidade: Observações Iniciais sobre Processos de Modulação Ética numa Cidade do Interior”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. 5(14):46-58, 1990<sup>a</sup>.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever”. In: *O trabalho do Antropólogo*. Brasília, Paralelo 15; Unesp, 2000, pp. 17-36.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Os Diários e suas margens*. Brasília: Editora brasileira, 2002.
- DEBERT, Guita. “Problemas Relativos a utilização da história de vida e da história oral”, In: CARDOSO, Ruth. (Org.) *A Aventura Antropológica*. Teoria e Pesquisa, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- DIEHL, Astor Antônio. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. Baurú, SP: Edusc, 2002.
- DURKHEIM, Émile. *As Formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Émile Durkheim; tradução Joaquim Pereira Neto; revisão José Joaquim Sobral. – São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*; tradução Rogério Fernandes – 3. Ed- São Paulo: Editora WMF. Martins Fontes, 2010.
- FAULHABER, Priscila. “Tentando uma antropologia operativa”. *Anuário Antropológico* 85. Brasília: Tempo Brasileiro, 1986 pp. 79-106.

- FERRETI, Sérgio. Religião e Festas Populares. In: *XIV Jornadas sobre Alternativas Religiosas en América Latina*. Buenos Aires, 2007.
- FREITAS, Eliane Tânia. *Ciências Sociais y Religion*. Porto Alegre, ano 2, nº 2, p.191 – 203, 2000.
- FRÚGOLI Jr., Heitor; ANDRADE, Luciana T.; PEIXOTO, Fernanda A. (orgs.). *A cidade e seus agentes: práticas e representações*. Belo Horizonte/ São Paulo: PUC Minas/Edusp, 2006. 408 p.
- GALVÃO, Eduardo. *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: INL, 1976.
- GEERTZ, C. “O beliscão do destino: A religião como experiência, sentido, identidade e poder. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED. 2001.
- \_\_\_\_\_. “A religião como um sistema cultural”. *A interpretação das culturas*. 1.ed., Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323p.
- GIUMBELLI, Emerson. “A noção de crença e suas implicações para a modernidade: um diálogo imaginado entre Bruno Latour e Talal Asad. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano17, nº 35, p. 327-356, jan./jun. 2011.
- HERVIEU- LÉGER, Daniele. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*; tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- JEAN LANGDON, Ester. “A fixação da narrativa: do mito para a poética de literatura oral”. In: *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, ano 5, n.12, p.13 – 36, dezembro de 1999.
- KARNAL, Leandro. *Santos Fortes: Raízes do Sagrado no Brasil*/Leandro Karnal, Luiz Estevam de Oliveira Fernandes. 1ª ed. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, C. “A eficácia simbólica” In: *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1985.
- MARTINS, J. de S. *Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano*. São Paulo: Contexto, 2009.
- MAUÉS, Raymundo, H. *Padres, Pajés, Santos e Festas: Catolicismo Popular e controle Eclesiástico*. Belém, Cejup, 1995.
- \_\_\_\_\_. Religião e política: os deuses do povo (e dos poderosos). (Resenha de Brandão, Carlos Rodrigues. Os Deuses do povo: um estudo sobre a religião popular. São Paulo, Brasiliense, 1980). Disponível em: [http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario\\_antropologico/Separatas1981/anuario81\\_raymundomaues.pdf](http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas1981/anuario81_raymundomaues.pdf) acessado em 06/08/2018.
- MAUSS, Marcel e HUBERT, Henri. *Sobre o sacrifício*. Título Original: Essai sur la nature et la fonction du sacrifice 1899. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- MAUSS, Marcel. *Ensaio de sociologia*. Tradução Luis João Gaio e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2009 – Estudos: 47 dirigida por J. Guinsburg.
- \_\_\_\_\_. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac & Naify, 2003.
- \_\_\_\_\_. “Dom, contrato, troca”. In: *Ensaio de Sociologia*, 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 2001, p. 351-372.

- MENESES, Maria Lúcia. (2009). Pequenas cidades em faixa de fronteira na Amazônia: o caso de Tabatinga e Benjamin Constant. In: *Cidades Brasileiras*, vol. 1, Oliveira, José A. (org.) Edua/FAPEAM.
- MESLIN, Michel. Fundamentos de Antropologia Religiosa: A experiência humana do divino. Petrópolis: Vozes, 2017.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. “Padres e artesãos: Narradores itinerantes”. In: BOTÊLHO DA COSTA, Cléria; MAGALHÃES, Nancy Alessio (orgs). *Contar história, fazer história. - história, cultura e memória*. Brasília, 2001.
- MONTES, M. L. Figuras do Sagrado: entre o público e o privado. In: Schwarcz, Lílian (org). *História da Vida Privada no Brasil*, Vol. IV. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- MOURA, Margarida M. Devoções marianas na roça e na vila. *Cadernos do CERU*, série 2, São Paulo (8), 1997.
- OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. “O nosso Governo”: os ticuna e o regime tutelar. São Paulo: Marco Zero; Brasília, DF: MCT/CNPq, 1988.
- \_\_\_\_\_. *O nascimento do Brasil e outros ensaios*. “Pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.
- ORTNER, Sherry. “Subjetividade e crítica cultural”. *Horizontes Antropológicos*, vol. 13, n. 28. Porto Alegre July-Dec. 2007, pp. 375-405.
- PEREIRA, José Carlos. *Devoções Marginais: interfaces do imaginário religioso*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2005.
- PINTO, Pietà Graça Castro. *Santo de Cemitério: Edmundo Pé-de-Ferro, um caso de devoção marginal em Benjamin Constant – AM*. (Trabalho de Conclusão de Curso - Antropologia). Instituto de Natureza e Cultura – UFAM, Benjamin Constant, 2013.
- RODRIGUES, Carmem Izabel. Entre parentes, vizinhos e amigos. In: *Vem do bairro dos Jurunas*. Belém, Ed. NAEA, 2008, p. 233-277.
- SILVA, S. A. Nacionalidade e etnicidade na Tríplice Fronteira Norte. In: *Cadernos do CERU*, vol 19, n.1, jun, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Migrações na Pan-Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais*. São Paulo, Hucitec, 2012.
- SOARES, Hugo Ricardo. *A produção social do santo: um estudo do processo de beatificação do Padre Rodolfo Komórek* (dissertação de mestrado). Campinas, SP: Unicamp, 2007.
- TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis, Vozes, 1974.
- VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- VICTORA, C. G.; KNAUT, D. R.; HASSEN, M. De N. A. Cap. 6: “Técnicas de Pesquisa”. In: *Pesquisa Qualitativa em Saúde: Uma introdução ao tema*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.
- VIEIRA, J. M. T. “Prefácio”. In: RODRIGUES, G. E; JUSTAMAND, M. (organizadores). *Antropologia no Alto Solimões*. São Paulo: Alexa Cultural, 2012.
- \_\_\_\_\_. *A luta pelo reconhecimento étnico dos Kokama na tríplice fronteira Brasil/Colômbia/Peru* (Tese de doutorado em Antropologia Social). Campinas, SP: Unicamp, 2016.
- WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; Revisão técnica de Gabriel Cohn – Brasília, DF:

Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000.

ZÁRATE BOTÍA, Carlos G. *Espacios urbanos y sociedades transfronterizas em la Amazonia*. Leticia, Amazonas, Colombia: Universidad Nacional de Colombia Sede Amazonia. Instituto Amazónico de Investigaciones – Imani, 2012.